



**Projeto de gestão e programação cultural**

## **ROTA RAIZ: ESCUTAR, OLHAR E ENVOLVER ARRUDA DOS VINHOS**

Rafael Félix Nascimento

**Projeto para obtenção de Grau de Mestre em Gestão Cultural**

**Orientador:** Doutor Nuno Filipe Moreira Ribeiro de Faria

Caldas da Rainha, 2020

**Projeto de gestão e programação cultural**

**ROTA RAIZ: ESCUTAR, OLHAR E ENVOLVER  
ARRUDA DOS VINHOS**

Rafael Félix Nascimento

**Projeto para obtenção de Grau de Mestre em Gestão Cultural**

**Orientador:** Doutor Nuno Filipe Moreira Ribeiro de Faria

Caldas da Rainha, 2020

Em memória de um amigo apaixonado por Arruda:

**Joel Rodrigues (1982 – 2019)**

## Agradecimentos

Estarei eternamente grato à minha mãe e ao meu pai por terem optado por uma vida dedicada ao trabalho árduo para que os seus filhos pudessem ter acesso a outras oportunidades.

Agradeço ao Município de Arruda dos Vinhos, e aos meus amigos Augusto Pinheiro, Bruno Rato e João Mata pelas fotografias e mapas que constam nesta tese.

Ao professor Nuno Faria pela orientação e ao incrível corpo docente da ESAD com o qual tive o prazer de aprender.

Um abraço especial a toda a equipa do festival **Walk&Talk 2019** com o qual tive o prazer de colaborar. Um agradecimento pela simpatia, e visão inclusiva, do diretor e diretora artísticos: Jesse James e Sofia Carolina Botelho.

Um agradecimento especial à minha terra: Arruda dos Vinhos.

Um abraço!

## Resumo

A **Rota Raiz** consiste numa viagem ao território de Arruda dos Vinhos através da investigação, das artes e da programação cultural.

Arruda dos Vinhos é um concelho do distrito de Lisboa da região oeste de Portugal. O território atravessa uma fase de grandes transformações: o legado rural tem vindo a ser ocupado pelo urbano. O território procura o seu ponto de equilíbrio.

As rotas fazem parte da história de Arruda dos Vinhos. O território assumiu-se, ao longo do tempo, como um ponto de passagem, mas também de confluência de vários povos.

A preservação da memória é uma urgência para que as transformações não se concretizem num território sem rumo. A mediação contemporânea da memória é fundamental para que sirva o presente e o futuro das comunidades e da sociedade.

A **Rota Raiz** assenta em dois grandes momentos que mapeiam o território: a criação de novo património com o objetivo de constituição de arquivo, através da colheita de paisagens sonoras e fotografia; e a programação cultural enquanto mediação do arquivo e intervenção comunitária.

A vertente teórica do projeto incide sobre: o estudo do território; a apresentação de estudos de caso, um deles resultante de observação participativa; e uma abordagem teórica à paisagem sonora, fotografia e envolvimento comunitário.

A vertente prática consiste numa proposta desenhada a quatro anos, com o objetivo de integrar a estratégia cultural para o Município de Arruda dos Vinhos.

A curadoria do projeto divide-se em quatro fases que fazem a analogia com os ciclos naturais e, concretamente, com os processos relacionados com a produção de vinho: *Cultivo, Colheita, Fermentação e Amadurecimento*.

Este projeto apresenta contornos ambiciosos, justificando a sua pertinência através do impacto que pode ter no âmbito económico, social, educacional, cultural e artístico no território e na região.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Arruda dos Vinhos – Paisagem Sonora – Fotografia – Programação Cultural

## Abstract

The concept of Rota Raiz consists of a trip to the territory of Arruda dos Vinhos through research, the arts and cultural program.

Arruda dos Vinhos is a municipality in the district of Lisbon in the West region of Portugal. The territory is undergoing through great transformations, as its rural legacy is quickly turning into an urban landscape and the territory seeks its own balance point.

The routes are part of the history of Arruda dos Vinhos. The territory has assumed itself over time both as a crossing point but also as a point of confluence for different communities.

It's urgent to preserve the memory so that the transformations do not take place in a territory that lost its direction. Indeed, the contemporary mediation of memory is essential to serve the present and the future of the communities and society.

The Rota Raiz is based on two great moments that map the territory: the creation of new heritage to constitute an archive through the collection of soundscapes and photography, and a cultural program as mediation of the archive and community intervention.

The theoretical component of the project focuses on the study of the territory, presenting case studies with one of them resulting from participatory observation, and a theoretical approach to the soundscape, photography and community involvement.

The practical component consists of a proposal designed four years ago, intending to integrate the cultural strategy for the Municipality of Arruda dos Vinhos.

The project's curatorship is divided in four phases that make an analogy with the natural cycles and, specifically, with the processes related to wine production: Cultivation, Harvest, Fermentation and Ripening.

This project has ambitious outlines, justifying its relevance through the impact it can have on the economic, social, educational, cultural and artistic spheres of the territory and the region.

## KEYWORDS

Arruda dos Vinhos – Soundscape – Photography – Cultural Program

# Índice

<i>Agradecimentos</i> .....	IV
<i>Resumo</i> .....	V
<i>Abstract</i> .....	VI
<i>Índice</i> .....	VII
<i>Índice de Tabelas</i> .....	IX
<i>Índice de Gráficos</i> .....	IX
<i>Índice de Mapas</i> .....	IX
<i>Índice de Anexos</i> .....	X
<i>Abreviaturas</i> .....	XII
<i>Introdução</i> .....	1
<i>Enquadramento Teórico</i> .....	2
<i>I. Motivação</i> .....	3
<i>II. Um Programa Cultural à Escala de um Território</i> .....	4
<i>i. O Território de Arruda dos Vinhos</i> .....	5
<i>ii. Análise Sociodemográfica</i> .....	7
<i>iii. Mapeamento Cultural</i> .....	16
<i>iv. Mapeamento Histórico</i> .....	18
<i>v. Mapeamento Patrimonial</i> .....	23
<i>vi. Mapeamento da Tradição Oral, Festejos e Memória Coletiva</i> .....	27
<i>vii. Mapeamento de Infraestruturas Culturais</i> .....	34
<i>viii. Mapeamento da Programação Cultural</i> .....	39
<i>ix. Outros Mapeamentos</i> .....	45
<i>III. Estudos de Caso e Exemplos</i> .....	47
<i>i. Festival Walk&amp;Talk</i> .....	48

ii. Museu Cidade do Porto .....	53
iii. Outros Exemplos .....	54
IV. Escutar o Território.....	58
i. Paisagem Sonora .....	59
V. Olhar o Território.....	64
i. A fotografia – Documento e Estética.....	65
VI. Envolver a Comunidade .....	70
i. A Comunidade, a Arte e a Participação .....	71
Metodologia.....	74
I. Desenho do Projeto.....	75
i. Sinopse Rota Raiz .....	75
ii. Enquadramento do Projeto.....	76
iii. Posicionamento do Projeto .....	77
iv. Objetivos.....	79
v. Orientações Estratégicas .....	80
II. Curadoria .....	82
i. 1ª Fase – Cultivo.....	83
1. Programação .....	85
2. Cronograma .....	93
ii. 2ª Fase – Colheita.....	95
1. Programação e Cronograma da Programação .....	98
2. Cronograma de Gestão de Projeto .....	102
iii. 3ª Fase – Fermentação .....	104
1. Programação .....	104
2. Cronograma de Programação e Mapa .....	107

<b>3.Cronograma de Gestão de Projeto.....</b>	<b>109</b>
<b>iv.4ª Fase – Amadurecimento.....</b>	<b>110</b>
<b>1.Programação e Cronograma.....</b>	<b>111</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>112</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>113</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>117</b>

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Calendário de Eventos.....	43
Tabela 2 - Fase de Cultivo: Cronograma Programação e Gestão de Projeto .....	94
Tabela 3 - Fase de Colheita: Cronograma de Residências .....	98
Tabela 4 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo Exposições Intermediárias .....	99
Tabela 5 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo Conversas de Raiz .....	100
Tabela 6 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo Paisagens Efémeras.....	101
Tabela 7 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo de Oficinas .....	102
Tabela 8 - Fase Colheita: Cronograma de Gestão de projeto .....	103
Tabela 9 - Fase Fermentação: Artistas Ciclo Paisagens Efémeras.....	106
Tabela 10 - Fase Fermentação: Cronograma de Programação .....	107
Tabela 11 - Fase Fermentação: Cronograma de Gestão de Projeto.....	109
Tabela 12- Fase de Amadurecimento: Cronograma de Programação e Gestão de Projeto.....	111

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 – População residente em concelhos com características idênticas .....	8
Gráfico 2 – Taxa de variação de população em concelhos com características idênticas.....	9
Gráfico 3 – Percentagem de população residente com ensino superior completo em concelhos com características idênticas, região oeste e Portugal.....	10
Gráfico 4 – Porção da população estrangeira residente em concelhos com características idênticas, região oeste e Portugal .....	12

Gráfico 5 – Nº empresas por atividade económica e forma jurídica em concelhos com características idênticas .....	13
---	----

## Índice de Mapas

Mapa 1 - Centro Histórico de Arruda dos Vinhos e Paço da Ordem de Santiago .....	19
Mapa 2 - Mapa dos Fortes no Concelho de Arruda dos Vinhos .....	21
Mapa 3 - Planta de Arruda com indicação das tabernas 1955 .....	46
Mapa 4 - Fase Fermentação: Caminhos Terra, Água, Ar, Fogo .....	108

## Índice de Anexos

Anexos 1 - Mapa Freguesia de Arranhó .....	117
Anexos 2 - Mapa Freguesia de Arruda dos Vinhos .....	118
Anexos 3 - Mapa Freguesia de Cardosas .....	119
Anexos 4 - Mapa Freguesia de Santiago dos Velhos .....	120
Anexos 5 - Mapa Concelho de Arruda dos Vinhos .....	121
Anexos 6 - Tabela População Residente .....	122
Anexos 7 - Tabela Densidade Populacional .....	122
Anexos 8 - Tabela nº de Empresas .....	122
Anexos 9 - Tabela Porção de População Residente Estrangeira .....	123
Anexos 10 - Tabela Porção de População Diplomada .....	123
Anexos 11 - Tabela de Porção de População Diplomada Freguesias e Concelho ....	123
Anexos 12 - Tabela População do Oeste e Portugal .....	124
Anexos 13 - Fotografia Igreja Matriz .....	124
Anexos 14 - Fotografia Chafariz Pombalino .....	125
Anexos 15 - Fotografia Aqueduto .....	125
Anexos 16 - Fotografia Moinho do Custódio e Sítio Arqueológico .....	126
Anexos 17 – Fotografia Antigos Paços do Concelho .....	127
Anexos 18 - Fotografia Moinho de Vento de A-do-Mourão .....	128
Anexos 19 - Fotografia Forte da Carvalha .....	128
Anexos 20 - Fotografia Forte do Cego .....	129
Anexos 21 - Igreja de S. Tiago dos Velhos .....	129
Anexos 22 - Fotografia Nossa Senhora do Monte .....	130
Anexos 23 - Fotografia Jardim do Palácio do Morgado / Centro Cultural do Morgado .....	130
Anexos 24 - Fotografia Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos .....	131
Anexos 25 - Fotografia Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos .....	132

Anexos 26 - Fotografia Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos .....	133
Anexos 27 - Fotografia Edifício Abandonado .....	134
Anexos 28 - Fotografia Paisagem Natural de Arruda.....	134
Anexos 29 - Fotografia Paisagem Forte da Carvalha .....	135
Anexos 30 - Fotografia Sede da S.R. Louricense .....	135
Anexos 31 - CDRC de Cardosas .....	136
Anexos 32 - Fotografia Cova do Gigante.....	136

## Abreviaturas

BMIL – Biblioteca Municipal Irene Lisboa

CCM – Centro Cultural do Morgado

CEI – Centro de Estudos e Investigação

INE – Instituto Nacional de Estatística

MO – Mercado Oitocentista

MCP – Museu da Cidade do Porto

SADR – Secção de Arquivo, Documentação e Reprografia

UAM – Unidade Administrativa e de Modernização

## Introdução

Este trabalho surge no âmbito do Mestrado de Gestão Cultural, lecionado na ESAD.CR – Caldas da Rainha do Instituto Politécnico de Leiria.

A Rota Raiz consiste num projeto com uma vertente teórica e prática que se debruça sobre paisagens sonoras, fotografia e envolvimento comunitário, desenhado à escala do território de Arruda dos Vinhos.

Arruda dos Vinhos é um concelho, de pequena dimensão, do distrito de Lisboa que pertence à região do oeste de Portugal. As transformações sociais e culturais são significativas nos últimos anos. A proximidade à capital tem atraído um volume considerável de novos moradores, contribuindo para a transição de uma sociedade rural para uma sociedade com características urbanas.

Os processos de transição podem-se constituir traumáticos se não houver uma ação que contribua para a sustentabilidade da transição. O projeto que se apresenta nesta tese tenciona contribuir para a sustentabilidade da transição, incidindo a sua ação sobre a preservação da memória, a produção de conhecimento, o mapeamento e o reconhecimento do território, através da investigação, da arte e da cultura.

O projeto procura ter uma visão de futuro reconhecendo o passado. O objetivo é preservar para integrar, ou seja, envolver e criar novos significados.

A organização deste trabalho consiste, numa primeira fase, no estudo da população de Arruda dos Vinhos e num diagnóstico cultural, histórico e patrimonial do território.

A segunda fase consiste na apresentação de estudos de caso, nos quais se destaca o festival Walk&Talk 2019, nos Açores, em que foi realizada observação participante por intermédio da integração na equipa responsável pela organização do festival.

A terceira fase caracteriza-se por uma abordagem teórica às paisagens sonoras, fotografia e envolvimento comunitário.

A parte prática de proposta de projeto incide, numa primeira fase, na explicação, enquadramento e posicionamento da Rota Raiz. A segunda parte apresenta as opções curatoriais, programação e calendarização.

A Rota Raiz é um projeto cultural, desenhado a quatro anos, que pretende estudar, programar e envolver o território através de *Caminhos* que o exploram e potenciam.

## Enquadramento Teórico

Ao longo deste capítulo serão abordadas as razões que me levaram a apresentar o projeto *Rota Raiz*, assim como procurarei sustentá-lo academicamente ao nível da sua pertinência. A primeira razão, fundamental para esta proposta, surge do facto de ser natural de Arruda dos Vinhos e funcionário da área cultural do município, daí fazer-me sentido apresentar um projeto com uma forte ligação ao território.

Apesar de este trabalho debruçar-se mais especificamente sobre o território de Arruda dos Vinhos, acredito que a sua pertinência não se esgota neste território. Ao longo do capítulo serão abordados três pilares que sustentam este projeto e que, na minha visão, poderão ser transversais a qualquer território: *Escutar o Território*, *Olhar o Território* e *Envolver o Território*.

Serão abordadas questões como a paisagem sonora, a fotografia e a arte participativa.

## I. Motivação

A motivação para a criação deste projeto surgiu do facto de querer contribuir para a terra da qual sou natural, e na qual me encontro a exercer atividade profissional no seu município, nomeadamente no setor cultural. O facto de ter um conhecimento aprofundado da realidade cultural de Arruda dos Vinhos, levou-me a pensar um projeto à dimensão do seu território.

Arruda dos Vinhos é um território que, na minha visão, se encontra numa posição estratégica interessante. A sua proximidade a Lisboa, as características da sua população, a sua ruralidade e o recente aumento de habitantes, são pontos que se constituem enquanto indicadores para a necessidade de um projeto com estas características.

Apesar do desenvolvimento cultural que o município e a comunidade têm vindo a demonstrar nos últimos anos há, na minha opinião, um lapso enorme relativamente a um projeto cultural que desenvolva, crie e organize conhecimento sobre o território. Parece-me cada vez mais urgente que se promova o conhecimento sobre as nossas raízes, se olhe para formas de vida mais sustentáveis e se promovam olhares humanistas.

Sabendo que Arruda dos Vinhos, apesar de ser um concelho em prosperidade, apresenta algumas questões ao nível das assimetrias territoriais, nomeadamente entre a sede do concelho e as outras freguesias, e que um programa cultural pode ter um papel ativo no combate a essas assimetrias, assim como o envolvimento das comunidades em torno de um projeto artístico pode contribuir para uma maior coesão social e, acima de tudo, gerar condições de acesso, decidi iniciar a *Rota Raiz*.

## II. Um Programa Cultural à Escala de um Território

Quando decidimos abordar um programa cultural à escala de um território, torna-se necessariamente fundamental abordar questões do âmbito da política cultural. A cultura, quando pensada para um território, deve assumir uma visão holística e transversal, não se fechando nela própria. As dimensões culturais, sociais, urbanísticas, económicas e outras, podem ser alvo de um grande impacto quando se pensa e desenha um projeto com estas características. Um projeto desta natureza exige uma grande negociação, no terreno, com decisores políticos, agentes culturais, comunidade, financiadores e outros interessados. Neste caso é útil pensar numa política de ligações, o seu conceito está relacionado com o facto de se acreditar que o desenvolvimento de determinadas políticas ocorre por intermédio da sua ligação a outras áreas de preocupação política. Isto significa que os agentes culturais, até no sentido de obterem mais força política ou financeira, devem alinhar as estratégias e objetivos dos projetos culturais com outras áreas como o “desenvolvimento económico, coesão social, revitalização urbana, cuidados de saúde e outras áreas que têm mais e melhores recursos do que os disponíveis para o sector da cultura” (Paquette & Redaelli, 2015, p. 84).

Um projeto, como este, que ambiciona uma relação íntima com o território deve estudá-lo a vários níveis, no sentido de o seu desenho ser adequado ao contexto. Este segundo capítulo debruça-se, essencialmente, sobre a caracterização multidisciplinar do território do concelho de Arruda dos Vinhos. Pretendo efetuar um estudo do território que justifique o projeto que proponho. Estudar a cultura, economia e demografia do território em que se pretende intervir, é um instrumento fulcral para posicionar o projeto e avaliar eventuais necessidades, potencialidades, oportunidades, ameaças e fraquezas. Ao longo deste capítulo será possível perceber a posição geográfica e estratégica de Arruda dos Vinhos, quem são e como vivem os arrudenses, assim como identificar as marcas culturais mais significativas que se manifestam na memória coletiva da comunidade.

## i. O Território de Arruda dos Vinhos

Arruda dos Vinhos é um concelho do distrito de Lisboa, localiza-se a cerca de 30km a norte da capital portuguesa, com 77,7 km<sup>2</sup>, é composto por quatro freguesias: Arranhó, Arruda dos Vinhos, Cardosas e Santiago dos Velhos. Faz fronteira, a sul, com o concelho de Loures, a norte com Alenquer, a poente com Mafra e Sobral Monte Agraço e a nascente com Vila Franca de Xira. O município de Arruda dos Vinhos integra a Comunidade Intermunicipal do Oeste (Oeste CIM), na qual é o território situado mais a sul (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

As primeiras referências à vila de Arruda datam do reinado de D. Afonso Henriques. Não existem provas suficientemente concretas relativas à atribuição de carta foral à vila de Arruda por parte do primeiro monarca português, embora haja referências a uma hipotética atribuição no ano de 1160. O primeiro documento oficial, relativo à vila de Arruda, que reúne total consensualidade quanto à sua existência, é a carta de doação da vila de Arruda à Ordem de Santiago, datada de 1172 (Amorim & Lopes, 2017, p. 75). Como é possível constatar nas citações do documento, datado de 1172, a vila é apelidada apenas de Arruda e não de Arruda dos Vinhos. Esta questão remete-me para a análise da toponímia do território. A origem do topónimo de Arruda dos Vinhos não é consensual. Relativamente ao nome de “Arruda”, existem duas propostas teóricas para a sua origem, embora a segunda represente estudos mais recentes e, portanto, assume-se atualmente como a teoria mais consistente. A primeira proposta tem que ver com o facto de “arruda” ser a designação comum para uma planta de nome científico “Ruta Graveolens” que prolifera na região. A segunda hipótese tem que ver com o facto de o nome de Arruda derivar de rota, sustentando-se também no facto de o território ser historicamente um ponto de passagem diverso, devido à sua localização geográfica, destacando-se enquanto zona de passagem de vinhos do Oeste para a cidade de Lisboa e ter integrado os Caminhos de Santiago, por intermédio da freguesia de S. Tiago dos Velhos. “Arruda dos Vinhos” poderá ter sido entendida como “a rota dos vinhos” (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

Arruda dos Vinhos situa-se na região oeste, faz fronteira com o Ribatejo e está próxima da cidade de Lisboa. Estas características contribuem para uma mescla de hábitos e culturas que se manifesta na população, por intermédio de um equilíbrio entre o rural e o urbano. Pretendo demonstrar a evolução política do concelho, ao longo do século XIX, no sentido de ilustrar as várias ligações e influências do e sobre o território. Estas transformações podem-nos deixar pistas sobre a memória coletiva do território e uma área mais alargada, sobre a qual este projeto se poderia expandir ou colaborar. Só em

janeiro de 1898, o concelho de Arruda dos Vinhos assumiu a atual constituição, após um período conturbado, do qual resulta a seguinte evolução:

- Setembro de 1823: O concelho de Arruda era constituído pelas freguesias de Arruda e Cardosas. Arranhó, São Tiago, São Quintino e Sapataria eram parte integrante do concelho de Lisboa;
- Novembro de 1836: Arranhó e São Tiago passam a pertencer ao concelho de Arruda, juntando-se à homónima e a Cardosas. Sapataria passa a ser concelho de Enxara dos Cavaleiros e S. Quintino ao concelho de Sobral Monte Agraço;
- Outubro de 1855: São extintos os concelhos de Sobral Monte Agraço e Enxara dos Cavaleiros. As freguesias de Sapataria, S. Quintino e Sobral passam a integrar Arruda dos Vinhos;
- Julho de 1867: O concelho de Arruda é extinto. Arruda, Arranhó e Cardosas passam a ser uma freguesia e passam a integrar o concelho de Vila Franca de Xira. São Tiago dos Velhos passa a integrar a freguesia de Alhandra juntamente com S. João dos Montes passando a pertencer ao concelho de Vila Franca de Xira;
- Janeiro 1868: Foi revogada a reforma administrativa voltando-se à forma de 1855;
- Fevereiro de 1887: A sede de concelho passa para a vila do Sobral. Geram-se grandes animosidades;
- Março 1890: O concelho de Arruda é restaurado com as freguesias que detinha;
- Setembro de 1895: Nova reforma administrativa extingue os concelhos de Sobral e Arruda. Anexa o Sobral ao concelho de Torres Vedras e o de Arruda, juntamente com Arranhó, Cardosas e São Tiago a Vila Franca de Xira;
- Janeiro de 1898: Os concelhos de Arruda e Sobral são restabelecidos definitivamente. É composto o concelho de Arruda pelas freguesias de Arranhó, Arruda, Cardosas e São Tiago e o concelho do Sobral pelas freguesias de Sapataria, Sobral e S. Quintino. Assim se manteve até aos dias de hoje.

(Ferreira & Câmara, Arruda - Uma Viagem no Tempo, 1999, pp. 10-11)

## ii. Análise Sociodemográfica

No sentido de alicerçar o projeto é imprescindível estudar a sua população. O capital humano é o mais importante do projeto. Quem habita este território? Uma pequena análise estatística permitir-nos-á dar algumas respostas à questão, e um olhar mais esclarecido sobre o território que trabalhamos. Tendo em conta o facto de este trabalho ser de cariz cultural e artístico, um dos objetivos deste estudo passa por observar indicadores de potencial criativo.

Segundo Richard Florida existem 3 T's que são indicadores de potencial criativo: Talento, Tolerância e Tecnologia (Florida, 2002). Pode-se apresentar os seguintes dados no sentido de chegar aos indicadores de Richard Florida:

- 1) Talento – Porção de População Diplomada;
- 2) Tolerância – Porção de População Estrangeira Residente;
- 3) Tecnologia – Número de Empresas e o seu setor de atividade;

Neste documento, para além da análise dos indicadores criativos de Richard Florida, analisar-se-ão outros indicadores que ajudarão a constituir um retrato mais real da população arrudense. A pertinência do estudo dos indicadores de potencial criativo tem que ver com o facto de que quanto maior for esse potencial maior será a viabilidade de um projeto cultural como este.

Para que os números apresentados e analisados estejam providos de sentido é importante que sejam comparados. Neste caso específico do território de Arruda dos Vinhos só faz sentido que os seus números sejam comparados com territórios similares. Neste estudo serão comparados, principalmente, quatro territórios: Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval e Sobral de Monte Agraço. Os territórios mencionados pertencem à região oeste do país, as sedes de concelho são vilas, são territórios maioritariamente rurais e não beneficiam de costa marítima.

Para que comecemos a analisar a população por intermédio dos dados estatísticos, provenientes do Instituto Nacional de Estatística (INE), e tenhamos uma visão mais sustentada dos números, devemos ter uma noção concreta sobre a dimensão dos territórios em causa. Neste sentido, listo os territórios no sentido decrescente por km<sup>2</sup>:

- **Cadaval:** 174.17 Km<sup>2</sup> (Município do Cadaval, s.d.)
- **Bombarral:** 91.7 Km<sup>2</sup> (Município do Bombarral, s.d.)

- **Arruda dos Vinhos:** 77.96 Km2 (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.)
- **Sobral Monte Agraço:** 52.10 Km2 (Município de Sobral de Monte Agraço, s.d.)

Como é evidente, estamos a trabalhar sobre territórios de pequenas dimensões à escala nacional, no entanto devo sublinhar a diferença considerável, pelas dimensões superiores, da parte do território do município do Cadaval relativamente aos restantes.

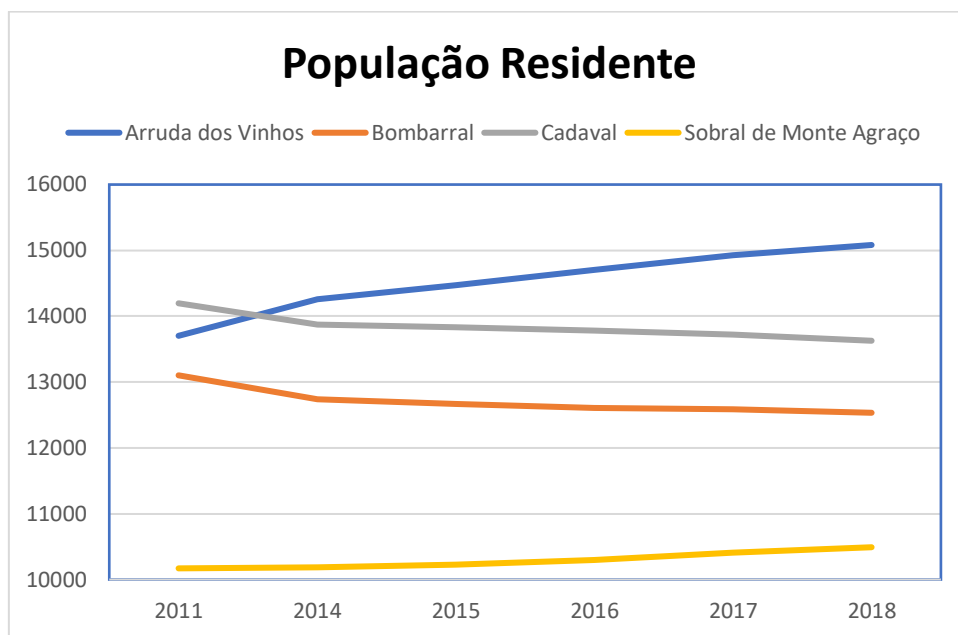


Gráfico 1 – População residente em concelhos com características idênticas  
Fonte: INE, 2019

O quadro referente à população residente mostra-nos os números absolutos desse indicador em cada território por ano. Neste caso optei por dar uma visão dos últimos cinco anos e do ano de 2011 por ter sido o último ano de CENSOS. Ao primeiro olhar o que interpretamos rapidamente é que o concelho do Sobral de Monte Agraço é o território com menor número de população, em comparação com os outros concelhos. Observamos esse dado de uma forma imediata pelo simples facto de, no gráfico, verificarmos um fosso maior para os outros territórios do que os outros três entre eles. Da mesma forma que rapidamente verificamos que o município do Sobral de Monte Agraço é o território com menor número de população, ao longo dos anos, também verificamos que, de acordo com os dados mais recentes, Arruda dos Vinhos é o município com o maior número de população. No entanto, não deixa de ser interessante verificar que ambos os municípios, Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte Agraço, apesar de estarem nos polos opostos, do ponto de vista dos números absolutos, são os únicos territórios que apresentam uma perspetiva de evolução positiva no que diz respeito ao número de habitantes. Ou seja, o que lemos deste quadro, ao longo dos anos, é que os

municípios do Cadaval e do Bombarral têm perdido população nos seus territórios, apresentando uma tendência negativa. Aliás, verificamos que, aquando dos CENSOS 2011 o município do Cadaval tinha maior número de população que Arruda dos Vinhos, mas, com o avançar do tempo, foi perdendo população seguindo um caminho contrário ao de Arruda, que demonstra um invulgar pique positivo da evolução da população. O contexto favorável, atual, de Arruda dos Vinhos é inegável, sendo mesmo dos municípios que mais aumentaram de população no país. Quais poderão ser as razões para um aumento tão considerável da população, em contraste com os outros municípios? Em primeiro lugar é importante verificarmos que geograficamente Arruda dos Vinhos e Sobral de Monte Agraço são, dos quatro territórios, os dois mais próximos da capital do país, Lisboa. Essa proximidade poderá estar intimamente ligada ao aumento de população de ambos os municípios contrastando com a tendência negativa do Cadaval e do Bombarral.

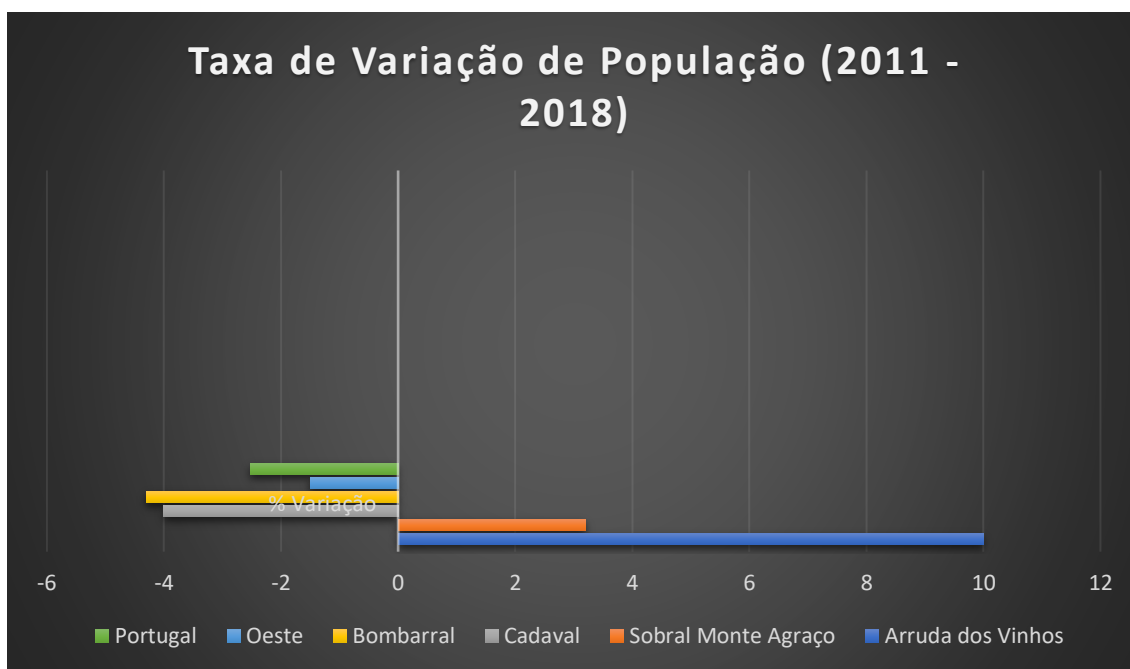


Gráfico 2 – Taxa de variação de população em concelhos com características idênticas

Fonte: INE, 2019

O gráfico representativo da Taxa de Variação de População demonstra-nos, de uma forma mais clara, o acentuar da tendência positiva de Arruda dos Vinhos em contraste com a tendência nacional e regional. Entre os anos de 2011 e de 2018, Arruda dos Vinhos apresenta uma taxa evolutiva da população na casa dos 10%, o município do Sobral de Monte Agraço na casa dos 3%, ao passo que o Cadaval, Bombarral, a Região Oeste e Portugal apresentam uma taxa de variação de população negativa.

Arruda dos Vinhos, para além de beneficiar de uma posição geográfica favorável - com acesso rápido a Lisboa por via de uma autoestrada -, é um território com equipamentos escolares renovados, com reconhecida qualidade, equipamentos de saúde, também renovados, e com facilidade de acesso a instituições financeiras. Este aumento populacional tem-se traduzido num intensificar da atividade cultural. Estes fatores podem contribuir para a justificação dos números que aqui analisamos.

Feita esta primeira análise à população do território, analisaremos agora os dados à luz dos indicadores de potencial criativo mencionados por Richard Florida: Talento, Tolerância e Tecnologia – Potencial Criativo.

A análise geral da evolução da população, nos municípios propostos contextualizam-nos para passarmos a uma visão mais concreta, no que se refere à análise de potencial criativo nos territórios. Existem vários indicadores que nos podem direcionar para os índices de talento, tolerância e tecnologia num território. Baseando-me em Richard Florida, proponho a análise do talento por intermédio da porção da população diplomada, da tolerância por intermédio da porção de população estrangeira residente e a tecnologia por intermédio do número de empresas e o seu setor de atividade.

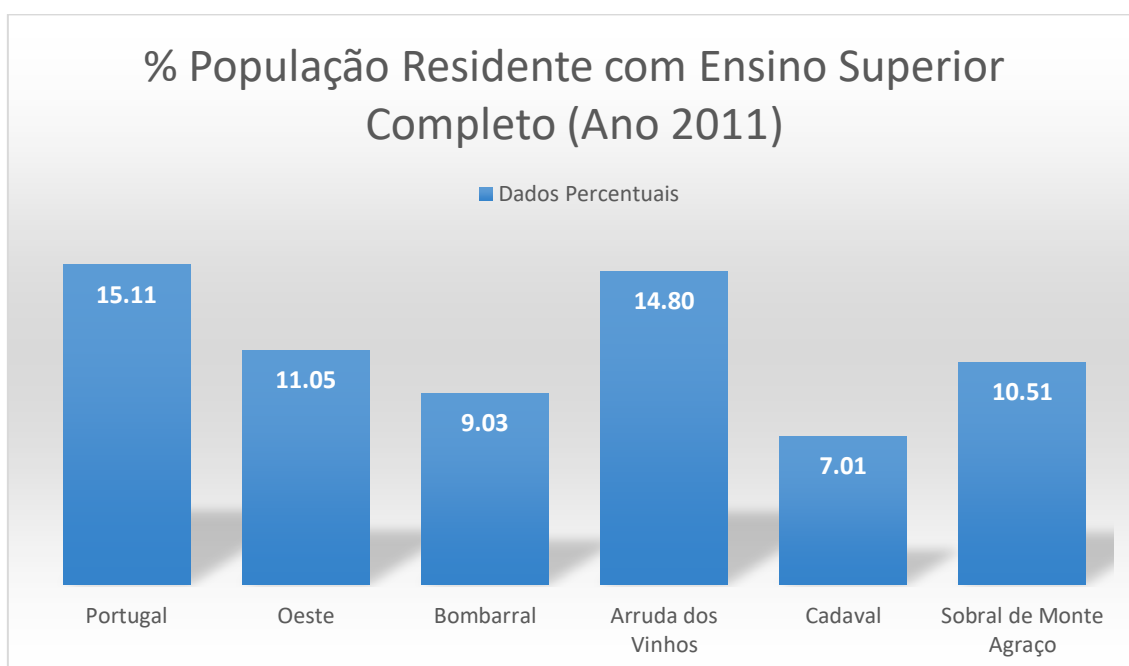


Gráfico 3 – Percentagem de população residente com ensino superior completo em concelhos com características idênticas, região oeste e Portugal  
Fonte: INE, 2019

Ao lermos o gráfico da população residente com ensino superior completo, percebemos que a região Oeste está abaixo da média nacional, bem como todos os municípios comparados ao longo deste trabalho. No entanto, é importante referir que, dos

municípios apresentados, apenas um se encontra acima dos valores da região Oeste, o município de Arruda dos Vinhos. O concelho Arruda dos Vinhos é composto por 4 freguesias: Arruda dos Vinhos, Arranhó, Cardosas e Santiago dos Velhos. É importante referir que a freguesia de Arruda dos Vinhos detém 17.50% da população residente com ensino superior completo (INE, 2019). As restantes freguesias são de cariz rural mais vincado, tendo uma percentagem de diplomados inferior à sede de concelho. Apesar de não fazer parte deste estudo, torna-se fundamental referir que a percentagem de 14.80% de diplomados referentes a Arruda dos Vinhos é a maior no Oeste, encontrando-se à frente de Caldas da Rainha, que detém instituições de ensino superior no seu território (INE, 2019).

Ao analisar os dados, podem-se construir várias hipóteses. Uma das razões para Arruda dos Vinhos ter uma percentagem de diplomados superior às dos outros municípios pode ter que ver com a proximidade à capital do país. Acrescenta o facto de o Externato João Alberto Faria apresentar, ao longo de vários anos, os melhores resultados nos exames nacionais, ao nível do Oeste. Como já foi demonstrado, a tendência da evolução da população em Arruda dos Vinhos é positiva e a percentagem de residentes diplomados também tem aumentado. Se recorrermos aos dados de 2001, Arruda dos Vinhos detinha 6.54% da população diplomada, continuava a estar abaixo da média nacional que se encontrava nos 8.57% e acima da média da região oeste que se encontrava nos 5.57%. No entanto Caldas da Rainha e Torres Vedras detinham uma percentagem superior à de Arruda dos Vinhos que agora não têm (INE, 2019). Em 2001 o município Arruda dos Vinhos tinha 10 350 habitantes e, em 2018, 15 082 (INE, 2019). Comparando estes dados com a percentagem de diplomados, podemos interpretar que Arruda tem atraído população com classificação académica superior.

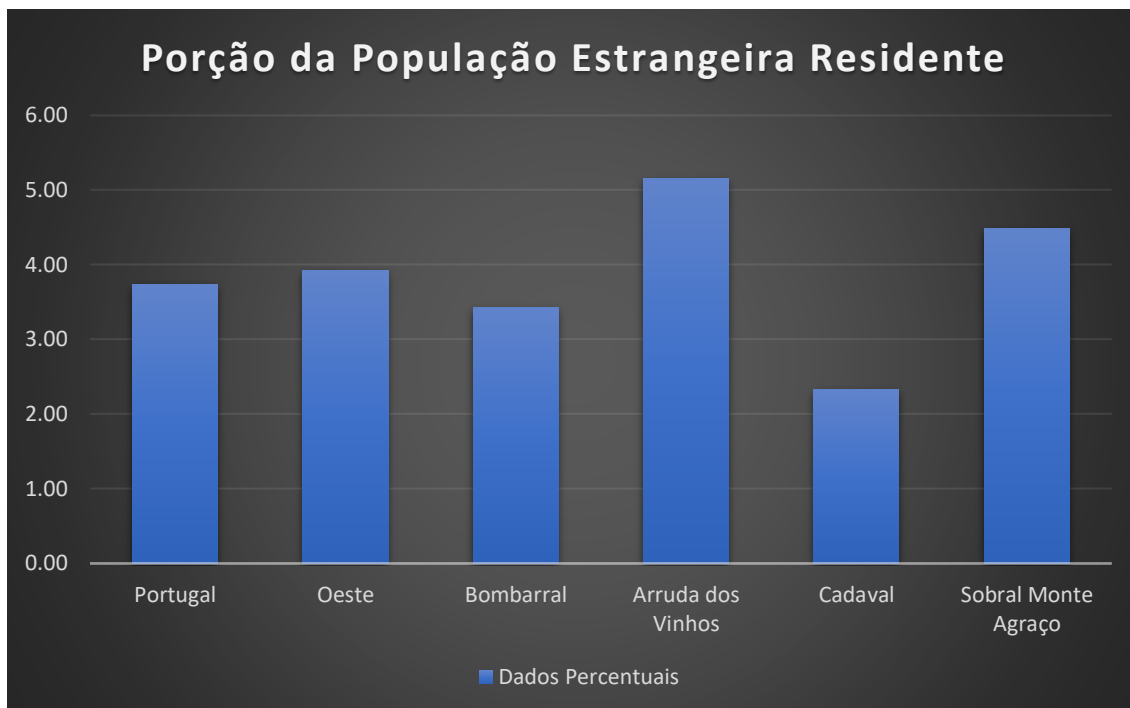


Gráfico 4 – Porção da população estrangeira residente em concelhos com características idênticas, região oeste e Portugal  
 Fonte: INE, 2019

A porção de população estrangeira residente num território poderá dar-nos uma leitura relativa ao índice de tolerância do mesmo. Como podemos ler no gráfico apresentado, o município de Arruda dos Vinhos é o que apresenta a maior percentagem de população estrangeira residente, dentro dos municípios comparados, região oeste e média nacional, com um resultado acima dos 5%. Estes dados dão uma ideia de Arruda dos Vinhos, comparativamente ao Bombarral, Cadaval e Sobral Monte Agraço de maior abertura, mais diversidade e consequentemente um território com maior potencial criativo.

Podemos obter dados sobre o índice de tecnologia recorrendo às estatísticas, relativamente ao número de empresas presentes num determinado território e a sua atividade económica. O número, só por si, pode não ser o melhor indicador no sentido de se entender se um território é tecnológico ou não. Julgo que é importante termos em conta em que setores da economia se encontram as empresas. Setor primário, secundário ou terciário. O próximo gráfico demonstra o número total de empresas em cada município e as várias áreas em que incidem as respetivas atividades.

## Nº Empresas Localização Geográfica, Atividade Económica e Forma Jurídica

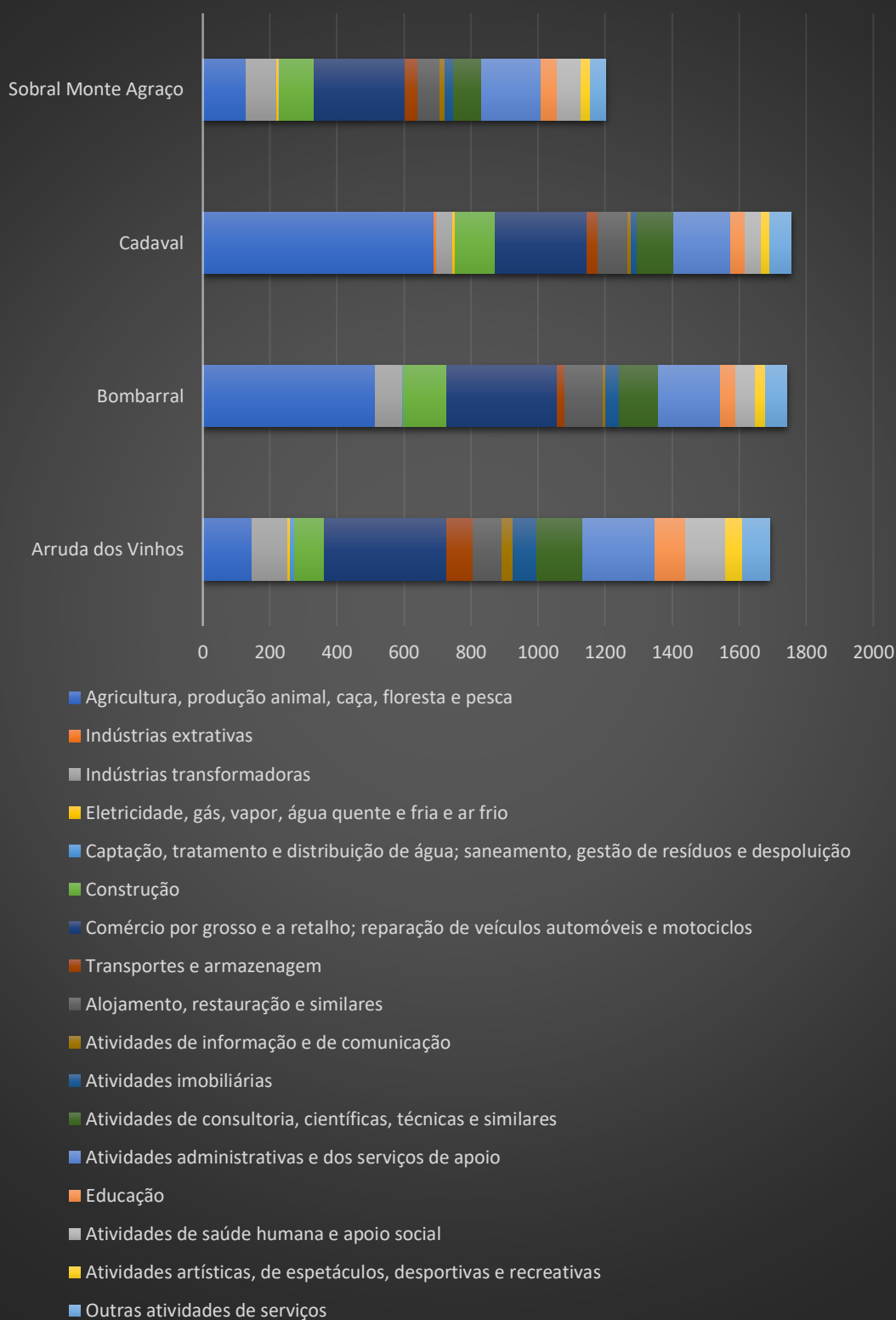


Gráfico 5 – Nº empresas por atividade económica e forma jurídica em concelhos com características idênticas  
 Fonte: INE, 2019

De acordo com gráfico facilmente entendemos que Cadaval e Bombarral, respetivamente, são os municípios com o maior número de empresas. Se interpretássemos estes dados, em quantidade, como indicadores de tecnologia, diríamos que, dos municípios comparados, o Cadaval seria o que apresentava os números mais favoráveis. No entanto, como já foi referido, é necessário ter-se em conta os setores de atividade, embora não ditem necessariamente o nível de tecnologia, uma vez que a mesma pode estar presente em qualquer um dos setores. Porém conseguimos interpretar, tendo em conta as realidades, que o setor terciário será um maior indicador de inovação tecnológica.

O município do Cadaval apresenta o maior número de empresas ligadas ao sector primário, seguindo-se o Bombarral. Estes dados vêm comprovar a ruralidade destes municípios. O sector primário está presente em todos os municípios, mas denotamos uma influência menor nos municípios do Sobral Monte Agraço e Arruda dos Vinhos. O Cadaval é mesmo o único município dos comparados que detém empresas a operarem na área das indústrias extrativas.

Se analisarmos o setor secundário que se encontra entre as indústrias transformadoras e a construção, entendemos que os municípios apresentam valores idênticos. No entanto, Arruda dos Vinhos apresenta um setor secundário mais diversificado e em maior número.

O setor terciário é o que apresenta maior diversidade de atividades e o maior número de empresas em todos os municípios. O município de Arruda dos Vinhos destaca-se no sentido em que detém maior diversidade e número de empresas a operarem no setor terciário. Arruda e Sobral têm na área do comércio por grosso e a retalho; reparação de automóveis e motociclos a maior expressividade ao nível das suas empresas, contrariando assim os municípios do Cadaval e do Bombarral que detêm a maior fatia no setor da agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca. Esta análise aponta-nos no sentido em que o Cadaval e o Bombarral são municípios com maior predominância rural que Sobral Monte Agraço e Arruda dos Vinhos. Os dados de Arruda dos Vinhos já nos orientam para um sentido de transformação da sua economia: se nos balizarmos apenas no setor terciário, percebemos que Arruda é o município com os melhores números em todas as áreas, exceto na área do alojamento, restauração e similares, em que o Bombarral apresenta números superiores. Destaco os números relativos às atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas que, apesar de incipientes em todos os municípios, Arruda dos Vinhos é o que apresenta o maior número.

Se entendermos o setor terciário como mais propício a que, na realidade destes municípios, o progresso tecnológico esteja mais desenvolvido, podíamos afirmar que Arruda dos Vinhos se encontrava na situação mais favorável. É no setor terciário que se encontram as indústrias criativas.

De acordo com os objetivos propostos - caracterização sociocultural de Arruda dos Vinhos e observação de indicadores de potencial criativo - podemos retirar algumas conclusões: o município de Arruda dos Vinhos encontra-se numa perspectiva positiva de crescimento, ao contrário da maioria dos municípios comparados. É o que apresenta melhores dados ao nível dos indicadores de talento, tolerância e tecnologia. Nesse sentido, fica patente que Arruda é o território, de acordo com Richard Florida, com maior potencial criativo dos quatro municípios. Encontra-se numa situação estratégica em que a área da cultura deve ter uma voz ativa. Com o aumento da população e a tendência para que a mesma seja qualificada academicamente, torna-se propício e fundamental que se aposte na área da cultura com visão estratégica. A cultura e a programação cultural podem contribuir para a coesão social. Nesse sentido, se a taxa de variação de população mantiver os mesmos números positivos em Arruda dos Vinhos, a cultura pode-se constituir enquanto ferramenta fundamental para o enraizamento dos novos moradores na vida comunitária local. Um trabalho como o que apresento, que assenta em três pilares basilares como é o mapeamento do território a nível sonoro, fotográfico e o envolvimento da comunidade, só pode ganhar fundamento e relevância, tendo em conta o panorama sociodemográfico. Torna-se urgente conhecer e reconhecer este território em transformação, que se situa num ponto de equilíbrio entre o rural e o urbano. O estudo da confluência destes dois “mundos” contribuirá para a preservação da memória, que poderá ter um papel fulcral no desígnio de um território em transformação.

### iii. Mapeamento Cultural

Este grande capítulo, que pensa um programa cultural desenhado à escala de um território, deverá ser entendido como um diagnóstico da realidade. É neste seguimento, que após uma análise mais sociodemográfica do território, apresento este subcapítulo denominado de *Mapeamento Cultural*. A escolha da nomenclatura tem que ver exatamente com a identidade deste projeto que, entre o conceito de rota, recolha, mediação e abrangência territorial, propõe um grande mapeamento do território de Arruda dos Vinhos. O *Mapeamento Cultural*, poderia ser denominado como um diagnóstico cultural. Nesta perspetiva, pretendo dar uma visão - a mais ampla quanto possível - do contexto cultural em Arruda dos Vinhos, com o objetivo de obter um conhecimento aprofundado da realidade na qual pretendo intervir e encontrar ferramentas preciosas para o desenho do projeto. A multidisciplinaridade, como já tinha referido, é no âmbito da política cultural um conceito que atravessa a totalidade da proposta deste projeto, uma vez que a leitura de um território implica olhar a cultura de um ponto de vista mais amplo e exige uma grande concertação entre vários agentes e atores locais. Neste sentido penso que, nesta fase, existem similaridades com a construção de um projeto de intervenção de âmbito sociológico, na medida em que, do ponto de vista teórico, um projeto no âmbito da sociologia da ação foca-se na deteção de problemas, em primeiro lugar, e, à *posteriori*, na definição das estratégias e tipologias mais adequadas ao desenho do projeto, com o objetivo de este solucionar os problemas previamente identificados (Guerra, 2002).

No caso concreto deste projeto é de antemão sabido que o âmbito é cultural. Portanto, no máximo, poderão ser identificadas necessidades culturais que ajudem a justificar a sua existência. Como o diagnóstico que apresento nestes subcapítulos de *mapeamento* não é exaustivo, o exercício de mapear as várias áreas culturais parece-me ainda mais adequado.

Se “um projeto é a expressão de um desejo, de uma vontade, de uma intenção, mas é também expressão de uma necessidade, de uma situação a que se pretende responder” (Guerra, 2002, p. 126), a *Rota Raiz* nasce do desejo de valorizar a cultura, o pensamento e a comunidade em Arruda dos Vinhos, podendo dar respostas a necessidades concretas, como a ausência de um projeto cultural agregador no município, que pense o território, combatendo a centralização cultural indo ao encontro de uma maior coesão social.

Nesta tese não me ocuparei em validar instrumentos de diagnóstico que comprovem a necessidade de coesão social no território do concelho de Arruda dos Vinhos, porque

desviar-me-ia do foco deste projeto, implicando um trabalho bastante mais denso. No entanto, face ao facto de ser técnico da área cultural do município, conseguirei comprovar, por intermédio deste mapeamento, a ausência de um projeto cultural agregador que pense o território, assim como já foram abordadas algumas assimetrias territoriais, entre freguesias, identificadas na análise sociodemográfica do subcapítulo anterior.

Os objetivos de um diagnóstico são:

- Documentar em que estado está o sistema de ação face ao problema identificado;
- Determinar a magnitude e a importância dos problemas e as suas causalidades potenciais;
- Identificar questões-chave em torno das quais se pode formular a intervenção;  
(Guerra, 2002, p. 140)

Adaptando estes objetivos a este projeto e à sua área de intervenção, podemos identificar o problema como a necessidade de um projeto cultural que crie pensamento sobre o território. Os próximos subcapítulos contribuirão para: identificar os projetos culturais que são promovidos no território, identificar parte das questões-chave em torno das quais o projeto será desenhado e justificar a necessidade de um projeto com estas características.

#### iv. Mapeamento Histórico

Relativamente ao mapeamento histórico existem dois episódios - que julgo de maior relevância - que importam abordar. Um dos episódios recua à fundação do concelho e à doação do território de Arruda à Ordem de Santiago; o outro diz respeito às Invasões Napoleónicas e às marcas que deixaram no território. Estes pontos interessam (para além de nos situarem historicamente) na medida em que serão realizadas referências a locais que podem ser identificados na contemporaneidade, aos quais se podem acrescentar mais significados e, por intermédio desses novos significados, viajar no tempo em Arruda dos Vinhos.

Como já tive a oportunidade de referir, a data de 1160 é apontada como a possível data de função do povoamento de Arruda, decorrente de um suposto foral afonsino, cuja existência nunca foi comprovada. Existem também referências ao facto de, nesse mesmo ano, a povoação ter sido doada a cruzados ingleses que contribuíram para o avanço da Reconquista. Esta última hipótese, apesar de não ser confirmada, é tida como provável (Amorim & Lopes, 2017, p. 74). Importa-me recuar a esta data para situar e aprofundar a memória do território, por um lado, e por outro contribuir para um questionamento mais rico sobre o mesmo. A questão da confluência de vários povos, assim como Arruda enquanto um local de passagem e de rotas, interessa-me, particularmente, para desenvolver o conceito do projeto que apresentarei nos capítulos posteriores.

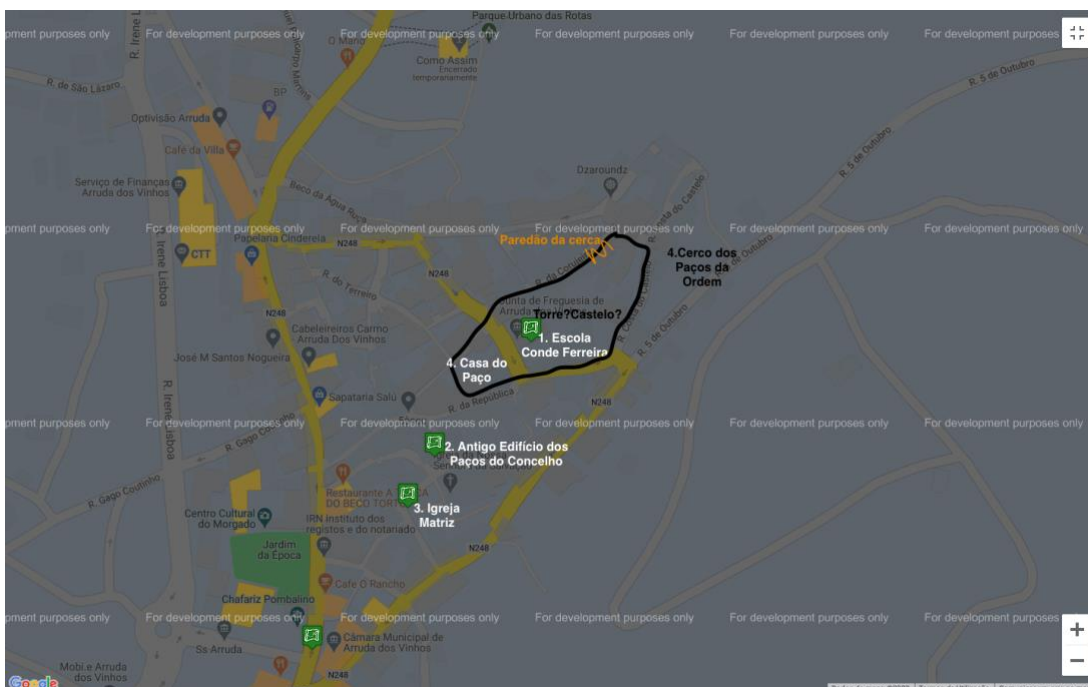
A hipotética doação a cruzados ingleses revela-se enquanto um fator histórico interessante, no sentido em que abordarei as Invasões Napoleónicas, nas quais os ingleses também voltaram a fazer parte da história deste território séculos mais tarde.

É na data de 1172 que a vila de Arruda vem referida pela primeira vez nos documentos que nos chegam até hoje. A referência diz respeito à doação da vila à Ordem de Santiago pelo monarca D. Afonso Henriques (Amorim & Lopes, 2017, p. 75). A doação a esta ordem religiosa deixou marcas interessantes na cultura das gentes que habitavam e habitam o território. A presença da Ordem de Santiago é ainda visível, nos dias de hoje, através do património material e imaterial.

No século XIII, as assembleias dos homens-bons faziam-se no adro da igreja, ou seja, o local onde se decidia a política do território. No século XVI a Igreja Matriz é reedificada e são edificados os primeiros Paços do Concelho, que se situam junto à Igreja Matriz. Nesta época - século XVI - a vila possuía uma cadeia, forca e Pelourinho (que não existem atualmente). No entanto, de acordo com a tradição oral, o Pelourinho situava-

se à entrada da vila, na antiga Rua Direita (atual rua Cândido dos Reis), e a forca num terreno nas imediações da vila denominado Campo da Forca.

Os Paços da Comenda, espaço urbano da antiga Casa da Ordem de Santiago em Arruda, situava-se em frente à atual sede da Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos e, portanto, próxima de todos os outros locais que tenho vindo a mencionar. Há uma questão interessante, neste mapeamento histórico que apresento, que incide no facto de os topónimos das ruas da zona urbana histórica de Arruda se manterem praticamente inalterados desde a ocupação da Ordem de Santiago até aos dias de hoje. Existem ressonâncias do passado que persistem, por via da tradição oral e da memória coletiva. Um exemplo desta constatação reside no facto de a atual sede da Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos, outrora Escola Conde Ferreira, edificada no século XIX como escola de instrução feminina, ser conhecida popularmente como Escola do Paço. Esta designação justifica-se por esta antiga escola integrar o espaço delimitado do Cerco dos Paços da Ordem, que detinha construções em redor de uma cisterna ainda hoje identificável. Ainda na zona histórica da vila de Arruda dos Vinhos, sabe-se que a Torre Velha ou Castelo, do qual já não restam vestígios físicos, se situava atrás do atual edifício da Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos. No entanto, é possível ainda hoje identificar indícios e marcas de troços da cerca ou das muralhas no Beco do Falcão, Rua da Corujeira e na Travessa da Costa do Castelo. (Vargas, 2017, pp. 30-45)



Mapa 1 - Centro Histórico de Arruda dos Vinhos e Paço da Ordem de Santiago  
Fonte: Google Maps

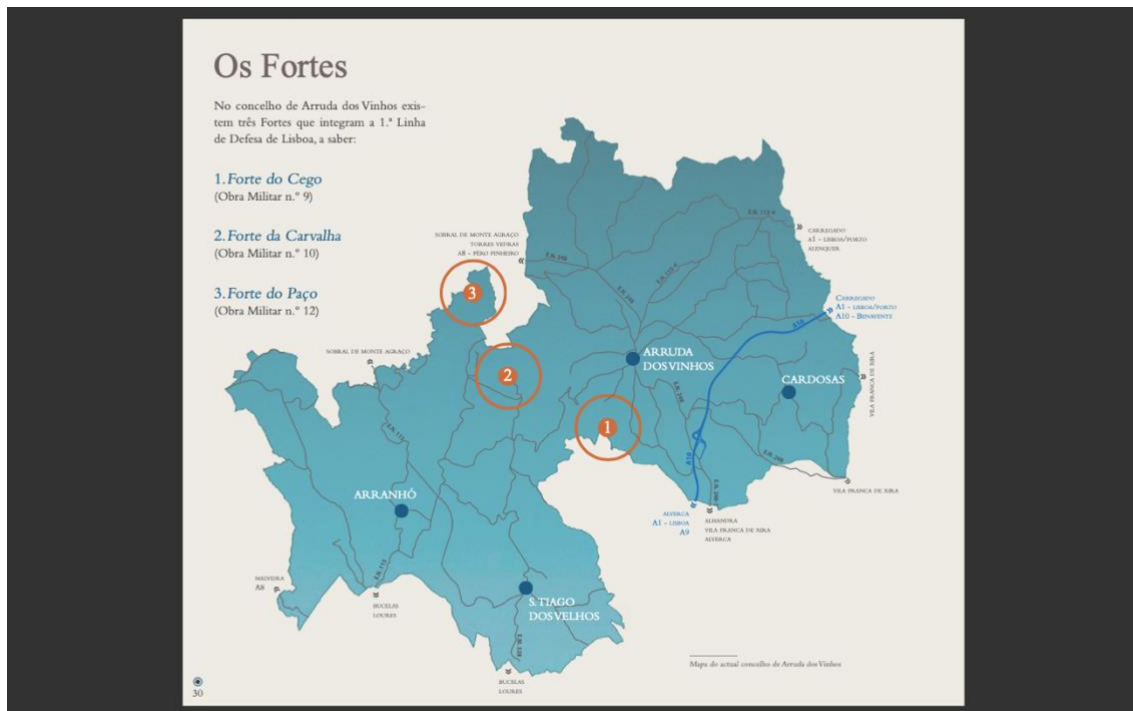
Se por um lado a análise da presença da Ordem de Santiago, no território de Arruda dos Vinhos, nos proporciona uma visão do início da fundação do núcleo urbano histórico da vila, como a conhecemos hoje, as Invasões Napoleónicas serão o outro grande acontecimento histórico, de importância nacional e internacional, ocorrido no território de Arruda.

No sentido de clarificar este episódio histórico farei um pequeno enquadramento geral das Invasões Napoleónicas em Portugal. França, à época, era governada pelo imperador Napoleão Bonaparte que defendida uma política imperialista e tencionava ocupar outros territórios para além do francês. Nesse sentido, o imperador decretou o Bloqueio Continental que consistia numa determinação que tencionava obrigar os países europeus a fecharem os portos ao comércio com a Inglaterra. Portugal, face ao Tratado de Methwen, assinado com a Inglaterra, e perante ameaças inglesas de usurpação das colónias portuguesas, não acolheu as determinações do Bloqueio Continental e, como consequência, foi alvo de retaliação por parte do império francês. Essa retaliação traduziu-se em 3 invasões francesas a Portugal, no século XIX, sob o comando, por ordem de invasão, do General Junot, Marechal Soult e Marechal Massena (Município de Arruda dos Vinhos, sem data, pp. 18-22).

No caso desta tese, interessa abordar a 3ª Invasão Francesa para a qual as Linhas de Torres Vedras foram projetadas e construídas. É no âmbito desta invasão que os exércitos franceses e anglo-lusos confluem no território de Arruda dos Vinhos. As Linhas de Torres serviam para defender a cidade de Lisboa do exército francês, tendo sido projetadas pelo inglês General Wellington. Eram constituídas por 4 linhas:

- 1ª Linha – Constituída de 46kms de extensão entre Alhandra à foz do Rio Sizandro (Torres Vedras);
- 2ª Linha – Constituída de 39kms de extensão entre o Forte da Casa e Ribamar, situava-se a 13km a sul da 1ª Linha;
- 3ª Linha – 3kms de extensão entre Paço d’Arcos e o Forte de S. Julião, situava-se a 40 kms a sul da 2ª linha;
- 4ª Linha – Situada na margem sul do Rio Tejo;

No território de Arruda dos Vinhos situam-se 3 Fortes das Linhas de Torres que pertenciam à 1ª Linha: Forte do Cego (Freguesia de Arruda dos Vinhos), Forte da Carvalha (Freguesia de S. Tiago dos Velhos) e Forte do Paço (Freguesia de Arranhó) (Município de Arruda dos Vinhos, pp. 24-27).



Mapa 2 - Mapa dos Fortes no Concelho de Arruda dos Vinhos  
 Fonte: arruda dos vinhos na rota histórica das linhas de torres

As tropas francesas foram derrotadas pela fome e pelo cansaço na 1ª Linha sem que houvesse, neste local, uma batalha declarada. Uma das razões para que isso viesse a acontecer deveu-se ao facto de a vila de Arruda ter sofrido a política da terra queimada, ou seja, as pessoas abandonaram a vila refugiando-se nas linhas, enquanto as suas terras e mantimentos foram destruídos para que não servissem de sustento às tropas adversárias. As tropas francesas acamparam à entrada da vila de Arruda, concretamente na Quinta do Alcambar. John Kincaid (1830), capitão inglês, descreveu este episódio histórico e a vila de Arruda nas suas memórias, do qual transcrevo um pequeno excerto:

*A nossa longa retirada terminou à meia-noite, com a chegada à pitoresca vila de Arruda, destinada a ser o posto de piquete da nossa divisão, em frente das linhas fortificadas.*

*Como em todos os outros lugares da linha de marcha, encontrámos Arruda totalmente deserta, mas com a diferença dos seus habitantes terem fugido com tanta pressa, que as chaves das portas da sua casa foram as únicas coisas que eles levaram; de modo que, quando nós entrámos, através da nossa chave de costume (a bala da espingarda abre qualquer fechadura da porta), ficámos muito surpreendidos ao descobrir que as casas estavam, não só perfeitamente mobiladas, como*

*a maioria delas tinham comida na dispensa e uma abundante provisão de bons vinhos na adega; e que, efetivamente, elas só necessitavam de alguns hóspedes, capazes de apreciarem as coisas boas que os deuses haviam providenciado. (...) Vivemos no trevo, enquanto ficámos lá: tudo o que vimos era nosso, não havendo ninguém que tivesse uma reivindicação mais legítima; e cada campo era uma vinha.*

*Infelizmente para nós mesmos, e ainda mais para os proprietários, nunca sonhámos com a possibilidade de manter a posse da vila: nós pensámos, evidentemente, que o inimigo iria atacar as linhas e, como este era o único posto fora das linhas, que deveria cair em suas mãos, em conformidade com o sistema que tivemos ao longo de toda a retirada pelo reino de Portugal, teríamos de destruir tudo o que nós não poderíamos usar, para impedir o benefício do inimigo. Mas, quando percebemos que íamos permanecer no local para além do período previsto, a nossa indiscrição pesou-nos na consciência, como se tivéssemos destruído num dia o que nos fazia luxuosos por meses (Como citado em Município de Arruda dos Vinhos, pp. 28-29).*

As Linha de Torres Vedras podem ser entendidas como rotas, um conceito central a este projeto. São parte de um episódio em que confluíram portugueses, ingleses e franceses no território de Arruda dos Vinhos. Para além do potencial paisagístico da região que os fortes nos proporcionam, da história por trás das linhas defensivas e do mapeamento do território (que é em parte visível por intermédio deste episódio histórico supra citado), há uma visão de expansão, de criação de novas rotas que este acontecimento histórico pode acrescentar a este projeto de tese: o caráter nacional e regional através da Associação da Rota Histórica das Linhas de Torres que congrega em rede os municípios de Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira; e o caráter internacional alavancado pelo interesse inglês e francês neste património.

## v. Mapeamento Patrimonial

Neste campo pretendo realizar o mapeamento do património material edificado mais relevante do território de Arruda dos Vinhos. O objetivo consiste em visualizar e identificar elementos fundamentais da cultura do território. Não é minha intenção aprofundar cada elemento patrimonial, mas agrupá-lo no sentido de dar uma organização a hipotéticos estudos desenvolvidos por artistas e criar promoção patrimonial por intermédio do desenho da programação.

A organização do mapeamento patrimonial é apresentada por freguesia:

### **Freguesia de Arranhó**

- Igreja de S. Lourenço

Outras informações: Não se sabe a data de construção, nem quem a mandou construir. Acredita-se que será anterior a 1504 devido a uma inscrição em pedra (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Sítio do Moinho do Custódio

Outras informações: É um sítio arqueológico junto a um moinho, localiza-se a 275 metros de altitude, constituindo-se enquanto um miradouro natural (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Santuário Nossa Senhora da Ajuda

Outras informações: Situado no lugar de Ajuda, onde é realizada uma das maiores festividades religiosas do concelho (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Sítio Arqueológico do Castelo / Forte do Paço

Outras informações: O Forte do Paço coincide com o Sítio Arqueológico do Castelo. O Forte situa-se a 283m de altitude e pertencia à 1ª Linha das Linhas de Torres Vedras. O Sítio Arqueológico do Castelo constitui-se enquanto o mais antigo vestígio de ocupação humana no território que corresponde atualmente ao Concelho de Arruda dos Vinhos (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Quinta da Murzinheira

Outras informações: A Quinta da Murzinheira é o local onde a escritora e pedagoga Irene Lisboa nasceu, em 1892. Embora pertença ao património do município encontra-se em ruínas. Há a intenção, por parte do executivo municipal em criar um projeto cultural e museológico neste espaço (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

## **Freguesia de Arruda dos Vinhos**

- Antigo Edifício do Grémio da Lavoura

Outras informações: Este edifício é de propriedade privada e encontra-se desabitado. Situa-se numa zona central da vila, evidenciando elementos decorativos singulares. O Grémio da Lavoura representava o tecido cultural, económico e social de Arruda dos Vinhos, num passado recente, extremamente ligado ao setor agrícola (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Antigo Edifício dos Paços do Concelho

Outras informações: Antiga casa da Câmara e Cadeia. Detém uma Torre Sineira na qual se destaca o seu sino (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.). Trata-se de um exemplar raríssimo, não só pela sua antiguidade, mas pelo facto de ostentar brasão da vila, escudo real, esferas armilares e pela inscrição que apresenta: “Ordenaram fazer este sino o licenciado António de Almeida, juiz de fora em esta vila de Arruda e Pedro de Roma e Rui de Carvalho e Martim Fernandes, vereadores, e Fernando Álvares, procurador do concelho, 1561” (Vargas, 2017, p. 32).

- Aqueduto

Outras informações: Vestígios do aqueduto que conduzia a água ao chafariz (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Capela de S. Lázaro

Outras informações: De origem setecentista, a sua construção está associada ao enterramento de leprosos nesta zona (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Chafariz

Outras Informações: O Chafariz foi reconstruído em 1789. É classificado imóvel de interesse público pelo Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico – IGESPAR. Servia de abastecimento de água à população. É um monumento central na vila (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Ermida de Nossa Senhora do Monte

Outras Informações: Situa-se numa elevação no centro do vale de Arruda. Este local é privilegiado para a observação do território e características da paisagem (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Escola Conde Ferreira

Outras informações: Atual sede da Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos. Foi edifício de instrução primária construído com base no testamento do Conde de Ferreira, capitalista do Porto, que financiou dezenas de escolas primárias no país (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Forte do Cego

Outras informações: Forte pertencente à 1ª linha das Linhas de Torres. É possível obter-se uma visão extensa do território a partir deste local (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Hospital e Capela da Misericórdia

Outras Informações: O edifício remonta a 1574, aquando da fundação da Santa Casa da Misericórdia de Arruda dos Vinhos. Possui um hospital e capela setecentista de estilo Barroco e Rococó (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Igreja Matriz da Nossa Senhora da Salvação

Outras informações: A Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos terá sido construída ou reconstruída pela Ordem de Santiago após a reconquista da vila por D. Afonso Henriques. D. Manuel terá mandado reconstruir a igreja no século XVI. Segundo a tradição oral, o monarca terá fugido da peste para Arruda dos Vinhos e a reconstrução da igreja estava associada à sua estada em Arruda. Alegadamente seria por esta razão que, aquando da reconstrução, a invocação passou de Santa Maria para Nossa Senhora da Salvação (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Memorial aos combatentes da Grande Guerra

Outras informações: Inaugurado em 1929, erguido em memória dos combatentes do Concelho de Arruda que participaram e pereceram na Grande Guerra (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Palácio do Morgado

Outras informações: A construção remonta ao século XVIII, apresentando um estilo rocaille e neoclássico. A orientação da construção deste solar atribui-se ao arquiteto Mateus Vicente de Oliveira. Atualmente é propriedade municipal, albergando os serviços da Biblioteca Municipal Irene Lisboa, Posto de Turismo, Galeria Municipal, Oficina do Artesão e restaurante, assim como também alberga o Auditório Municipal, o Centro de Interpretação das Linhas de Torres e a Recepção do Centro Cultural do Morgado, o qual representa o projeto de programação cultural: Centro Cultural do Morgado (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

### **Freguesia de S. Tiago dos Velhos**

- Capela da Carvalha

Outras informações: Situa-se no lugar da Carvalha junto à sede recreativa (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Forte da Carvalha

Outras informações: Localiza-se no lugar da Carvalha. É o ponto mais alto do concelho. Pertencia à 1ª linha das Linhas de Torres e é possível visualizar uma enorme extensão do território (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Igreja de S. Tiago dos Velhos

Outras informações: Não se sabe quando foi construída, mas o facto de albergar uma cruz da Ordem dos Templários com a inscrição datada de 1131 indicia a sua existência desde essa época (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- Moinhos de Vento de S. Tiago dos Velhos

Outras informações: É possível vislumbrar, na freguesia de S. Tiago dos Velhos um número considerável de moinhos de vento em bom estado de conservação (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

### **Freguesia de Cardosas**

- Igreja de S. Miguel Arcanjo

Outras informações: A igreja terá sido construída pelos moradores de Cardosas não se sabendo ao certo a sua data de construção. No adro da ergue-se um cruzeiro com uma inscrição datada de 1724 (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

## vi. Mapeamento da Tradição Oral, Festejos e Memória Coletiva

O Município de Arruda dos Vinhos tem promovido, enquanto marketing territorial, a designação de “Vale Encantado”, associada ao território. Esta designação deriva da memória coletiva da comunidade e da sua tradição oral. A componente mística associada às lendas populares assume-se enquanto um fator diferenciador deste território, principalmente demarcando-se de grande parte da região e concelhos limítrofes. As lendas e mitos existentes são consideráveis, pelo que procurarei mapear alguns deles neste subcapítulo. Também pretendo mapear os festejos que decorrem, ao longo do ano, no território, no sentido de identificar as motivações desses festejos e, eventualmente, poderem ser alvo de novos significados.

Relativamente ao misticismo, a lenda da *Bruxa d'Arruda* será, provavelmente, o seu expoente máximo. A designação da *Bruxa d'Arruda* abrange grande parte do território nacional, com especial proeminência na memória das pessoas mais velhas. Apesar de existir uma lenda, bastante divulgada, da *Bruxa d'Arruda*, o que é facto é que ela existiu. No dia 29 de novembro de 1906, o Diário de Notícias publicou uma reportagem sobre esta personagem. A dita bruxa chamava-se Ana Loira e vivia num casal, o *Casal das Neves*, próximo de Arruda dos Vinhos. A sua fama, principalmente no início do século XX, devia-se ao facto de a mesma se assumir enquanto curandeira. A reportagem possibilita tomar contacto com as crenças, símbolos e parte da cultura da época desta região. Alguns métodos utilizados pela Bruxa ainda hoje perduram na memória coletiva dos arrudenses (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

A tradição do poder curativo das ervas ter-se-á perpetuado ao longo de toda a Idade Média, a ponto de os membros das comunidades religiosas locais se fazerem acompanhar de um ramo de erva-arruda sempre que visitavam os doentes e os moribundos, por acreditarem que este arbusto evitava o contágio da peste. (Gaspar, Cunha, & Câmara, 2016)

O ofício da Bruxa poderá ter surgido da relação tradicional desta região com as ervas medicinais e com a medicina popular, assim como nos indica a citação. No entanto, o que me parece importante realçar neste episódio é o facto de tornarmos evidente a ruralidade do território na relação da sua população com as ervas medicinais, com a natureza e com as suas crenças.

## **A lenda da Bruxa d'Arruda:**

*A fama da "Bruxa d'Arruda" chegava a todo o lado...*

*Um dia, um médico de Setúbal, não sabendo como havia de tratar a filha de uma estranha enfermidade, resolveu meter-se a caminho e procurar os serviços da "Bruxa d'Arruda", em desespero de causa. A bruxa disse-lhe que tratava a rapariga, mas que tinha de a deixar aos seus cuidados durante três dias. O médico, sem ter outra solução, resolveu confiar a filha à sábia mulher. Durante dois dias, a rapariga não comeu nada nem bebeu, até que ao terceiro dia, a bruxa colocou um alguidar com leite junto da cabeceira da jovem paciente. Momentos depois, saiu uma cobra pela boca da rapariga e esta curou-se" (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).*

## **A Lenda do Gigante**

Provavelmente a segunda lenda mais conhecida, depois da lenda da Bruxa d'Arruda, será a lenda da Cova do Gigante. Esta lenda tem como referente a paisagem de Arruda dos Vinhos, nomeadamente uma elevação no Lugar da Monteira.

*Em tempos de que não há memória, a população do vale de Arruda vivia atormentada por um terrível gigante. Era tão grande e monstruoso que devorava tudo à sua volta de uma única vez, desde manadas de bois e ovelhas, às próprias pessoas que apanhava distraídas e tragava com crueldade. Depois palitava os dentes com os arados e dormia a sesta de barriga cheia. Ressonava de uma forma tão assustadora que as casas tremiam à sua volta. Era de facto uma criatura medonha e que não dava paz aos habitantes de Arruda.*

*Numa tarde de trovoada, uma velhinha do Lugar da Monteira saiu de casa para recolher o seu gado, quando foi surpreendida pelo temível Gigante que se preparava para comê-la. Sem outro recurso para se defender, ajoelhou-se, ergueu as mãos e pediu intercessão aos Céus. Nesse mesmo momento, o Gigante foi fulminado por um raio.*

*Devido ao seu tamanho, a população não podendo remover o corpo pestilento do lugar, cobriu-o rapidamente com cestos de terra até ganhar a forma de um monte alongado, semelhante a*

*uma grande sepultura. Assim surgiu a “Cova do Gigante” (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).*

### **Lenda dos Quarenta Queimados**

Outra lenda associada à morfologia do território é a *Lenda dos Quarenta Queimados*. Esta lenda faz referência a uma Lapa existente no Lugar da Mata que se crê que efetivasse ligação subterrânea com Sintra, daí também ser apelidada de “Cano de Sintra”. (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.)

*Durante a crise de 1383-1385, o rei de Castela, D. João, a caminho da cidade de Lisboa para cercá-la e tomá-la aos portugueses, pernoitou no Paço de Arruda. Durante a noite, dois fidalgos Arrudenses que se tinham escondido debaixo do leito onde dormia o rei castelhano tentaram apunhalá-lo mas foram descobertos e condenados de imediato à morte na forca. A população, com medo, abandonou a vila e escondeu-se no “Cano de Sintra”. Os castelhanos, apercebendo-se da fuga, incendiaram a entrada da gruta, provocando assim a morte a 40 pessoas” (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).*

### **Nossa Senhora do Monte Lenda da Parteira e dos Mouros**

A Nossa Senhora do Monte, outro local que se destaca na paisagem arrudense, também é alvo de várias lendas em seu redor. No subcapítulo anterior mapeei a sua ermida; neste apresentarei duas das lendas mais conhecidas relacionadas com o local.

#### **Lenda da Parteira e dos Mouros**

*Até há bem pouco tempo havia famílias de mouros a viverem nas profundezas da Nossa Senhora do Monte.*

*Numa noite de temporal, uma conhecida parteira de Arruda foi acordada por um misterioso homem que solicitou os seus serviços. Como a parteira era paga pela Câmara, não pôde recusar e teve de acompanhar o homem na sua carroça para as bandas da Nossa Senhora do Monte. A partir de certa altura, a parteira perdeu a noção do caminho e só se apercebeu de ter percorrido um sinuoso caminho, por meio de tojos e piteiras e de ter entrado no interior de uma gruta, conduzida pelo*

*mouro. Depois de atravessar várias galerias iluminadas, deparou-se com uma bela mulher em trabalho de parto e ajudou-a a dar à luz um lindo rapaz louro.*

*No final dos trabalhos, o mouro conduziu-a a um salão, onde se amontoavam tesouros e pediu-lhe que escolhesse o que quisesse como recompensa. A parteira não queria trazer nada, alegando que esse era o seu trabalho, limitando-se a pedir ao homem que a viesse trazer a casa.*

*Sem se ter apercebido, a mulher acordou de manhã na sua cama e, olhando para a cómoda, viu uma taça dourada, reconhecendo no objeto o agradecimento da família de mouros que tinha socorrido nessa noite” (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).*

## **A Lenda do Ouro e da Peste**

*Nas profundezas da Nossa Senhora do Monte há duas minas: uma de ouro e outra de peste. Na vertente virada para norte, escarpada e sem vegetação, acredita-se que haja uma entrada para a mina de peste. No entanto, com medo de a libertar e provocar assim uma terrível mortandade, a população nunca procurou a entrada da mina de ouro, na parte nascente do monte, mais verde e viçosa.” (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.)*

## **Festividades do Concelho**

Para além das lendas e dos mitos, mapear as festividades que decorrem no concelho de Arruda dos Vinhos é outra forma fundamental de entendermos a cultura do local. É também um exercício que nos fornece dupla funcionalidade, ou seja, também nos permite olhar o calendário anual do concelho, constituindo-se enquanto uma importante ferramenta para a gestão cultural. Neste campo, pretendo mapear os acontecimentos festivos mais enraizados na memória e na cultura local, deixando para outro subcapítulo o mapeamento de todos os eventos culturais, aos quais acrescentarei os que aqui serão referidos, no sentido de obter uma visão sóbria de toda a atividade cultural.

- **Quinta-feira da Ascensão / Quinta-Feira da Espiga**

Data: 40 dias após o Domingo de Páscoa

Local: Nossa Senhora do Monte – Freguesia de Arruda dos Vinhos

Observações: A designação de Quinta-Feira da Ascensão representa a Ascensão de Cristo ao céu 40 dias após a sua ressurreição, também assinala o fim do inverno com ligação forte à vida agrícola e às colheitas. Conhecido como Dia da Espiga devido ao facto de as pessoas irem para os campos apanhar um ramo de espiga, este dia é associado à fertilidade, prosperidade, saúde e sorte. É constituído enquanto feriado municipal. As pessoas vão aos campos apanhar o tradicional Ramo da Espiga que deve ser composto pelo seguinte:

- Espigas de trigo – simbolizam o pão;
- 1 Ramo de oliveira – simboliza o azeite, a luz, o divino e a paz;
- 1 Ramo de videira – simboliza a alegria e o vinho;
- Malmequer – simboliza o ouro e a prata;
- Papoilas – simbolizam o amor e a vida;
- Alecrim – simboliza a força e saúde

Esta festividade é celebrada com uma Romaria à Nossa Senhora do Monte, junto da sua ermida, onde é realizado o culto religioso baseado na bênção dos campos. Era costume ser realizado um baile após a celebração religiosa, não tendo sido nos últimos anos.

- **Festas Populares de St. António**

Data: 13 de junho e Fim de Semana próximo

Local: Jardim Municipal – Freguesia de Arruda dos Vinhos

Observações: Programação cultural popular

- **Festa em Honra de São Geraldo (A-do-Baço)**

Data: Junho

Local: Lugar de A-do-Baço – Freguesia de Arranhó

Origem: Religiosa

Observações: Programação religiosa e profana popular

- **Festas Populares de Alcobela de Baixo**

Data: Junho

Local: Lugar de Alcobela de Baixo

Origem: Profana

Observações: Programação cultural popular

- **Festejos Anuais em Honra do Apóstolo S. Tiago Maior**

Data: Julho

Local: S. Tiago dos Velhos - Freguesia de S. Tiago dos Velhos

Observações: Programação religiosa e profana popular

- **Festas em Honra de Santa Ana**

Data: Agosto

Local: Lugar da Carvalha – Freguesia de S. Tiago dos Velhos

Observações: Programação religiosa e profana popular

- **Festas em Honra de S. Lourenço**

Data: Agosto

Local: Arranhó – Freguesia de Arranhó

Observações: Programação religiosa e profana popular

- **Festas em Honra de Nossa Senhora da Salvação**

Data: 6 a 18 de Agosto

Local: Arruda dos Vinhos – Freguesia de Arruda dos Vinhos

Observações: São considerados os festejos com maior relevância no concelho de Arruda dos Vinhos.

Segundo a tradição oral, as festas realizam-se desde 1531 – data da inauguração da Nova Igreja, mandada reconstruir por D. Manuel I, com votos da nova invocação e obrigatoriedade de se realizar Festa todos os 15 de Agosto”. (...) “No século XVI, D. Manuel terá mandado reconstruir a igreja (bastante danificada por terramotos), na sequência da sua estada em Arruda, fugindo da peste (..) por desejo de Dom Manuel (...) a invocação passou de Santa Maria de Arruda para Nossa Senhora da Salvação...” apesar de esta estada, de D. Manuel I em Arruda, não ser totalmente comprovável, tem sido repetida ao longo dos

anos e assimilada pela comunidade como verdade. As “Festas de Agosto”, como são reconhecidas no vernáculo popular, têm uma componente religiosa de génese, no entanto também existe uma parte profana da festa. No âmbito religioso destaca-se a procissão do dia 15 de Agosto, na qual existe uma hierarquia e organização específicas, relativamente ao acompanhamento à Imagem. Relativamente à programação não religiosa, há uma componente taurina com largadas de touros nas ruas - que perduram há séculos - demonstrando a influência ribatejana no território, sendo também promovidos concertos, arraiais, exposições e outras animações populares. (Ferreira & Câmara, Nossa Senhora da Salvação - A Magia da Festa, 2006, pp. 9-17)

- **Festas em Honra de Nossa Senhora da Ajuda**

Data: Início de setembro

Local: Ajuda – Freguesia de Arranhó

Observações: Programação religiosa e profana popular

- **Festas em Honra de S. Miguel Arcanjo**

Data: Meados de Setembro

Local: Cardosas – Freguesia de Cardosas

Observações: Programação religiosa e profana popular

## vii. Mapeamento de Infraestruturas Culturais

Neste subcapítulo pretendo realizar um levantamento das infraestruturas culturais existentes no território com o objetivo de constituir uma base de dados de apoio ao desenho do projeto, nomeadamente na definição da programação relativamente aos espaços físicos onde poderá ocorrer.

### **Infraestruturas Culturais Municipais**

#### **Centro Cultural do Morgado**

Localização: Centro da vila de Arruda – Freguesia de Arruda dos Vinhos

Para além de um projeto de programação cultural, é a maior infraestrutura cultural municipal do qual fazem parte uma série de valências e serviços como:

- **Auditório Municipal**

Observações: Espaço intimista, desenhado para palestras e conferências. Tem programação cultural regular no âmbito do projeto de programação Centro Cultural do Morgado. Tem 111 lugares + 2 para cadeiras de rodas. Apenas tem condições técnicas adequadas a espetáculos que exigem pequenas produções.

- **Biblioteca Municipal Irene Lisboa**

Observações: Inaugurada em 1989, tendo passado por várias localizações, a biblioteca pública, situa-se atualmente no edifício principal do Palácio do Morgado. A Biblioteca Municipal Irene Lisboa (BMIL) tem enquanto valências: setor de periódicos, zona de acesso a computadores, sala de leitura, sala jardim (uma espécie de sala polivalente), fundo local, setor infantojuvenil. Destaco o valor patrimonial do edifício onde se localiza a biblioteca, mencionado anteriormente.

- **Centro de Interpretação das Linhas de Torres**

Observações: Situa-se junto ao Auditório Municipal, podendo ser interpretado como o *foyer* do auditório aquando da existência de espetáculos. Aborda a temática das Invasões Francesas com especial enfoque no Forte do Cego e Forte da Carvalha. “Caracterizado por um design gráfico apelativo e contemporâneo, bem como pela interatividade, aborda o tema através de um discurso museográfico acessível aos diferentes públicos...” (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.).

- **Galeria Municipal**
- Observações: Espaço cultural dedicado à promoção das artes plásticas e cruzamentos artísticos. Tem programação regular inserida no projeto de programação cultural do Centro Cultural do Morgado.
- **Oficina do Artesão**

Observações: Espaço dedicado aos artesãos do concelho, onde é possível comprar peças por eles produzidas e, por vezes, assistir a trabalho ao vivo.

- **2 salas com potencialidades expositivas: Capela do Morgado e Sala Polivalente**

Observações: Ambas as salas já foram utilizadas para a realização de exposições, sendo que a primeira é uma capela dessacralizada e, portanto, é um espaço impositivo, e a segunda uma sala neutra adaptável a várias atividades.

- **Outros espaços do Centro Cultural do Morgado**

Observações: O Centro Cultural do Morgado (CCM), detém um pequeno palco no seu espaço exterior e um apetecível jardim onde decorrem pequenos concertos e exposições.

### **Pavilhão Multiusos**

Localização: Vale Quente – Freguesia de Arruda dos Vinhos

Observações: Sem programação regular. É um espaço dedicado aos grandes eventos. Único espaço *indoor* do concelho para receber grandes espetáculos.

### **Praça de Touros José Marques Simões**

Localização: Jardim Municipal – Freguesia de Arruda dos Vinhos

Observações: As atividades tauromáquicas fazem parte da identidade cultural do território de Arruda. Este projeto não pretende debruçar-se sobre a tauromaquia, no entanto não rejeita o espaço da Praça de Touros enquanto infraestrutura cultural elegível para dinamização. Esta construção remonta à primeira metade do século XX, não deixando de transportar consigo uma identidade cultural controversa que pode, e deve, ser abordada com visão crítica.

### **Espólio de Irene Lisboa – Antigo Museu Irene Lisboa**

Observações: O Município de Arruda dos Vinhos é proprietário de espólio relacionado com a vida e obra de Irene Lisboa. Existiu um espaço museológico denominado de

Museu Irene Lisboa, na vila de Arranhó, que deixou de existir, não havendo ainda solução definida para o destino do espólio.

## **Outras Infraestruturas Públicas**

### **Start-Up Cultural de Arruda**

A Start-Up Cultural de Arruda é um projeto recente da Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos. Localiza-se na antiga escola primária da Quinta da Serra que foi requalificada. Tem como objetivos:

*O projeto da Start-Up Cultural de Arruda baseia-se no intercâmbio de recursos e ferramentas entre as entidades promotoras e os artistas residentes: a primeira fornece um espaço gratuito e materiais para os seus artistas possam, de forma livre e criativa, desenvolver os seus projetos.*

*Em troca, estes últimos passam a disponibilizar, aquando do término do processo criativo, para constar no acervo público da freguesia, a sua arte, como aumento do acesso à Cultura, por parte dos arrudenses". (Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos, 2020)*

Este projeto é de destacar, tendo em conta a sua capacidade de se orientar à produção artística.

## **Infraestruturas Culturais Associativas e Recreativas**

No concelho de Arruda dos Vinhos proliferam, ao longo de todo o território, sedes das associações culturais e recreativas. Interessa-me mapear estas infraestruturas pelo facto de serem espaços com grande abrangência territorial, concentrarem relações comunitárias, apresentarem condições técnicas adequadas para a programação cultural e constituírem-se enquanto polos de acesso cultural em territórios descentralizados. Nem todas as infraestruturas apresentam as mesmas condições técnicas nem as respetivas associações detêm Direção a desempenhar funções, pelo que a realidade se apresenta díspar.

### **Freguesia de Arranhó**

- **Sociedade Recreativa Cultural e Desportiva de Tesoureira**

Localização: Lugar da Tesoureira

Características: Sala única, ampla, sem palco

- **União Recreativo e Desportivo de Arranhó**

Localização: Vila de Arranhó

Características: Sala com palco

- **Sociedade Recreativa e Cultural de Alcobela de Cima**

Localização: Lugar de Alcobela de Cima

Características: Sala com palco e sala de convívio

- **Associação Desportiva, Recreativa e Cultural de Alcobela de Baixo**

Localização: Lugar de Alcobela de Baixo

Características: Sala com palco e sala de convívio

- **Associação Recreativa Desportiva e Cultural de A-do-Baço**

Localização: Lugar de A-do-Baço

Características: Sala com palco

- **Sociedade Recreativa e Cultural de Camondes**

Localização: Lugar de Camondes

Características: Sala com palco

- **Sociedade Recreativa Louricense**

Localização: Lugar da Louriceira

Características: Sala com palco, sala de convívio e biblioteca

#### **Freguesia de Arruda dos Vinhos**

- **Clube Recreativo e Desportivo de A-do-Barriga**

Localização: Lugar de A-do-Barriga

Características: Sala com palco e sala de convívio

- **Rancho Folclórico “Podas e Vindimas”**

Localização: Vila de Arruda dos Vinhos

Características: Sala de festas

- **Clube Recreativo e Desportivo Arrudense**

Localização: Vila de Arruda dos Vinhos

Características: Sala com palco

### **Freguesia de Cardosas**

- **Clube Recreativo e Desportivo de Cardosas**

Localização: Aldeia de Cardosas

Características: Sala sem palco

### **Freguesia de S. Tiago dos Velhos**

- **Associação Recreativa e Cultural da Carvalha;**

Localização: Lugar da Carvalha

Características: Sala de convívio, Coreto em espaço exterior

- **Sociedade Recreativa de A-do-Mourão;**

Localização: Lugar de A-do-Mourão

Características: Sala com palco, biblioteca, sala de convívio

- **Sociedade Recreativa Desportiva e Cultural de Adoseiros;**

Localização: Lugar de Adoseiros

Características: Sala com Palco

## viii. Mapeamento da Programação Cultural

A programação cultural em Arruda dos Vinhos é essencialmente pública, ou seja, promovida pelo município e freguesias. Neste subcapítulo pretendo assinalar todos os projetos e eventos culturais promovidos no concelho que demonstrem alguma consistência, ou seja, que não sejam totalmente efémeros.

### **Projeto de Programação Cultural – Centro Cultural do Morgado**

O Centro Cultural do Morgado (CCM) tem vindo a ser mencionado em vários pontos deste mapeamento cultural devido ao facto de se desdobrar em 3 dimensões: dimensão patrimonial relacionada com o edifício; dimensão agregadora de uma série de valências e serviços culturais que se situam no local; e um projeto de programação cultural que teve como ponto de partida a agregação dos serviços, tendo evoluído para algo que supera o espaço físico.

O projeto de programação cultural do CCM apresenta programação trimestral constituída por 4 ciclos programáticos: Ciclo Conhecimento, Ciclo Música e Performance, Ciclo Artes Visuais e Ciclo Fora de Portas. A programação caracteriza-se pela abrangência artística e contemporaneidade. A programação abrange os serviços e infraestruturas situadas no CCM como a Galeria Municipal, a Biblioteca Municipal, o Auditório Municipal e outros espaços interiores e exteriores da infraestruturas, assim como, por intermédio do Ciclo Fora de Portas, também programa em outros espaços, indoor e outdoor, do concelho de Arruda dos Vinhos.

### **Centro de Estudos e Investigação de Arruda dos Vinhos (CEI)**

O CEI, apesar de não ser propriamente um projeto de programação cultural, também promove programação, assume-se, essencialmente, como um projeto de investigação cultural do Município de Arruda dos Vinhos. Os seus objetivos são:

- Manter e conservar as estruturas militares pertencentes às Linhas de Torres;
- Divulgar os estudos históricos/arqueológicos e dinamização das estruturas militares e espaços adjacentes, pertencentes às Linhas de Torres;
- Divulgar e dinamizar o património imóvel e locais de interesse histórico e arqueológico do concelho;
- Desenvolver a pesquisa nas áreas da arqueologia, etnografia, história e património imóvel, em parceria com instituições académicas e do estado, na área da tutela do património histórico, arqueológico e museográfico (DGPC – Direção Geral do Património Cultural), impulsionando a produção de

conhecimento científico, por parte de investigadores, fomentando e contribuindo para o processo de formação académica, incrementando novos projetos de investigação ao abrigo do protocolo celebrado entre o Município e o Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

- Promover atividades no âmbito de comemoração da restauração do concelho (13 de janeiro), Foral de D. Manuel (15 de janeiro), Mercado Oitocentista (mês de junho), Jornadas Europeias do Património em parceria com a DGPC (mês de setembro), comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios (18 de abril), comemoração do aniversário da retirada das tropas francesas da Vila de Arruda (9 de novembro), entre outros;
- Criação de uma plataforma web, nas redes sociais, para divulgação do património local e iniciativas de divulgação e dinamização do património imóvel e arqueológico do concelho.

(Município de Arruda dos Vinhos, s.d.)

Importa mencionar este projeto, na medida em que esta proposta de tese será transversal a muitas das áreas que o CEI tem como alvo dos seus objetivos. A transversalidade e multidisciplinaridade deste projeto de tese exige o estabelecimento de parcerias. Nessa medida, o CEI é uma parceria evidente.

### **Biblioteca Municipal Irene Lisboa**

A Biblioteca Municipal Irene Lisboa (BMIL), já foi abordada no âmbito das infraestruturas, constituindo-se enquanto o serviço de maior dimensão no Centro Cultural do Morgado. Atualmente a sua programação cultural integra o projeto de programação do CCM, no entanto, é pertinente dar destaque ao serviço da biblioteca. A BMIL é outro serviço municipal que se pode constituir enquanto parceiro deste projeto, parcerias que desenvolverei nos capítulos dedicados ao desenho de projeto, na medida em que há uma vertente deste projeto dedicada à criação de arquivo onde a BMIL poderá ter um papel fundamental na área do seu fundo local.

### **Festival AllRuda**

O *Festival AllRuda* é um festival comunitário de animação que ocorre com uma periodicidade bienal. O *AllRuda* é desenhado com e para a comunidade local, no sentido de valorizar a cultura do território, materializando-se em exposições referentes à memória coletiva, concertos, atuações e performances com predominância em artistas profissionais e não-profissionais de Arruda dos Vinhos. O festival não opera num local específico, tendo ocorrido em lugares diferentes consoante as necessidades do projeto.

A metodologia utilizada aproxima-se da metodologia participativa e do conceito de democracia cultural.

### **Há Jazz no Terreiro**

O *Há Jazz no Terreiro* é um festival artístico dedicado à música que ocorre durante as Festas em Honra de Nossa Senhora da Salvação no Largo do Terreiro, no centro histórico da vila de Arruda. Este festival é oficialmente organizado pelo Município de Arruda dos Vinhos, sendo levado a cabo por um grupo informal de pessoas. A génese da iniciativa partiu de moradores do local em questão. Destaco este festival pelo facto de ser dos poucos eventos artísticos culturais que decorrem no concelho de Arruda dos Vinhos.

### **Festival Curt'Arruda**

O *Festival Curt'Arruda* é um projeto artístico dedicado ao cinema organizado pelo Município de Arruda dos Vinhos em parceria com um grupo informal. O festival costuma ocorrer no mês de outubro com especial enfoque no salão de festas do Clube Recreativo e Desportivo Arrudense: antiga e única sala de cinema que existiu em Arruda dos Vinhos.

*Sob o tema da «Ruralidade» o Curt'Arruda – Festival de Cinema de Arruda dos Vinhos tem como missão homenagear o património e os valores rurais do nosso país, e aproximar a população local ao cinema e à terra.*

*Centrado nas curtas-metragens, o Curt'Arruda promove a produção nacional e estrangeira através dos prémios Curt'Arruda – Melhor Curta-Metragem Rural e Film'Arruda – Melhor Curta-Metragem de Arruda dos Vinhos.*

*A proximidade de Arruda dos Vinhos a Lisboa, e o recente mas próspero desenvolvimento, fazem desta terra uma ponte entre o que é rural e o urbano, inspirando o slogan do festival: «**O Festival de Cinema Rural Mais Urbano de Portugal**».”*  
(Curt'Arruda, 2020)

Este festival importa ser destacado porque, a par do Centro Cultural do Morgado e do Há Jazz no Terreiro, é um projeto cultural artístico promovido no território de Arruda dos Vinhos. Acresce o interesse neste projeto, devido ao facto de promover uma relação interessante com o território, por intermédio da sua curadoria.

### **Mês Irene Lisboa**

O *Mês Irene Lisboa* insere-se na programação da BMIL e do CCM, no entanto é pertinente o seu destaque enquanto atividade promotora de literatura, debruçando-se sobre essa disciplina artística cultural. Esta iniciativa acontece no espaço da BMIL espalhando-se por outros equipamentos do CMM, promovendo, no mês de novembro, apresentações de livros, encontros com escritores, oficinas, feira do livro e um trabalho próximo com as escolas do concelho, na divulgação da obra de Irene Lisboa e da literatura em geral.

### **Libert'Art**

O Libert'Art é uma iniciativa promovida pela Associação de Jovens de Arruda dos Vinhos (AJAV) que varia a sua ação consoante as diferentes direções da associação. Pauta-se por ser uma iniciativa que promove jovens artistas do concelho, resultando, geralmente, em exposições de arte. A localização da iniciativa não é fixa costumando realizar-se por ocasião do 25 de abril.

### **Grupos Cénicos**

Não existem companhias de teatro em Arruda dos Vinhos nem associações artísticas a operar no território. No entanto, e tendo em conta a vertente comunitária deste projeto, interessa destacar a existência de dois Grupos Cénicos associados ao Clube Recreativo e Desportivo Arrudense (CRDA) e à União Recreativa e Desportiva de Arranhó (URDA). Esta última apresenta espetáculos ocasionalmente.

### **Mercado Oitocentista**

O Mercado Oitocentista (MO) decorre, geralmente, no primeiro fim de semana de junho pelas ruas da vila de Arruda dos Vinhos. Consiste numa recriação histórica de Arruda dos Vinhos no século XIX. O MO caracteriza-se pelos mercadores que *invadem* a vila para venderem os seus produtos e pelas animações e recriações da época. Este evento tem, na sua génese, fundamentação histórica relacionada com as Invasões Francesas que ocorreram no período oitocentista.

### **Festa da Vinha e do Vinho**

A Festa do Vinha e do Vinho acontece no Pavilhão Multiusos de Arruda dos Vinhos no mês de novembro. É um certame que pretende promover o vinho da região por intermédio de provas de vinhos e da gastronomia. A Festa do Vinha e do Vinho costuma apresentar um programa musical *mainstream* popular. Este certame tem um fundo cultural e económico de grande relevância no território, ligados à cultura da vinha e à produção de vinho.

## Calendário

Neste campo pretendo mapear todos os eventos significativos, que ocorrem no concelho. O objetivo consiste em ter uma visão do calendário anual do território.

Tabela 1 - Calendário de Eventos

Data	Evento/Atividade	Local	Promotor
Todo Ano – Programação Trimestral	Programação do Centro Cultural do Morgado	Centro Cultural do Morgado e todo o território de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Bienal – Sem data Fixa	Festival AllRuda	Sem local fixo – Concelho de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Janeiro	Concerto de Ano Novo	Pavilhão Multiusos – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Abril	Concerto de 25 Abril	Local incerto - Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Abril	Libert'Art	A definir	Associação de Jovens de Arruda dos Vinhos
Maio	Festas em Honra de S. Miguel	Louriceira – Freguesia de Arranhó	Sociedade Recreativa Louricense
Maio	Festa Anual da Tesoureira	Tesoureira – Freguesia de Arranhó	Sociedade Recreativa da Tesoureira
Maio	Festejos da 5ª Feira da Espiga	Nossa Senhora do Monte e outro a definir – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos e Rancho Folclórico Podas e Vindimas
Junho	Mercado Oitocentista	Ruas da vila de Arruda dos Vinhos – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Junho	Festas Populares de Sto. António	Jardim Municipal de Arruda dos Vinhos – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos
Junho	Festas em Honra de S. Geraldo	A-do-Baço – Freguesia de Arranhó	Associação Recreativa Desportiva e Cultural de A-do- Baço
Junho	Festas de Alcobela de Baixo	Alcobela de Baixo – Freguesia de Arranhó	Sociedade Recreativa e Cultural de Alcobela de Baixo

Julho	Festejos Anuais em Honra do Apóstolo S. Tiago Maior	S. Tiago dos Velhos – Freguesia de S. Tiago dos Velhos	Comissão de Festas da Paróquia de S. Tiago dos Velhos
Agosto	Festas em Honra de Santa Ana	Carvalha – Freguesia de S. Tiago dos Velhos	Associação Recreativa e Cultural da Carvalha
Agosto	Festas em Honra de S. Lourenço	Arranhó – Freguesia de Arranhó	Comissão de Festas de S. Lourenço
Agosto	Festas em Honra da Nossa Senhora da Salvação (Festas do Concelho)	Arruda dos Vinhos – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Agosto	Há Jazz no Terreiro (Inserido nas Festas do Concelho)	Largo do Terreiro – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos e Grupo Informal
Setembro	Festas em Honra de Nossa Senhora da Ajuda	Nossa Senhora da Ajuda – Freguesia de Arranhó	Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda
Setembro	Aniversário da Biblioteca Municipal Irene Lisboa	Centro Cultural do Morgado – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Setembro	Festas em Honra de S. Miguel Arcanjo	Cardosas – Freguesia de Cardosas	Comissão de Festas
Outubro	Festival Curt'Arruda	Salão do Clube Recreativo e Desportivo Arrudense – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos e Grupo Informal
Outubro	Dia Nacional das Linhas de Torres + Mostra Gastronómica relacionada com o tema	Concelho de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Outubro	Fórum Cultural	Auditório Municipal – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Novembro	Mês Irene Lisboa	Centro Cultural do Morgado – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos
Novembro	Festa da Vinha e do Vinho	Pavilhão Multiusos. – Freguesia de Arruda dos Vinhos	Município de Arruda dos Vinhos

## ix. Outros Mapeamentos

Interessa-nos identificar os mapeamentos previamente realizados no território no sentido de, eventualmente, virem a adquirir novos significados ou integrarem outras rotas. Neste contexto é importante mencionar dois trabalhos realizados no Município de Arruda dos Vinhos relacionados com as **Quintas do Concelho**, e o **levantamento das Tabernas** existentes na vila de Arruda.

### **Quintas do Concelho**

As *Quintas do Concelho* é o nome de uma publicação do Município de Arruda dos Vinhos na qual há um mapeamento das quintas que existem e existiram no concelho de Arruda dos Vinhos. A fertilidade do território sempre convidou à exploração agrícola e, é nesse sentido, que podemos encontrar um número considerável de quintas, inclusive no centro da vila, associadas a antigos proprietários agrícolas. A publicação, que data de fevereiro do ano 2000, não desenha a localização das quintas no mapa, nem as fotografa. Há um exercício de descrição das características das quintas, individualmente, e, em algumas, o registo de entrevistas ou conversas mais informais com os proprietários. A acompanhar os textos há um trabalho artístico de Luís Pereira que representa as quintas em aguarela. Apesar de não ser um trabalho denso, é um bom ponto de partida para estudarmos o território de Arruda dos Vinhos e identificarmos características fundamentais da sua identidade. Num olhar geral sobre a arquitetura das infraestruturas encontramos sinais referentes às características do território envolvente:

O edifício define-se pelo seu maior volume onde se apresenta uma janela que permite a entrada da uva vindimada e uma porta larga para a saída dos cascos. A importância do significado da produção vinícola é-nos transmitida pelas grandes dimensões da adega...” e também na generalidade é possível identificar-se nestas propriedades “a casa, o moinho, a capela ou a adega...” revelando “o vínculo que os liga aos valores tradicionais, à economia ou às condições naturais envolventes.

(Ferreira & Câmara, *Quintas do Concelho*, 2000, p. 13).

Este mapeamento reúne 35 quintas do concelho, algumas delas em atual estado de ruína ou descaracterizadas.

## Tabernas

Numa exposição dedicada ao comércio tradicional, da vila de Arruda, realizada em agosto de 2008, foram mapeadas as tabernas existentes na vila em meados do século XX. “Na taberna vendia-se um pouco de tudo: vinho, bebidas engarrafadas e enrolhadas, alguns petiscos, bolos secos, guloseimas, tabaco e, curiosamente, alguns produtos de utilidade doméstica, sendo que em algumas tabernas coexistia um espaço de mercearia. Vendia-se de tudo, exceto café” (Município de Arruda dos Vinhos, 2008).



Mapa 3 - Planta de Arruda com indicação das tabernas 1955  
Fonte: Município de Arruda dos Vinhos

### III. Estudos de Caso e Exemplos

Neste capítulo pretende-se abordar e dissecar outros projetos culturais no sentido de servirem de referências ao posicionamento do projeto Rota Raiz. Neste sentido procurei projetos que assentassem em critérios definidos previamente, sendo que a relação estreita dos projetos culturais com o território em que operam se assume enquanto um critério obrigatório. Outros critérios assentam na abrangência artística e no envolvimento comunitário dos projetos. Nem todos os projetos que aqui serão abordados abarcam os três critérios, todos têm uma relação estreita com o território, alguns poderão destacar-se pelo envolvimento comunitário ou pela abrangência artística.

Neste capítulo destacam-se dois projetos culturais, o *Festival Walk&Talk 2019*, nos Açores, com especial predominância na ilha de S. Miguel, e o *Museu da Cidade* do Porto, como o exemplo claro de um projeto desenhado à escala da cidade.

Tive a oportunidade de acompanhar o *Festival Walk&Talk 2019* enquanto membro da equipa durante a totalidade da execução do seu programa de 5 a 20 de julho. A razão pela qual se proporcionou esta oportunidade, teve que ver diretamente com a minha necessidade de observação direta da dinâmica de um projeto com a ligação que o *Walk&Talk* cultiva com o território, com o objetivo claro de servir enquanto experiência ao desenho da Rota Raiz.

O *Museu da Cidade* do Porto, recentemente liderado por Nuno Faria, é um exemplo de um projeto desenhado à escala do território da cidade. Se por um lado o *Walk&Talk* representa um projeto cultural nos Açores, um território descentralizado face às assimetrias territoriais nacionais, o *Museu da Cidade* do Porto representa um projeto cultural num território central. O estudo de ambos os projetos pode ser uma ferramenta muito valorosa no desenho do projeto *Rota Raiz*, na medida em que Arruda dos Vinhos pode ser entendida como um território com características situadas entre a centralidade e a periferia. O *Museu da Cidade* do Porto, dada a sua especificidade de se desdobrar em vários espaços na cidade, tem sido pensado numa lógica de mapeamento, criando eixos (rizoma) que se poderão assemelhar ao conceito da grande rota pretendido neste projeto de tese.

Por último, irei identificar mais alguns projetos, de uma forma mais superficial, que apresentam características interessantes enquanto ferramentas de inspiração ao desenho da *Rota Raiz*.

## i. Festival Walk&Talk

O *Walk&Talk* é um festival cultural e artístico organizado pela *Anda e Fala Associação Cultural*, no território dos Açores com especial enfoque na ilha de S. Miguel. No ano de 2019 o festival foi organizado de 5 a 20 de julho, período no qual estive inserido na equipa com o objetivo de observar o desenrolar da atividade. As minhas funções no festival foram acordadas com os diretores artísticos do projeto, Jesse James e Sofia Carolina Botelho, que, dada a minha necessidade de estar no terreno a observar as atividades e iniciativas que decorriam da programação, consistiram no apoio à produção, ou seja, dar respostas a necessidades e urgências que emanavam do desenvolvimento da programação, o que me concedia liberdade para a observação e estabelecimento de conversas informais com os mais variados agentes e parceiros do festival.

O *Walk&Talk* apesar de se apresentar de forma mais efémera, resulta de um trabalho consistente que se desenrola ao longo do ano, principalmente com as residências artísticas que promove e que resultam, maioritariamente, num estudo do território por parte dos artistas selecionados. O trabalho desenvolvido pela associação *Anda e Fala*, é exemplo de um projeto que promove o conhecimento sobre o território, que o estuda e incentiva a que seja olhado com maior detalhe.

Do ponto de vista programático, o *Walk&Talk* descreve-se como o festival de artes dos Açores, e um programa de residências artísticas. Posiciona-se como experimental e participativo, incentivando a criação de novos objetos, num diálogo com o seu território e especificidades socioculturais. Menciona o envolvimento das comunidades locais e visitantes por intermédio do conhecimento gerado pelas novas criações artísticas e aponta à arte, dança, performance, teatro, arquitetura, design, cinema e música como as suas áreas de programação. Em 2019 a equipa materializou a estratégia programática com base em 5 ciclos: **Conhecimento, Residências, Performativo, Circuito Exposições e Circuito Ilha.**

O **programa de residências** é, na minha opinião, o pilar basilar deste festival. São as residências artísticas que permitem, por intermédio das variadas manifestações, que se comunique o território criando e difundido conhecimento do mesmo com base nos objetos criados. As residências são constituídas com base em chamadas anuais; artistas convidados; e designers que colaboram na produção de novos objetos com os artesãos da ilha. Nas chamadas anuais destaca-se o programa, no âmbito da política cultural local, *Jovens Criadores*. Este programa é destinado a jovens até 30 anos que vivam ou tenham nascido nos Açores.

*A Residência de Artesanato da Região dos Açores*, com curadoria de Miguel Flor, é outro exemplo em que se colocam em comunicação as visões contemporâneas com os saberes ancestrais. Promove o trabalho entre designers e artesãos, apoiando e alavancando o artesanato local. As residências artísticas funcionam entre festivais, ou seja, na edição de 2019 os artistas que apresentariam os trabalhos em 2020 já se encontravam em contacto com o festival. Esta metodologia permite aos artistas terem uma visão concreta do festival, contactando com as propostas transatas, o que lhes possibilita trazerem para o seu trabalho criações distintas e receberem acompanhamento curatorial, ao longo do ano, que lhes direciona o trabalho.

Se o Programa de Residências é o pilar do *Walk&Talk*, o **Ciclo Conhecimento** é o “cimento” que agrega toda a estrutura do festival e dá-lhe a consistência necessária. Este ciclo debruça-se sobre a área da educação artística e sobre a mediação do trabalho que é programado, revelando-se fundamental para a criação de pontes entre o que é programado e os públicos. Neste âmbito foi promovida a *Summer School* que consistia em “sessões informais de partilha e discussão de métodos de trabalho” com artistas e curadores do festival (Walk&Talk, 2019). Este programa foi essencialmente alimentado pelo voluntariado do festival que era constituído, maioritariamente, por estudantes das escolas secundárias de S. Miguel e também da Ilha Terceira.

No âmbito do envolvimento comunitário e do conhecimento do tecido sociocultural da ilha de São Miguel, destaco os *Open Studios*: um programa que promovia e incentivava os estúdios, ateliers e galerias de São Miguel a abrirem as portas e a mostrarem novos projetos. Esta iniciativa parece-me muito interessante a dois níveis: dar a conhecer o trabalho artístico que é feito na ilha de uma forma permanente incentivando criadores, artistas e agentes culturais a dinamizarem novos projetos; e contribuir para o desenvolvimento do tecido cultural do território, no âmbito da política cultural.

No âmbito do conhecimento social, cultural, artístico e económico da ilha, destaco o programa de *Percursos Temáticos*, uma iniciativa do *Talkie-Walkie*. O *Talkie-Walkie* é um projeto sediado na cidade do Porto fundado por duas arquitetas: Ana Vieira e Matilde Seabra que, verdadeiramente, contribuiu para o conhecimento e o reconhecimento do território. O projeto consistia na realização de percursos temáticos inspirados nas gentes da ilha, nas suas histórias e “estórias”, na arquitetura local, na paisagem e em pontos minuciosamente identificados, com o objetivo de convidar à compreensão do território com base numa visão holística. No âmbito deste projeto tive a oportunidade de participar em um dos três percursos realizados: *Para Além da Paisagem*, conduzido por uma especialista convidada: Diana Diegues, uma agente cultural local. A atividade consistiu numa interpretação das realidades socioculturais e socioeconómicas do território,

partindo da arquitetura. Visitámos uma antiga fábrica de produção de açúcar, que já não produz, orientados pelo seu responsável máximo. Foi-nos transmitida uma visão da importância daquela fábrica ao longo dos tempos. Posteriormente seguimos para um local de produção de chicória e terminámos com reconhecimento total da infraestrutura *Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas*. Estivemos em contacto com os locais, que falaram da relação das comunidades com as infraestruturas na primeira pessoa. Em suma, este projeto contribuiu verdadeiramente para uma visão abrangente da realidade micalense, nunca abandonado o ponto de vista artístico.

No âmbito do Ciclo Conhecimento, foram também realizadas conversas com os intervenientes do festival, desde artistas, parceiros, curadores e outros agentes, que se revelaram fundamentais à promoção do pensamento intelectual. Promoveram-se espaços democráticos de debates, visitas guiadas às exposições e várias oficinas que promovem o conhecimento por intermédio da experiência, principalmente com público juvenil.

O **Circuito Performativo** consiste numa proposta multidisciplinar que vai da música à dança, da performance ao teatro e a projetos híbridos. Neste âmbito, é de destacar o *Pavilhão* do festival, que se situa na praça em frente ao Teatro Micalense, em Ponta Delgada, local onde acontecem grande parte das performances. O Pavilhão é o núcleo do festival que surge da promoção de um concurso internacional de arquitetura; é neste espaço que encontramos a centralidade do festival. O *Walk&Talk*, na edição de 2019, efetuou parcerias com outros espaços no sentido de desenvolver a programação performativa, nomeadamente com o Teatro Micalense, Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, Estúdio 13 e o Sentado em Pé Bar & Lounge. A proposta curatorial neste ciclo passou por refletir sobre a identidade, género e as relações da tecnologia com a natureza. Esta proposta não se limitou a este ciclo mas, em modo geral, abarcou a curadoria de todo o festival. Alguns dos espetáculos apresentados foram coproduzidos pelo *Walk&Talk* continuando-se, desta forma, a afirmar a identidade do território. Alguns dos espetáculos eram pagos, os que decorriam no pavilhão do *Walk&Talk* eram gratuitos.

O **Circuito de Exposições** teve a curadoria de Sérgio Fazenda Rodrigues, tendo como tema o conceito de “Deambulação Identitária”, promovendo exposições em vários espaços da cidade de Ponta Delgada, com obras de 6 artistas e um coletivo, em 5 espaços diferentes, resultantes de residências artísticas entre 2017 e 2019. As intervenções baseavam-se em referências culturais, sociais e antropológicas, debruçando-se sobre questões de género, memória, paisagem e arquitetura. Segundo o conceito curatorial, as intervenções organizavam-se em diferentes modelos

expositivos, destacando-se: “As intervenções singulares em lugares específicos (pontuar), as intervenções que se propagam no espaço urbano (dispersar) e as intervenções que se agrupam num local (convergir)” (Walk&Talk, 2019).

Os artistas participantes no Circuito Exposições foram os seguintes: Gonçalo Preto no Núcleo de Santo André; Miguel C. Tavares & José Alberto Gomes junto ao Anfiteatro das Portas do Mar; Maria Trabulo na Torre Sineira de Ponta Delgada; e Mónica Miranda, Diana Vidrascu e Andreia Santana no 4º piso do edifício SolMar, na Avenida Marginal.

Esta abordagem da curadoria também vai ao encontro do conceito de mapeamento que pretendo explorar na *Rota Raiz*. Os trabalhos apresentados pelos artistas demonstravam o estudo sobre os Açores e as suas dimensões culturais, sociais, antropológicas e naturais. No entanto, por intermédio de algumas conversas informais, fui alertado para o facto de, quando se trabalha numa relação íntima com o território, poderão ocorrer alguns perigos como, por exemplo, recorrer-se a conceitos similares. Fui alertado para o facto de algumas propostas serem idênticas a outras de edições anteriores e, nesse caso, o importante seria continuar a apostar num acompanhamento curatorial aos artistas, para que se consiga apoiar na criação de propostas inovadoras, mesmo que um território tenha um campo delimitado.

Por último, o **Circuito Ilha**, anteriormente designado *Circuito de Arte Pública*, que teve a curadoria do coletivo *The Decorators*. Este ciclo que convoca as especificidades geográficas e culturais da Ilha de São Miguel resultou numa expedição à Ilha numa relação clara entre o território e os projetos artísticos. A expedição designada de *Empatia* levou-nos a vários pontos de S. Miguel colocando-nos em contacto com obras dos artistas: Clementine Keith-Roach, Inês Neto dos Santos, Practice Architecture, Pedro Lino, Prem Sahib e Rain Wu. Segundo a curadoria a “Expedição: Empatia explora fenómenos imensuráveis, irracionais e ininteligíveis, com o objetivo de refletir sobre o nosso posicionamento frágil e misterioso relativamente à natureza” (Walk&Talk, 2019). O conceito curatorial bebe da inspiração das expedições estrangeiras à ilha, no século XIX, realizadas por mentes racionalistas que bebiam do iluminismo e que se focavam numa exploração mensurável. Neste âmbito, a proposta dos *The Decorators* procura uma relação empática que pretende fundir, personificar e viver. Ou seja, o oposto das expedições do século XIX.

O facto de a direção artística do festival ter optado pelo conceito de Circuito Ilha ao invés do antigo *Circuito de Arte Pública* possibilita, na minha opinião, criar uma relação mais efetiva entre os projetos culturais e todas as dimensões territoriais, abrindo o espectro

de possibilidades artísticas e de promoção e produção de conhecimento sobre a Ilha de São Miguel.

Do ponto de vista da gestão cultural, o acompanhamento que fiz ao festival permitiu-me aceder à gestão da equipa e parceiros. Apesar do *Walk&Talk* não ser um festival de massas, é uma iniciativa que cria novas centralidades por intermédio da massa crítica que consegue captar para o território, durante aquele período. Durante a dinâmica do festival, o *Pavilhão*, espaço central onde também decorrem as refeições, assume-se enquanto um local de encontro e de partilha de conhecimento, onde se encontram grande parte dos agentes envolvidos no projeto, funcionando enquanto ponto agregador. O trabalho estratégico realizado pela assessoria de imprensa, desenvolvido pela Sílvia Escórcio, revela-se fundamental no sentido de dar visibilidade nacional e internacional ao festival o que, como consequência, faz do *Walk&Talk* um projeto apetecível a parceiros, patrocinadores e políticos. A valorização externa do festival parece ter contribuído para uma valorização política interna do mesmo, o que contribui para a sua viabilização.

O trabalho de obtenção de financiamentos é obviamente vital para a concretização do festival. Em 2019, o *Walk&Talk* obteve financiamentos do *Governo dos Açores e República Portuguesa - Cultura e da Direção Geral das Artes*, enquanto patrocinadores institucionais: o *Município de Ponta Delgada - Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Luso-Americana*; os patrocinadores foram o *Grupo Bensaude, Adega Mayor, Delta Cafés e MEO*.

Na minha visão, o projeto *Walk&Talk* contribui, na área da política cultural, para a descentralização cultural, para a redução das assimetrias de acesso à cultura e para a construção de conhecimento e memória sobre os Açores. Há efetivamente um contributo forte do festival para a criação de redes no tecido cultural do território, por intermédio das parcerias estabelecidas que envolvem as instituições culturais, desde pequenos ateliers a museus ou escolas.

A título pessoal foi uma oportunidade extremamente valiosa de entender grande parte das dinâmicas necessárias para a concretização de um festival deste género, nomeadamente ao nível da articulação interna da equipa e da criação das redes necessárias à sua concretização. Para além da gestão cultural, foquei-me bastante no pensamento apresentado e, nesse campo, para além de ter desenvolvido uma rede de contactos importante, tive a oportunidade de conversar com artistas e curadores, tomando contacto com processos de estudo e necessidades de articulação e criação de condições, para que os trabalhos apresentados correspondessem às expectativas.

## ii. Museu Cidade do Porto

O *Museu da Cidade do Porto* (MCP) é um projeto à escala da cidade. Interessa, no âmbito do projeto *Rota Raiz*, estudar a reestruturação deste museu na medida em que, salvaguardando as diferentes escalas, existem ressonâncias entre eles. A primeira semelhança fundamental entre ambos os projetos, tem que ver com a proposta à escala do território. Ambos os territórios são portadores das suas idiossincrasias: a cidade do Porto e a sua centralidade à escala nacional; e o concelho de Arruda dos Vinhos com a sua posição híbrida entre a ruralidade e o urbanismo, que se revela no quotidiano, impulsionado pela proximidade à capital nacional. É na proposta conceptual que os dois projetos encontram outros pontos de proximidade: o mapeamento de vários espaços e infraestruturas no território e a promoção do pensamento e do questionamento aos respetivos territórios.

O MCP fragmenta-se em dezasseis espaços desde o Parque da Pasteleira até à Quinta da Bonjóia. Segundo o diretor artístico do projeto, Nuno Faria, o museu é portador de uma existência difusa e confusa, sendo necessário dar-lhe uma nova identidade semântica, gráfica e geográfica (Faria, 2020). É por intermédio do conceito de rizoma que este novo projeto para o MCP pretende produzir significado e abrir a possibilidade de expansão física e intelectual da ação do museu. Os dezasseis espaços, que materializam o rizoma, são unidos por vários eixos, que no pensamento do museu podem-se estabelecer enquanto relação metafórica com a linha de metro do Porto. Estes eixos propostos pelo museu, que estruturam a programação, exigem a necessidade de mapeamento criando relações metafóricas e poéticas com o território que atravessam. Os eixos estruturantes da programação, que atravessam as várias estações que compõem o MCP, consistem no **Eixo Sonoro**, **Eixo Natureza**, **Eixo Líquido**, **Eixo Material** e **Eixo Romantismo**.

“O Museu da Cidade tem uma ambição comunitária, e vai articular-se com muita gente, com muitas instituições, de modo a criar – é essa a nossa ambição – uma dinâmica muito para além da sua dimensão física” (Faria, 2020). Segundo esta citação do diretor artístico do MCP, encontramos outro ponto semelhante entre os projetos: a ambição comunitária. Este projeto, pretende utilizar uma dupla valência no sentido de pensar a cidade e ser pensado pela cidade. Esta dupla valência serve de inspiração à *Rota Raiz*, no sentido de haver uma constante interpretação e construção do projeto em conjunto com as várias forças vivas que compõem o território, ambicionando um posicionamento superior à dimensão física.

O *MCP* constitui-se, relativamente a esta tese projeto, como um exemplo de curadoria que se debruça sobre várias camadas complexas, à escala de um território, que parte da semântica, no sentido de organizar as ideias e os conceitos. Pretende entrelaçar várias camadas complexas e heterogéneas provenientes de vários espaços e expressões, concedendo-lhes um significado inteligível. Em suma, um exercício idêntico, devidamente distante face aos territórios em que atuam, ao projeto que é proposto nesta tese.

### iii. Outros Exemplos

Para além do *Festival Walk&Talk* e do novo projeto do *Museu da Cidade do Porto*, existem outros exemplos que inspiram o desenho da *Rota Raiz*.

#### **Festival Bons Sons**

O festival *Bons Sons*, na aldeia de Cem Soldos, concelho de Tomar, é um exemplo inspirador no âmbito do trabalho comunitário desenvolvido ao longo dos anos. Tem contribuído para o desenvolvimento económico, social e cultural, conseguindo ter um papel central na reinterpretação do conceito de aldeia. O *Bons Sons* é um festival de música portuguesa organizado pela associação local *Sport Clube Operário de Cem Soldos*. Criado em 2006, com uma periodicidade bienal, é organizado anualmente desde 2014 (Ferreira L. , 2019).

Luís Ferreira, fundador e diretor artístico do festival até ao ano de 2019, atualmente diretor do *23 Milhas – Projeto Cultural do Município de Ílhavo*, posiciona o festival da seguinte forma: “Não somos apenas um festival de entretenimento, somos um festival mais aberto. Tem outras expressões artísticas, tem discurso e tem, dentro do seu discurso, um pensamento sobre o território e sobre a forma como nos vemos” (Ferreira L. , 2019). Este discurso e pensamento sobre o território que o diretor artístico aborda é importante para a constituição de memória do local. Neste seguimento entendemos o impacto cultural, social e económico que um projeto deste género, desenhado à escala de uma aldeia, pode ter na comunidade por intermédio da seguinte constatação:

Uma das coisas que mudaram foi ter-se conseguido manter a dinâmica comunitária, que vem de um sentimento de pertença e de um ego que, se não fosse o *Bons Sons*, acho que já não teríamos. Temos mais pessoas a viver em Cem Soldos, a escola estava em risco de fechar e agora temos mais crianças a estudar”. (Ferreira L. , 2019)

O diretor artístico, numa entrevista ao jornal Público, menciona que, durante o período de crise, caso a organização do festival fosse uma associação dependente de fundos europeus ou do Município de Tomar, não teria sido possível concretizar o festival. Terá sido a vontade da comunidade a fazer a diferença para que o *Bons Sons* continuasse a ocorrer (Ferreira L. , 2019).

A dimensão comunitária interessa à *Rota Raiz* no âmbito da política cultural. Neste sentido, a seguinte declaração assenta na estratégia pretendida para o projeto proposto nesta tese:

Nós estamos a fazer tudo para não deixarmos de ser uma aldeia. Não é para passarmos a ser uma cidade, é para não deixarmos de ser aldeia. Se não fizermos coisas, deixamos de existir, ou passamos a ser um subúrbio da cidade mais próxima e deixamos de ter identidade. (Ferreira L., 2019).

A declaração supracitada toca num ponto sensível e basilar na construção da *Rota Raiz*: as transformações sociais pelas quais o concelho de Arruda dos Vinhos tem atravessado, ameaçam a sustentabilidade e as identidades do território, caso não haja ação. A ameaça de um território-dormitório está presente no quotidiano.

### **Lavrar o Mar**

*Lavrar o Mar* é o nome do projeto cultural, com incidência nas artes performativas, dirigido por Madalena Victorino e Giacomo Scalisi. Acontece entre a Costa Vicentina e a Serra de Monchique, fomentando uma relação forte com o território e a comunidade. O festival apresenta trabalho na área da arte participativa (Lavrar o Mar, s.d.).

A programação do festival, dada a sazonalidade turística do território em que opera, acontece durante a época baixa. Organiza-se por ciclos: para o *Lavrar o Mar*, o ano de 2020 seria o 4<sup>a</sup> ciclo (4<sup>o</sup> edição) e, caso não tivesse surgido a pandemia de Covid-19, a calendarização da programação balizar-se-ia entre outubro de 2019 e maio de 2020 (Lavrar o Mar, s.d.).

Na edição de 2019 a curadoria do festival debruçou-se entre o Ar e o Fogo. O território em que este projeto se debruça, a Costa Vicentina e a Serra Algarvia, caracteriza-se pela produção de medronho. Marmeleite, aldeia da serra, onde decorreu parte da programação, é um local em que a sua identidade é fortemente constituída pela produção dessa bebida, tendo sido promovido teatro nas destilarias da aldeia com

direção artística de Giacomo Scalise e textos de Afonso Cruz, a história de um rapaz que “parecia não ter medo do fogo” (Coelho, 2019).

Os primeiros meses, da edição de 2019, debruçaram-se sobre o Ar, tendo sido levada a cena, por exemplo, a peça *Eva Poro*. A curadoria ligada a ambos os elementos debruça-se sobre a forte ligação ao território, nomeadamente por intermédios dos incêndios que destruíram a zona de Monchique em 2018, incluindo a produção de Medronho (Coelho, 2019).

A componente da arte participativa está bastante presente neste festival, uma vez que “cada peça é feita com as comunidades locais” (Coelho, 2019). A ligação com a realidade envolvente é densa, produzindo pensamento. A ação da curadoria e da programação é entendida da seguinte forma: “Mergulham no mundo que está à volta, abrem-se ao que os outros, os locais, lhes contam e lhes mostram, e devolvem-no em forma de poesia” (Coelho, 2019).

A envolvimento entre o território, arte e comunidade, inspiram a *Rota Raiz* com especial incidência nas novas criações:

Vem o Afonso Cruz, conhece-os, conversam, destilam, bebem e comem até altas horas, ele e o Sandro escrevem aquelas ficções incríveis e as pessoas, quando ouvem, sabem que estão dentro e ao mesmo tempo não percebem como é que aquele texto tão maravilhoso aparece ali. Isso abre uma possibilidade de lhes mostrar arte a partir dessa lógica de proximidade, do que lhes é familiar. (Coelho, 2019)

### **Binaural/Nodar**

A *Binaural/Nodar* é o último projeto que pretendo mencionar. O projeto intitula-se enquanto cultural contemporâneo atuando na região de Viseu Dão Lafões desde 2004. A sua ação incide ao nível das paisagens sonoras, artes sonoras e media, documentação etnográfica audiovisual, educação sonora, criação para rádio e produção editorial. O modelo de intervenção do projeto inscreve-se enquanto:

Plano intensamente local, promovendo um conceito de laboratório permanente de mediação social, junto de comunidades rurais e, num contexto global, com atividades desenvolvidas com artistas contemporâneos, museus, universidades e organizações culturais de muitos países. (Binaural - Associação Cultural de Nodar, s.d.)

Este projeto interessa à *Rota Raiz* pela ligação ao mundo rural, trabalho ao nível das paisagens sonoras, promoção do estudo do local por intermédio da documentação e criação de arquivo, e a promoção de “uma filosofia de laboratório permanente no território que pretende colocar em contacto populações rurais e investigadores nacionais e estrangeiros” (Sousa, 2019, p. 27).

Os pontos nevrálgicos sobre os quais se sustenta a ação da *Binaural/Nodar* consistem na “relação entre o território, memória, inovação, cultura e educação”, traduzindo-se na prática em atividades como “residências artísticas, festivais de arte, documentação antropológica e paisagística, projetos educativos e *workshops*, conferências universitárias, exposições, publicações de livros e de Cds” (Sousa, 2019, p. 27).

Estes pontos e ações da *Binaural/Nodar* posicionam-na enquanto um projeto de estudo e de promoção do conhecimento sobre o território. A relação com a comunidade acontece por via da “pesquisa e documentação das pessoas e dos modos de vida” (Sousa, 2019, p. 28). Ainda relativamente à relação com a comunidade e os contextos rurais, a associação promove duas formas de arte em meio rural: a *community-based art* e o *contexto-specific art*. A primeira consiste no conceito de “arte comunitária ou arte com base na comunidade”, e a segunda na “arte com base no contexto específico - projetos artísticos que se baseiam em especificidades e características do contexto onde estão a ser criados e desenvolvidos”, o presidente da associação, Luís Gomes da Costa, considera o termo *contexto-specific art* mais adequado à sua intervenção, suportando-se “numa prática artística que trabalha sobre o contexto rural”, abarcando uma realidade mais dinâmica e abrangente (Sousa, 2019, pp. 29-30).

Quanto a uma perspetiva mais relacionada com a gestão de projeto, a *Binaural/Nodar* é formalmente constituída pela *Binaural – Associação Cultural de Nodar*, sendo que a equipa é constituída por quatro pessoas, duas na direção: Luís Gomes da Costa e Manuela Barile que assumem as funções ligadas à coordenação, *fund raising*, direção artística e investigação etnográfica; e outras duas: Liliana Silva e Diana Silva que assumem as funções de comunicação multimédia, *design* gráfico, contabilidade, gestão financeira, produção executiva das atividades e outras.

Em suma há a destacar o trabalho realizado ao nível da memória e constituição de arquivo relacionado com o território, no qual a comunidade é envolvida; assim como a promoção das artes enquanto mediação do arquivo.

## IV. Escutar o Território

Suportando-me numa visão pessoal em que as sociedades contemporâneas atravessam uma crise relacionada com o excesso de informação e a dificuldade em, por consequência, processar todo esse manancial, a necessidade de se apelar ao detalhe, pode tornar-se estratégica, para melhor compreensão da memória e de nós, enquanto humanos, na relação com tudo o que nos rodeia e constitui. É nesta sequência que surge o interesse pelo som e, mais especificamente, por escutar o território. “Hoje o mundo vê-se mais do que se ouve. A invenção da tipografia, a transição de uma cultura oral para uma cultura literária ditaram um novo modo principal de nos relacionarmos com o mundo”. No entanto, o som continua a ser uma ferramenta fundamental para gerar e perceber conhecimento sobre o mundo e o que nos rodeia, como por exemplo por intermédio da fala (Augusto, 2014, p. 16).

“Escutar” pode ser um conceito mais complexo do que aparenta. Para além do som e da vibração que o provoca: “Tudo vibra no Universo. Ele próprio terá começado como uma vibração”. Existem dimensões sociais e culturais na relação do processo de escuta com o de produção de sons: “Ouvir o outro não se faz sem silêncio e reflexão. Em Portugal, as vozes soam sempre demasiado alto e de forma confusa...” (Augusto, 2014, pp. 15 - 16). A propósito da relação da escuta com a produção de som, (Weterkamp, 1987) referia que:

Podemos medir a qualidade de um ambiente sonoro examinando o equilíbrio desta relação. Se, por exemplo, aquilo que ouvimos (a nossa impressão ou o que ouvimos) é mais intenso que os nossos próprios sons (a nossa expressão ou emissão de som), existe um desequilíbrio nessa relação. (Augusto, 2014, p. 17)

Escutar Arruda dos Vinhos pode ser um exercício fundamental e surpreendente para a promoção do conhecimento sobre o território, nomeadamente por intermédio de uma incursão mais profunda na sua identidade natural, cultural, social ou económica. Pode constituir uma ferramenta dinâmica com um papel central, não só para quem detém poder sobre o território, mas também para quem nele habita, visita ou constitui qualquer tipo de relação com o mesmo, constituindo-se enquanto um veículo, tão importante nos dias que correm, para a decisão sustentável e, conseqüentemente, para a promoção de uma relação com o território baseada na sustentabilidade.

## i. Paisagem Sonora

A *Rota Raiz* é um projeto em que se pretende construir sobre a base do território de Arruda dos Vinhos, através da comunidade, da imagem e do som. No âmbito sonoro, importa o estudo das paisagens sonoras, expressão criada pelo compositor canadiano R. Murray Schafer, *soundscape* na língua inglesa. Na visão de Schafer:

Paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras. Podemos isolar um ambiente acústico como um campo de estudo, do mesmo modo que podemos estudar as características de uma determinada paisagem. (Schafer, 2001, p. 23)

Na mesma publicação, o autor concretiza e apresenta a seguinte definição para paisagem sonora:

O ambiente sonoro, tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente. (Schafer, 2001, p. 366)

Neste projeto, pretende-se isolar ambientes acústicos de Arruda dos Vinhos com o objetivo de os estudar, arquivar e mediar.

Enquanto humanos, percecionamos o mundo de uma forma sensorial, seja por intermédio do olfato, do tato, da visão, do paladar ou da audição. As paisagens sonoras remetem-nos para o lugar, para um determinado espaço sonoro, assim como as paisagens nos impelem para um campo visual. Ambas as paisagens são referências simbólicas para nós, são culturalmente moldadas e possuem formas reconhecíveis. As características de um espaço afetam a forma como percecionamos o som, e o som afeta a forma como percecionamos o lugar (Pistrick & Isnart, 2013, p. 504).

A relação do som com o espaço é um campo de estudo que interessa à proposta deste projeto. Segundo Schafer (1977), há uma relação explícita e clara entre o espaço sonoro

que o sino define e a área da paróquia. Isto define o espaço territorial, ou seja, há um território com o qual se desenvolve uma determinada pertença, para as pessoas que o habitam, até onde o sino é audível e há um outro território, de outro alguém, quando o som do sino já não é audível (Augusto, 2014, p. 20).

O território é um espaço que ao longo dos anos adquire vários significados, símbolos e mitos, constituindo-se como um espaço de total questionamento, que constrói experiências e está em constante transformação proporcionada pelo que transmitimos ao território e o que ele nos transmite. Neste sentido, o som produzido no local ou que pertença à paisagem sonora do local desempenha um papel fundamental na atribuição de significado ao território, nas suas narrativas, histórias e, fundamentalmente, na memória coletiva de uma comunidade que se consegue projetar emocionalmente, por intermédio do som, para o passado ou para zonas de questionamento do presente e do futuro (Pistrick & Isnart, 2013, pp. 505-506).

As paisagens sonoras promovem o questionamento sobre o território; escutá-las de uma forma detalhada e atenta poder-nos-á revelar as transformações que operamos sobre o mesmo. Nem sempre estamos treinados para escutar com a atenção devida: por exemplo, é comum escutarmos uma determinada música de que gostamos, sem que propriamente tenhamos percecionado o papel de todos os instrumentos que a compõem e, por vezes, quando a voltamos a escutar e nos focamos no detalhe, é como se tivéssemos descoberto uma outra música dentro dessa “música maior”. O mesmo se pode aplicar no processo de escuta de paisagens sonoras da natureza.

Bernie Krause (...) distingue três tipos de paisagem sonora: a geofonia, biofonia e a antropofonia. A primeira refere-se às paisagens sonoras dominadas pelos sons da natureza, pelo mar, pelo vento, pelos trovões, pelos terremotos. A segunda tem que ver com os sons produzidos pelos seres vivos, os animais, as plantas. A terceira, finalmente, diz respeito aos objetos feitos pelo Homem, às máquinas ou à comunicação humana. (Augusto, 2014, p. 24).

Esta distinção contribui para a sistematização daquilo que ouvimos e leva-nos a indagar o território com maior clarividência.

Schafer era um ambientalista, defendendo, por intermédio das paisagens sonoras, um projeto ecológico, tendo tido influência em muitos outros compositores. O compositor canadiano utiliza dois termos para definir a transição da paisagem sonora rural para a urbana: *hi-fi* e *lo-fi*, respetivamente. O primeiro termo significa alta fidelidade e o

segundo baixa fidelidade. Por intermédio destes termos, podemos perceber o fascínio do autor pelo equilíbrio acústico da ruralidade: “Na paisagem sonora *hi-fi*, os sons sobrepõem-se com menos frequência; há perspectiva – figura e fundo (...) Em uma paisagem sonora *lo-fi*, os sinais acústicos individuais são obscurecidos em uma população de sons superdensa” (Schafer, 2001, p. 71). Esta visão leva-nos ao ruído que “... atua, de forma mais ou menos clara, mais ou menos direta, deliberadamente ou por negligência, no imediato ou através de um processo cumulativo. (...) O ruído é uma arma de dominação” (Augusto, 2014, p. 27).

A análise do ruído é algo mais amplo do que um som forte; existem leituras mais detalhadas ou complexas relacionadas com o silenciamento de algumas expressões. “O som como instrumento de criação de um clima agressivo, de intimidação e de invasão de território foi e é uma característica constante da ação humana” (Augusto, 2014, p. 26). O termo utilizado por Carlos Augusto de “invasão de território”, neste caso bélico, pode ser adaptado a outros contextos, nomeadamente no que respeita à questão relacionada com a crescente mecanização das sociedades, que tiveram o seu apogeu na segunda metade do século XX, e que transportaram consigo o ruído das sociedades urbanas. Para o autor português, as questões e problemáticas relacionadas com o ruído nunca foram levadas com a atenção e dedicação devidas, incluindo na abordagem a aparelhos como a rádio e a televisão, que também invadem as paisagens sonoras, seja pelo excesso de informação que produzem ou pela música que impõem (Augusto, 2014, pp. 29 - 41).

A questão do ruído interessa do ponto de vista da análise crítica às paisagens sonoras e conseqüentemente ao território. A questão dos “equipamentos de registo, receção e transmissão do som, fez aumentar este efeito a que Schafer chamou de “esquizofonia”. Este termo relaciona-se com a gravação áudio e a conseqüente possibilidade de ser reproduzida em outro espaço e tempo. (Augusto, 2014, pp. 40-41). De certa forma, esta questão introduz desequilíbrios nas paisagens sonoras dos locais e na própria reação humana aos sons. O enquadramento de toda esta questão tinha como objetivo chegar a uma outra problemática colocada por Carlos Alberto Augusto, que me parece pertinente, abrindo-nos horizontes para o estudo: “... até que ponto calamos o nosso som, e a nossa voz, esmagados como somos pelo ambiente sonoro hostil que provém do problema do ruído e da disseminação, sem limites, deste som esquizofónico?” (Augusto, 2014, p. 41).

Há um projeto central quando abordamos a temática das paisagens sonoras que se chama *The World Soudscape Project*. Este projeto pioneiro posicionava-se, no final da década de 60 e início de 70 do século XX, enquanto um projeto de educação e pesquisa

liderado pelo compositor R. Murray Schafer, na Universidade Simon Fraser, no Canadá. O projeto resultou, ao longo dos anos, em inúmeras publicações e na criação de um arquivo sonoro vasto. O Projeto iniciou-se com a gravação de paisagens sonoras no Canadá e posteriormente em cinco vilas europeias situadas na Suécia, Alemanha, Itália, França e Escócia. Houve uma continuidade do projeto que tem resultado, ao longo dos anos, em mais publicações, promovendo o pensamento e o conhecimento inerentes à captação de paisagens sonoras, constituindo-se um arquivo sonoro, gráfico e vídeo verdadeiramente importante sobre esta área científica (Simon Fraser University, s.d.).

*The world Soudscape Project:*

Adotou uma abordagem interdisciplinar do meio ambiente, integrando a acústica, arquitetura, teoria musical, sociologia, antropologia, linguística e história. Isso permitiu a análise do ambiente acústico em toda a sua complexidade. A pesquisa constituiu-se enquanto a base da disciplina desenvolvida por Schafer denominada de “Ecologia Acústica” para investigar mais paisagens sonoras, que são entendidas como a interface sonora entre os seres vivos e o seu ambiente. (Canova, 2013)

"A ecologia acústica é o estudo dos sons em relação à vida e à sociedade" (Schafer, 2001, p. 287). O seu estudo implica trabalho de campo e interação com a realidade. Este processo, para Schafer, antecedia o projeto acústico, ou seja, seria uma espécie de diagnóstico para, posteriormente, conduzir a uma intervenção. A intervenção, denominada por projeto acústico, consistia numa proposta metodológica, com o objetivo de efetuar o “resgate de uma cultura auditiva significativa” (Schafer, 2001, p. 288). Na prática, o projeto acústico interpretava a paisagem sonora mundial como uma grande composição musical em que somos o seu público, executantes e compositores.

A constante avaliação do ambiente acústico dá-nos ferramentas para entendermos os sons que pretendemos preservar, incentivar, multiplicar e, por consequência, identificar os sons desagradáveis ou destrutivos, evidenciando-se as razões pelas quais os deveríamos eliminar (Schafer, 2001, pp. 287-288). Este conceito de sermos público, executantes e compositores da paisagem sonora, aproxima-se daquilo que Carlos Alberto Augusto chama de *design* sonoro em que “a prática desta disciplina visa a intervenção na paisagem sonora, natural ou artificial, no sentido de criar ou trabalhar os seus elementos constitutivos, conferindo-lhes ou devolvendo-lhes equilíbrio”, na medida em que “a paisagem sonora tem um valor comunicacional, em si mesmo, imprescindível

para o equilíbrio dos seres humanos e das suas comunidades, em si e no confronto com o ambiente que os rodeia” (Augusto, 2014, p. 42).

Estudar a paisagem sonora de Arruda dos Vinhos é um contributo para a consciencialização de que todos os que interagem com o território são também os seus *designers* sonoros e, portanto, é importante que se tenha essa consciência e que conheçamos a realidade sobre a qual intervimos diariamente. Mais à frente, aquando do desenho do projeto, voltarei a evocar as paisagens sonoras, não esquecendo a importância da criação de arquivo e da preservação da memória.

## V. Olhar o Território

Para além do estudo do som do território, este projeto propõe que o olhemos e que também o pensemos por intermédio do olhar. “Vivemos com imagens, compreendemos o mundo através de imagens” (Belting, 2014, p. 22). A imagem, tendo a fotografia enquanto seu *médium*, é amplamente disseminada na sociedade contemporânea, inclusivamente debruçando-se sobre os territórios. No entanto, julgo nem sempre haver uma visão democrática e crítica sobre os mesmos, neste campo. Ou seja, existem repetições infundáveis de imagens, por intermédio da fotografia, que ocupam o espaço “mediático”, não se encontrando lugar para um olhar mais atento e detalhado sobre as narrativas que outras perspetivas nos podem oferecer e, por consequência, incentivar ao pensamento crítico sobre o território.

Olhar o território de Arruda dos Vinhos é uma necessidade urgente, dado o seu atual contexto. Desenvolverei oportunamente esta ideia nos capítulos dedicados ao desenho do projeto, mas reforço que é absolutamente estratégico pensar o território neste período em que o mesmo se encontra em transformação. Todos construímos imagens sobre as coisas e, obviamente, também as construímos sobre os territórios. “Uma “imagem” é mais do que uma percepção. Surge como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva. Tudo o que comparece ao olhar ou perante o olho interior pode, deste modo, aclarar-se através da imagem ou transformar-se numa imagem” (Belting, 2014, pp. 21-22). Hans Belting justificava desta forma a imagem, enquanto um conceito antropológico que, no âmbito de um território e da/s comunidade/s desse espaço, faz sentido abordar a temática por esta via, na medida em que o território influencia o “olho interior”, e o “olho interior” é também agente influenciador do território.

Olhar o território não é uma atitude passiva; deve ser ativa com o objetivo de intervir sobre o mesmo de uma forma consciente. É neste sentido que é fundamental a constituição de arquivo visual, nomeadamente fotográfico, sobre Arruda dos Vinhos, para que o mesmo possa ser mediado de várias formas, trazendo-o para o espaço público, tornando as imagens vivas.

A memória coletiva de uma cultura, a cuja tradição vamos buscar as nossas imagens, possui o seu corpo técnico na memória institucional dos arquivos e dispositivos de armazenamento mas este fundo técnico será morto, se não for mantido pela imaginação coletiva. (Belting, 2014, p. 92),

Sabendo que “as culturas renovam-se pelo esquecimento como pela lembrança, e por eles se transformam”, é crucial que o território adquira novos significados, tendo por base as suas narrativas. Conceder novos olhares sobre o território e animá-lo por

intermédio da arte, da cultura e do pensamento, é contribuir para que a imaginação coletiva se mantenha ativa, viva, consciente e esclarecida, cabendo-lhe o papel de indagação e ação sobre o território numa perspetiva contemporânea (Belting, 2014, p. 92).

### i. A fotografia – Documento e Estética

O projeto *Rota Raiz* propõe um olhar sobre o território de Arruda dos Vinhos, a partir da fotografia. “Na origem da fotografia está uma dupla condição genética: ela é sempre, ao mesmo tempo, documento e estética, ainda que nem sempre por esta ordem” (Santos, 2017, p. 180). Esta dupla condição da fotografia concede-lhe um caráter de especialidade, na medida em que, por um lado:

É o nosso olhar mutável e volúvel sobre o mundo – e por vezes um olhar sobre o nosso próprio olhar” e, por outro, “uma marca ou um vestígio das coisas com que alguma vez entrou em contacto: o indício e a prova de que as coisas e os acontecimentos deverão ter existido quando foram fotografados. (Belting, 2014, p. 270)

Esta bicefalia coloca-nos numa relação íntima com a memória, no sentido em que a fotografia transporta sempre algo consigo. Para Barthes, o fotografado era o referente, ele e a fotografia são “atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre. A fotografia pertence a essa classe de objetos folheados, onde não é possível separar duas folhas sem as destruir: o vidro e a paisagem” (Barthes, 2015, p. 19). A preservação da memória, por intermédio da fotografia, é uma realidade na medida em que ela “geometriza, nivela, classifica. Os lugares tornam-se lugares fotográficos e, como tais, aprisionados no retângulo fotográfico, sem escapatória possível da realidade empírica, fechados num momento passado” (Belting, 2014, p. 272). Desta forma podemos perceber que “a fotografia transforma o mundo num arquivo de imagens” (Belting, 2014, p. 273).

Quando chegamos a esta ideia de um mundo transformado num arquivo de imagens e da criação de memória, por intermédio da fotografia, é importante ter uma visão mais ampla dessa realidade e, nesse âmbito, falar de Aby Warburg e do seu atlas de imagens *Mnemosyne Atlas*, torna-se obrigatório. Warburg iniciou a construção do seu atlas de imagens em 1924, que ficou inacabado devido à sua morte em 1929 (Johnson, 2013-16). O atlas de imagens de Warburg baseava-se na teoria da pós-vida das imagens; ou

seja, com a criação de novas relações entre imagens distintas, por intermédio da sua aproximação, eram sugeridas novas leituras que concediam liberdade interpretativa aos espetadores. De uma forma mais concreta, Aby Warburg construiu painéis de imagens, com amplo recurso à fotografia, reorganizando-as de forma a que o pensamento ou a análise das pranchas do atlas nunca fosse hierárquico; é desta forma que o espetador recupera a autonomia de interpretação, na medida em que, as aproximações das imagens baseiam-se em ressonâncias estabelecidas pelo pensamento do autor, ou seja, o que está no intervalo das imagens (Boni & Peres, 2015). O *Mnemosyne Atlas* é também um trabalho fundamental e elucidativo, relativamente à produção de sentido, relevando o papel da curadoria (Gago, 2020). A dimensão arquivística acompanha o trabalho warburgiano, nomeadamente na recolha exaustiva das imagens que viriam a integrar o atlas, como pela necessidade de fotografar e reportar o trabalho desenvolvido. A dimensão da memória e da constituição de um grande arquivo da ciência e da cultura está verdadeiramente explícito no trabalho warburgiano, sendo o formato de organização arquivística o fator verdadeiramente revolucionário.

No âmbito da fotografia, do território e da constituição de arquivo, ressurgem-nos, no contexto desta tese, o conceito de paisagem; ou seja, se anteriormente abordámos a paisagem sonora, agora é incontornável não abordar a fotografia de paisagem, definitivamente associada ao território, à transformação e à presença humana. Neste campo, as disciplinas como a geografia, topografia, antropologia e sociologia interrelacionam-se de uma forma muito importante, na medida em que a paisagem transmite, de uma forma visual, a relação do Homem com o território nas mais variadas dimensões, nomeadamente comprovando formas de ocupação. Assim cabe à fotografia o papel de instrumento que serve a tipografia documental, mapeando o território (Wells, 2011, pp. 265-266).

*The New Topographics* foi o nome de uma exposição verdadeiramente marcante em 1975 no George Eastman House, Rochester (USA); “a exposição (...) foi significativa por enfatizar novamente as características observacionais da fotografia numa época em que o formalismo e o expressionismo abstrato haviam impactado a agenda na América do Norte e em outros lugares” (Wells, 2011, p. 267). Ao dizer-se que houve uma ênfase das características observacionais da fotografia, entendemos que a fotografia de paisagem, exposta em 1975, era desprovida de sentido estético ou emotivo; preocupava-se apenas em retratar aquilo que era observável, numa lógica fria e técnica, ou seja, topográfica. Esta exposição coletiva, que reuniu fotógrafos como Robert Adams, Lewis Baltz, Frank Gohlke, Stephen Shore, Bern e Hilla Becher, continua tão ou mais relevante nos dias de hoje, na medida em que a ocupação humana e a

transformação dos territórios assumem uma centralidade na agenda política contemporânea, na qual a urgência para formas de vida mais sustentáveis é premente numa sociedade globalizada e ameaçada pelas alterações climáticas e destruição dos ecossistemas.

No caso de Bern e Hilla Becher importa referir o seu trabalho “transformou de um modo decisivo a fotografia e uma certa ideia de “escultura” contemporânea, recentrando-as no domínio quase obsessivo da serialização arquivística (...) a partir de novos valores formais observados na herança da arquitetura industrial” (Santos, 2017, p. 165). A dupla de artística dedicou-se principalmente a fotografar a paisagem industrial do século XX. O facto de o seu trabalho ser apresentado em série, contribuiu para que ganhasse uma componente arquivística e documental. “Fotografias contam histórias, contribuindo para a construção de histórias relacionadas com determinados locais” (Wells, 2011, p. 262). Os Becher, ao fotografarem:

A partir de um olhar despido de qualquer subjetividade (...) registam a determinação estética e tipológica de estruturas funcionais hoje quase esquecidas: Altos-Fornos, Gasómetros, Torres de Refrigeração, Torres de Extração, Castelos de Água, Silos, Elevadores e Torres de Carvão ou Casas de Trabalho, para citar algumas das suas séries mais marcantes. (Santos, 2017, p. 165)

Obviamente que, de uma forma implícita, retrataram os hábitos, as necessidades e uma determinada forma de ocupação humana dos territórios. Os artistas propuseram principalmente um olhar diferente para os objetos que fotografavam, apelidando-os de *Esculturas Anónimas*. “O mais decisivo do propósito dos Becher é a recuperação e dignificação formal de algo que não foi, na verdade, originariamente erguido com esse objetivo estético ou artístico (Santos, 2017, p. 165), o que de certa forma também os aproxima de Aby Warburg, na medida em que:

As imensas séries fotográficas ortogonais que os Becher nos deixaram constituem hoje um valor incontornável, não apenas ao nível documental, mas em termos processuais, isto é, no modo como nos conduziram a um novo sentido de organização visual e conceptual do real e concreto. (Santos, 2017, p. 170)

Ou seja, ambos os trabalhos sugerem a criação de novos significados por intermédio de uma “vida nova” dos seus objetos.

Bern e Hilla Becher influenciaram uma vaga de fotógrafos, entre os quais, Candida Hofer:

A artista tem vindo a desenvolver um apurado trabalho de registo visual, marcado pela monumentalidade dos espaços arquitetónicos, vazios ou só subtilmente habitados. Interessa-lhe sobretudo a suspensão arquitetónica e simbólica dos edifícios que se tornaram naturalmente familiares, por herança cultural. Captando, com objetividade e distanciamento, imagens panorâmicas do interior de construções tão emblemáticas da matriz civilizacional europeia Candida Hofer observa uma espécie de importância vazia e silenciosa que, se homenageia essa raiz cultural, levanta ao mesmo tempo a suspeita sobre o passado e o futuro do projeto humanista. O vazio ou o silêncio que daí decorre é, aliás, uma característica visual na identificação destes espaços. (Santos, 2017, p. 183)

O trabalho da artista levanta particular interesse no sentido em que também revela uma dimensão arquivística, questionando em simultâneo os territórios e as suas heranças culturais e, de forma implícita, o projeto humanista, este último com particular interesse para a *Rota Raiz*.

No contexto nacional importa referir a exposição *Os Inquéritos [À Fotografia e ao Território]: Paisagem e Povoamento* de 2016, no Centro Internacional das Artes José de Guimarães com curadoria de Nuno Faria. Esta exposição reuniu um coletivo considerável de artistas, no sentido de questionar e refletir o território português. “O território tem sido um lugar de indagação e de reflexão, de constituição individual e coletiva. Transversal a várias disciplinas, à fotografia tem cabido um papel central nessa tarefa de mapeamento” (Faria, *Os Inquéritos*, 2016, p. 15).

Duarte Belo, um dos artistas com obras expostas na exposição de 2016, é um excelente exemplo no que se refere ao mapeamento do território nacional, reportando ao longo dos anos as suas transformações e produzindo conhecimento sobre o mesmo:

A produção de conhecimento que Duarte Belo vem construindo é tanto mais relevante quanto é feita em extensão e intensamente, documentando as transformações, a permanência, o desaparecimento e, mais importante ainda, as imutáveis e, parcialmente invisíveis, características que fazem deste lugar um território singular na sua complexidade. (Faria, *Os Inquéritos*, 2016, p. 405)

Os artistas e trabalhos mencionados ao longo deste subcapítulo exemplificam e sustentam a produção de conhecimento, por intermédio da fotografia, com especial ênfase sobre os territórios. Adaptando os exemplos à escala do município de Arruda dos Vinhos, acaba por ser lógico o que um trabalho fotográfico, documental e arquivístico poderá oferecer em termos de elevação cultural e pensamento crítico a um território, em transformação, que não detém arquivo fotográfico organizado nem, por consequência, um sentido atribuído sobre esse arquivo, que serviria uma visão mais ampla sobre a ocupação do território, ao longo dos anos.

## VI. Envolver a Comunidade

O terceiro eixo determinante deste projeto consiste no envolvimento comunitário. Tendo em conta a dimensão do território de Arruda dos Vinhos e as suas condições demográficas, sociais e culturais, seria uma grande perda não se apostar na capacitação da comunidade almejando a criação de massa crítica.

O envolvimento comunitário é muitas vezes referido em vários programas culturais sem que, no entanto, seja verdadeiramente efetivo. Por observação direta, constatei que acontece com alguma frequência a utilização deste jargão com base em apontamentos muito ténues, elitistas e em circuitos semi-fechados.

Ao desenvolver-se a *Rota Raiz* em Arruda dos Vinhos, é absolutamente fundamental que a comunidade faça parte do processo, contribua de forma ativa para a criação de conhecimento, seja capacitada em várias áreas inerentes a um programa cultural, desenvolva competências por intermédio da educação artística, faça parte do processo artístico, seja convocada a pensar o território para, desta forma, contribuir para uma maior substância e pertinência do projeto ao nível social, político, educativo e cultural.

Em suma, num território como Arruda dos Vinhos, com cerca de 15.000 habitantes torna-se ainda mais urgente a criação de massa crítica que suporte um programa cultural, lhe dê significado, construa identidade e garanta a sustentabilidade a vários níveis.

Neste sentido, ao longo deste capítulo, serão abordados alguns temas da política cultural como a democratização cultural e a democracia cultural, mas também conceitos como a arte participativa e a arte comunitária.

## i. A Comunidade, a Arte e a Participação

Em primeiro lugar importa perceber o que é uma comunidade. A palavra é empregada em variados contextos como territórios, organizações de vários âmbitos, redes profissionais - por exemplo - e outros. No entanto, “uma característica une todas estas designações: é a presença de uma dada semelhança que confere uma identidade ao sistema designado por comunidade, que determina uma fronteira entre os elementos que lhe pertencem dos que lhe são alheios” (Carmo, 2007, p. 79). Sugiro mais duas linhas de força, relativamente a este conceito, que emanam de uma definição de Ezequiel Ander-Egg, mencionadas por Hermano Carmo: “um agregado social com um conjunto de interesses vitais comuns, com uma elevada densidade social, traduzida numa forte consciência de pertença e a de uma proximidade geográfica que permite uma estruturação sólida de tais interesses” (Carmo, 2007, p. 80). Com base na definição apresentada, entendemos a possibilidade de identificarmos a comunidade de Arruda dos Vinhos, acrescendo o facto de este projeto, quer pela componente visual como sonora, apelar a uma forte identificação identitária. A verdade é que, mesmo que a questão comunitária não fosse enfatizada, dadas as características do projeto, o conceito seria sempre implícito por intermédio da imersão na identidade coletiva do território. Um projeto ou programa cultural tem sempre uma dimensão política: na sua formulação mais básica ele é constituído com base em escolhas, sejam elas relacionadas com métodos de intervenção, redes de parcerias, locais de ocorrência de programação, artistas e muitas outras camadas. O projeto *Rota Raiz* nasce alicerçado numa visão coletiva e comunitária que, não sendo totalmente um projeto de arte comunitária, pretende aproximar-se gradualmente dos métodos participativos. A rede social de um território com a dimensão de Arruda dos Vinhos atinge níveis de afetividade que não podem ser ignorados.

O conceito de comunidade inclui as formas de relação caracterizadas quer por laços afetivos estreitos, quer por um compromisso de natureza moral e por uma adesão comum a um grupo social a que chamamos identidade local. A força da pertença comunitária advém do facto de ela fazer apelo a motivações profundas. (Guerra, Participação e Ação Coletiva, 2006)

O potencial gerado pelo sentimento de pertença de uma comunidade pode ser, na minha visão, canalizado para o conhecimento e desenvolvimento comunitário, atribuindo-se à arte o papel central no estabelecimento desta relação. François Matarasso tem um

longo percurso no trabalho desenvolvido com base na relação entre a arte e a participação comunitária, tendo efetivamente afirmado que “a arte é simultaneamente um método válido de investigação e uma forma de conhecimento: é essa a razão pela qual trabalho em arte comunitária” (Matarasso, 2019).

Para além de um cunho identitário relevante, o trabalho participativo com a comunidade revela-se pertinente a várias dimensões, com especial relevância no âmbito educativo e pedagógico.

Para Melucci (2001), a ação coletiva permite o alargamento dos processos de aprendizagem, de socialização e de comunicação, demonstrando a capacidade de transformação das sociedades humanas, que são apenas capazes de aprender, mas são cada vez mais caracterizadas pela sua reflexividade “ –aprendem a aprender”. (Guerra, Participação e Ação Coletiva , 2006)

É com base num trabalho a médio/longo prazo, de âmbito cultural e comunitário, que, na minha visão, se poderá constituir e criar massa crítica, projetando-se um futuro sustentável e criativo para o território. Como já havia mencionado, há uma dimensão política que integra o projeto. Nesse campo, proponho que justifiquemos a participação, com base no pressuposto de que “negar às pessoas o direito de participar na vida cultural da comunidade, é negar-lhes voz. E impedi-las de serem ouvidas é o primeiro passo para a negação de outros direitos” (Matarasso, 2019, p. 47). Assim, o que proponho é uma exploração mais efetiva destes conceitos relacionados com a participação. Para que tenhamos uma visão mais clara, é necessário clarificá-los no âmbito da arte e da participação.

A relação da arte com a participação comunitária pode levantar questões complexas. É importante que seja claro, para o projeto, a área de intervenção da arte participativa ou da arte comunitária, na medida em que, à luz da história da arte, o valor dado à obra artística pode ser bastante distinto, ou seja, “os processos da arte comunitária criaram uma nova linguagem artística, que se expressa através de produtos diferentes daqueles que são valorizados pelo mundo das artes” (Matarasso, 2019, pp. 101, 102). Neste sentido, a arte comunitária deve ser olhada à luz dos seus próprios termos e, nesse âmbito, “a importância dada ao processo é uma das características que definem a arte participativa – ele é para muitos tão importante como a própria arte que produz” (Matarasso, 2019, p. 102).

Tenho vindo a mencionar os conceitos de arte participativa e de arte comunitária, pelo que é importante clarificar os seus significados. Os conceitos: participativo e comunitário são distintos, a participação implica aderir a algo que já existe, o que é

comunitário pressupõe algo que é verdadeiramente criado e partilhado pelo coletivo. Esta ideia, conduz-nos a outro ponto muito importante da política cultural que tem que ver com os conceitos de democratização cultural e democracia cultural: a primeira promove um acesso à arte e a segunda implica o reconhecimento da participação na vida cultural, por intermédio da ação enquanto artista, ou seja, fazendo um paralelo para a arte participativa e a arte comunitária, com as devidas distâncias, a primeira diz-nos que a arte existe e o objetivo é participar nela, ao passo que, na segunda, a arte não é pré-existente mas sim o resultado das pessoas se terem juntado para a fazer. (Matarasso, 2019).

Passo a apresentar as definições de ambos os conceitos segundo François Matarasso:

“Arte participativa é a criação de um trabalho artístico por artistas profissionais e não-profissionais” (Matarasso, 2019, p. 52).

“A arte comunitária é a criação de arte como direito humano, por artistas profissionais e não-profissionais, que cooperam entre iguais, para propósitos e com padrões estabelecidos em conjunto, e cujos processos, produtos e resultados não podem ser conhecidos antecipadamente” (Matarasso, 2019, p. 56).

Clarificar ambos os conceitos é um exercício importante, no sentido de se perceber o que implica cada um deles e haver rigor terminológico relativo à proposta do projeto. No entanto, o importante para a *Rota Raiz*, é perceber quais as intenções da arte participativa, ou seja, que utopia perseguem e de que desígnio este projeto se pretende aproximar. A arte participativa tem três intenções, são elas “alargar o acesso à arte (ou democratização cultural), gerar mudança social e desenvolver a democracia cultural” (Matarasso, 2019, p. 69), “a democracia cultural é o direito e a capacidade de participar de forma livre, plena e igual na vida cultural da comunidade, de fruir das artes e criar, publicar e distribuir trabalho artístico (Matarasso, 2019, p. 85).

A *Rota Raiz* incluirá vertentes da arte participativa, almejando eventualmente aproximar-se da arte comunitária, numa hipotética implementação do projeto numa perspetiva de continuidade. No entanto, interessa reforçar pontos importantes, com base em metodologias participativas, como: captação de novos públicos, criação de sustentabilidade para o projeto, criação de estímulo artístico, capacitação e criação de conhecimento de uma forma mais democrática e, a longo prazo, a visão de pequeno território criativo, contemporâneo, com identidade e relevante no panorama cultural nacional.

## Metodologia

No campo metodológico pretende-se desenvolver uma proposta conceptual de um programa cultural para o território de Arruda dos Vinhos que integre a estratégia cultural do município à escala do mandato, ou seja, a quatro anos.

A ambição deste projeto não é compatível com a apresentação de um orçamento e plano de produção realistas. Um projeto que convoca consensos políticos a quatro anos (implica um trabalho de reestruturação de serviços, capacitação de infraestruturas, um trabalho próximo com o território, com a comunidade e os seus diversos agentes) necessita de trabalho de campo para apurar as necessidades reais e os seus custos.

A *Rota Raiz* é uma proposta de questionamento do território e de leitura do mesmo através da arte. Neste sentido, este projeto incide maioritariamente sobre a promoção do pensamento e produção de conhecimento, convocando objetivos no âmbito da política cultural.

Ao longo deste capítulo há a intenção clara de justificar a pertinência do projeto, detalhando-o do ponto de vista conceptual e aproximando-o mais, quanto mais possível, da sua implementação, na medida em que esta proposta não pretende ficar no campo meramente teórico, almejando idealmente a sua concretização.

O capítulo do Enquadramento Teórico funcionou como uma ferramenta de mapeamento fundamental ao desenho de projeto pretendido para este capítulo. Serão apresentadas propostas práticas que emanam desse mapeamento realizado anteriormente.

A Metodologia desdobrar-se-á no desenho do projeto e proposta curatorial, calendarizando-a e apresentando propostas concretas de opções na área da gestão cultural.

A sustentabilidade do projeto é também um ponto determinante. Nesse sentido, pretende-se justificar a perpetuação da *Rota Raiz*, negando a efemeridade, ou seja, assegurando a sua pertinência a longo prazo, assim como afirmar a prática artística como criadora de conhecimento, constituindo-se como uma importante ferramenta de apoio à decisão sobre o território, promovendo-se práticas sustentáveis ao nível ambiental e em consonância com os ritmos das comunidades.

## I. Desenho do Projeto

É no âmbito do desenho do projeto que se pretende fundamentar a pertinência da *Rota Raiz*. Pretende-se clarificar, posicionar, objetivar e definir as estratégias do projeto.

Tendo em conta o facto de o projeto ser desenhado com a ambição de integrar a estratégia cultural do Município de Arruda dos Vinhos, o enquadramento temporal situar-se-á em 2021/2025, uma vez que decorrerão eleições autárquicas em outubro de 2021.

### i. Sinopse Rota Raiz

O nome *Rota Raiz* surge de inspiração no topónimo de Arruda dos Vinhos. Não havendo consensos relativamente à sua origem, sabe-se que Arruda terá sido, ao longo dos anos, uma zona de rotas. *Al Ruta* é a suposta designação moçárabe de Arruda dos Vinhos que ainda paira na memória coletiva do território. Arruda é um arbusto de nome científico *Ruta Graveolens*. Os vinhos sempre lhe pertenceram e as vinhas constituem uma evidência na paisagem dominante. As justificações toponímicas não são uníssonas. Poderá Arruda ter sido uma grande rota de vinhos? É desta incerteza e indefinição que urge desenhar a Rota Raiz. A rota que emerge na profundidade do território para aclarar caminhos.

O conceito de rota acompanha a história deste território até à contemporaneidade. Para além de Arruda ter sido, no passado em época de descobrimentos, uma zona de passagem e escoamento dos vinhos do Oeste para os barcos de Lisboa, sabemos que, remontando aos primórdios da nacionalidade, comunidades mouras que habitavam Lisboa vieram ocupar este território, e outros no termo da capital, aquando da reconquista cristã da cidade portuguesa. Estas comunidades foram apelidadas de saloias, dedicando grande parte da sua atividade à produção de pão. No século XIX, as Invasões Napoleónicas fizeram deste território mais uma zona de passagem e de fixação. Os Fortes Defensivos das Linhas de Torres Vedras - que constituem uma rota - a chegada dos invasores franceses e a orientação militar por parte dos aliados ingleses, colocaram Arruda dos Vinhos, mais uma vez, numa zona de confluência de povos que deixaram marcas na comunidade. Na contemporaneidade, a paisagem do território é também ela marcada pelo movimento pendular de uma parte significativa dos seus habitantes que se deslocam todos os dias a Lisboa para trabalhar. As horas de ponta ilustram as rotas quotidianas da sociedade contemporânea, através do trânsito. Os céus são constantemente cruzados pelas rotas de aviação em direção ao Aeroporto

da Portela. Este projeto pretende criar novos significados tendo como base as raízes do território.

A Rota Raiz é um projeto cultural de Arruda dos Vinhos que visa gerar conhecimento sobre o território, através da criação de mapeamentos sonoros e fotográficos, programação artística e envolvimento comunitário.

Este programa cultural visa a criação de uma grande rota constituída por vários *Caminhos* que cruzarão a totalidade do território de Arruda. É com base neste imaginário constituído de movimento, passagem, confluência, dinâmica e contraste que se apresenta um programa com enfoque na comunidade marcado pela abrangência artística e territorial.

No sentido de potencializar todo o “ecossistema” de Arruda, desde as suas comunidades e conseqüente relação com o território, à sua constituição paisagística e natural, a *Rota Raiz* pretende efetuar o mapeamento em duas fases. A primeira fase visa um mapeamento documental - fotográfico e sonoro - e, a segunda fase, um mapeamento de mediação, ou seja, a promoção de programação artística à escala do território, partindo do conhecimento gerado pela primeira fase.

A programação apresentada pretende incidir maioritariamente sobre novas criações, abarcando as artes visuais, performativas e pensamento, que irão ocorrer e percorrer vários pontos do território.

A Rota Raiz pretende colocar Arruda dos Vinhos no mapa cultural nacional, a longo prazo, por intermédio da criação de massa crítica no território, a criação de novos objetos e espetáculos assim como elevar Arruda a espaço de questionamento permanente da ação humana.

## ii. Enquadramento do Projeto

Ao longo da construção deste projeto tese foi possível esmiuçar a *Rota Raiz* no que se refere ao seu enquadramento, recorrendo a projetos referência como o *Walk & Talk*, *Museu da Cidade do Porto*, *Bons Sons*, *Lavrar o Mar* e *Binaural/Noudar*.

Através dos projetos que enquadram a *Rota Raiz*, torna-se evidente o foco e a importância do território na centralidade do projeto, o exercício da reflexão e a produção de conhecimento e o envolvimento comunitário numa lógica de coesão social, criação de massa crítica e cidadania.

Do ponto de vista da programação, a *Rota Raiz* pretende incidir, numa primeira fase, sobre o estudo da fotografia e do som, almejando a constituição de arquivo. Esta

primeira fase visa a criação de património com o objetivo que o mesmo venha a ser questionado e mediado. Desta forma, pretende-se criar uma lógica de residências artísticas, em que se promova a sustentabilidade cultural, por intermédio do envolvimento dos atores com a comunidade, o reconhecimento do território e uma programação complementar centrada no pensamento e em laboratório.

A segunda fase de programação é caracterizada pela abrangência artística, pretendendo-se que sejam promovidas criações e coproduções com base no arquivo constituído.

Toda a programação cultural deste projeto será apresentada sobre um desenho de um conceito de *Caminhos* que cruzam todo o concelho de Arruda, formando a *Rota Raiz*.

### iii. Posicionamento do Projeto

A *Rota Raiz* pretende assumir-se enquanto um projeto diferenciador no contexto cultural local e regional, através de uma ação que abarca a totalidade do território, do envolvimento das comunidades, pela sua sustentabilidade e pela pertinência artística da sua programação, com base em novas criações.

A criação deste projeto justifica-se por intermédio de uma prioridade política para o território de Arruda dos Vinhos, diretamente relacionada com o seu crescimento populacional, tendo simultaneamente como ponto de partida a inexistência de um projeto cultural, assente em fortes alicerces, que contribua para a preservação das suas identidades, contribuindo paralelamente para evitar a sua descaracterização.

O posicionamento do território de Arruda dos Vinhos é delicado e necessita de ser refletido. O facto de este território ser de pequenas dimensões, apresentar um crescimento populacional percentualmente bastante significativo e, atualmente, viver uma realidade híbrida entre a ruralidade e o urbano, faz com que esteja num contexto acelerado de transformação. Neste sentido, a reflexão e a projeção de futuro, com base nas suas raízes, parece constituir-se enquanto um ponto absolutamente nevrálgico no âmbito da política local.

Emergem uma série de potencialidades e de ameaças no que concerne ao posicionamento do território. Numa primeira camada, surge uma ameaça fundamental de ser tida em conta: o risco de Arruda dos Vinhos vir a sofrer de alguns problemas associados a zonas suburbanas das grandes cidades. Se por um lado, as características da nova população, que se tem vindo a fixar em Arruda, contribuem para uma perspetiva de evolução positiva, nomeadamente por intermédio da constituição de massa crítica, por outro, se Arruda perder a oportunidade de criar um projeto cultural

sustentável incorre no perigo de o território se transformar num dormitório, em vez de se afirmar como espaço de crescimento, com base no exercício pleno de cidadania e da construção de qualidade de vida em seu redor.

Há um outro dado pertinente, relacionado com o fenómeno demográfico, cultural e social, que aponta para o facto de o grande aumento de população, no concelho de Arruda, estar diretamente relacionado com a freguesia de Arruda dos Vinhos. Ou seja, percentualmente o aumento populacional mais significativo tem-se centrado na maior mancha urbana do território, havendo uma desigualdade mais acentuada entre a zona urbana e as freguesias rurais. Este dado é bastante pertinente para entendermos as assimetrias existentes no território.

Partindo desta última premissa relacionada com as assimetrias concelhias, a *Rota Raiz* pretende mergulhar nas profundezas do território e, nesse sentido, também pretende desenvolver programação cultural nas zonas mais rurais do concelho. Neste âmbito, pretende-se dar novos significados às tradicionais infraestruturas das Sociedades Recreativas e Culturais que proliferam no território.

A *Rota Raiz* será constituída por caminhos que cruzarão estes espaços e comunidades. A proliferação destas infraestruturas é quase similar à proliferação de pequenos espaços de culto religioso. Ambos são espaços de encontro e de reflexão. As infraestruturas das associações e coletividades poderão assumir o papel de portais de acesso ao conhecimento sustentável das comunidades no território.

A *Rota Raiz*, não substituindo o trabalho e a necessidade de um Museu - inexistente em Arruda dos Vinhos - acaba por assumir alguns objetivos relacionados com a missão de um Museu Municipal, nomeadamente a criação de conhecimento sobre o território através da investigação, documentação e interpretação, acrescentando uma componente fortemente artística na área de programação.

## iv. Objetivos

A Rota Raiz tem como finalidade:

- **Promover a coesão social e territorial, assente num programa cultural sustentável de produção de conhecimento.**

Os objetivos que a *Rota Raiz* pretende atingir são os seguintes:

### **1. Valorizar o património material e imaterial de Arruda dos Vinhos;**

- a. Criar novo património com base no território;
- b. Preservar a memória por intermédio da constituição de arquivo;
- c. Envolver e escutar as comunidades na construção do projeto;
- d. Dar novos significados à memória coletiva através da mediação;
- e. Divulgar o património edificado com base na programação cultural;
- f. Valorizar a cultura popular das comunidades por intermédio de uma ação contemporânea;
- g. Valorizar e preservar a paisagem;
- h. Valorizar produtos endógenos;
- i. Disseminar o conhecimento produzido;

### **2. Combater as assimetrias territoriais;**

- a. Desenvolver um programa cultural com total abrangência territorial;
- b. Criar novos fluxos (caminhos) de interesse cultural e artístico no território;
- c. Promover criações artísticas com base no estudo das comunidades mais periféricas;
- d. Criar condições de acesso à cultura do ponto de vista físico e intelectual;
- e. Promover a democratização da cultura aproximando-se da democracia cultural;
- f. Programar na área da arte participativa e da arte comunitária;

### **3. Desenvolver a criação artística;**

- a. Coproduzir novas criações;
- b. Promover programas de residências artísticas;
- c. Encomendar novas criações;
- d. Incentivar à criação artística local;

### **4. Fomentar a sustentabilidade ao nível cultural, social, ecológico e artístico;**

- a. Atrair e criar novos públicos;
- b. Desenvolver e promover a educação artística;
- c. Criar massa crítica;
- d. Promover a leitura do território;
- e. Assumir uma política ecológica;
- f. Captar investimento para o território;
- g. Criar novos empregos;

## **v. Orientações Estratégicas**

Neste campo serão apresentadas as orientações estratégicas do projeto, em consonância com os objetivos:

- Preservar a memória coletiva enquanto meio fundamental para a coesão social do território de Arruda dos Vinhos;
- Desenvolver conhecimento e novos significados sobre o território, com base na criação de memória, como forma de apoio à decisão coletiva sobre a intervenção no mesmo;
- Apostar na cultura enquanto meio de desenvolvimento local sustentável;
- Promover, por intermédio da cultura, a expressão da comunidade arrudense, criando qualidade de vida evitando a todo o custo a constituição de uma vila dormitório;
- Inscrever Arruda dos Vinhos no mapa cultural regional e nacional;

- Combater a desertificação das zonas mais rurais;
- Articular a programação com as associações, estabelecimentos escolares, instituições seniores e todo o poder local do território enquanto veículo fundamental para o desenvolvimento social;
- Articular programação com estabelecimentos de ensino universitário no sentido de fortalecer o potencial académico do projeto;
- Incentivar o diálogo entre as comunidades locais e a comunidade artística, assim como com outras culturas, religiões e nacionalidades com base na confluência de povos que ocuparam o território ao longo dos anos;
- Apoiar a criação artística fortalecendo o tecido cultural nacional, regional e local;
- Incentivar à democratização cultural e à democracia cultural enquanto meios de acesso e ação;
- Dotar as infraestruturas culturais do território de meios e programação cultural consistente;
- Dotar Arruda dos Vinhos de maior massa crítica;
- Trabalhar para a criação de novos públicos no território com base na educação artística;

A missão da *Rota Raiz* consiste em fortalecer o tecido cultural local através de um programa cultural com pertinência a nível nacional, que promova a sustentabilidade do território, fazendo de Arruda dos Vinhos um exemplo ao nível da criação de qualidade de vida.

## II. Curadoria

Neste capítulo, pretende-se explicitar com maior detalhe as opções de curadoria deste projeto. Na generalidade, o projeto será composto por um conjunto de *Caminhos* que compõem a *Rota Raiz*. A opção de associar este projeto ao conceito de rota já foi amplamente justificado nos capítulos anteriores, partindo da toponímia e das características do território de Arruda dos Vinhos. No entanto, não deixa de ser importante refletir sobre o facto de o conceito de rota, suportado nas várias rotas constituídas que proliferam pelo território nacional, estar relativamente gasto e associado essencialmente a projetos de carácter puramente turístico. Neste sentido, dividir a *Rota Raiz* em rotas menores, poderia ameaçar o projeto associando-o a uma vertente que não reflete a profundidade que o mesmo pretende atingir.

A opção de desenhar *Caminhos* que compõem a *Rota Raiz* consiste numa visão de detalhe, pormenor, contemplação e sustentabilidade que os caminhos nos proporcionam. “Os caminhos fazem-se caminhando”. A presente ideia, consolidada no nosso imaginário, acaba por refletir o que se pretende com a *Rota Raiz*, ou seja, procurar a profundidade, valorizar mais o processo em detrimento do resultado final.

A *Rota Raiz* será dividida em dois momentos fortes: *Colheita* e *Fermentação*. No entanto, previamente à *Colheita* é necessário o *Cultivo*, ou seja, preparar o terreno e a planta para que dê bons frutos. No caso concreto deste projeto, o *Cultivo* pretende ajudar a estruturar estrategicamente os serviços culturais do município, no sentido de se criar o contexto ideal para o desenvolvimento da *Rota Raiz*. Como já tem vindo a ser mencionado ao longo desta tese, existem dois momentos que marcam o projeto: o momento de recolha e de mediação do que é recolhido. No entanto, tendo em conta que este projeto se pretende sustentável e que venha a perpetuar no tempo, ambos os conceitos não devem ser rígidos, ou seja, devem assumir fluidez no sentido de se adaptarem e intercetarem no tempo e no espaço. É nesta sequência que chega uma 4ª fase: *Amadurecimento*.

Em Arruda dos Vinhos subsiste a ligação à terra, às estações do ano e à organização do calendário relacionado com a produção de vinho. As vinhas dominam a paisagem e o facto de os terrenos serem, na globalidade, de pequenas dimensões, ajudou a que este processo se perpetuasse na memória coletiva da comunidade do território. O *Cultivo*, *Colheita*, *Fermentação* e *Amadurecimento* são processos associados à produção de vinho que transportamos para a programação cultural da *Rota Raiz*. A produção agrícola está na génese do conceito de cultura. Cícero terá sido o primeiro a utilizar as expressões “cultivar o espírito” e “cultura do espírito”. Fazendo a analogia, a

*Rota Raiz* também nasce da Terra, da nossa Terra, e será trabalhada com o cuidado necessário para que as colheitas deem os melhores frutos e que floresçam todos os anos.

Dada a ambição deste projeto, desenhado à escala de Arruda dos Vinhos, é importante que cada fase tenha o seu tempo para que se solidifique e seja sustentável a longo/médio prazo. É com base nesta visão que se propõe que este projeto integre a estratégia cultural do Município de Arruda dos Vinhos para o mandato 2021-2025. Assim, a calendarização da *Rota Raiz* corresponderá as 4 fases aos respetivos 4 anos de mandato.

### i. 1ª Fase – Cultivo

O *Cultivo* está associado à preparação e cuidado da terra para que produza. Como foi mencionado anteriormente, as expressões “cultura do espírito” ou “cultivar o espírito” conectaram o desenvolvimento humano à terra, através de uma metáfora tão forte que, hoje, a cultura detém uma expressão inquestionável no campo do desenvolvimento humano. Sabendo que as artes encontram “terra fértil” nas grandes urbes, com altos níveis de densidade populacional, é também importante não esquecer que acontece cultura nos territórios mais ruralizados e que a cultura que acontece nesses territórios não é uma cultura do passado, mas muito provavelmente uma cultura de maior conexão à terra e à natureza.

Neste capítulo será abordado a preparação do terreno para a intervenção. Ou seja, antes da recolha dos materiais sonoros e fotográficos, é necessário criar uma organização que viabilize a recolha e a sustentabilidade do projeto. Conhecendo a realidade cultural do Município de Arruda dos Vinhos, julgo que este projeto pode ter uma visão e ação ativa na valorização dos serviços culturais municipais.

A *Rota Raiz* pretende-se sustentável e agregadora. Neste sentido, torna-se estratégico que este projeto consiga criar condições para um melhor desempenho dos serviços municipais já constituídos. Nesta primeira fase de *Colheita*, o Centro de Estudos e Investigação de Arruda dos Vinhos (CEI) deverá desempenhar um papel importante na medida em que foi criado pelo município para:

Realizar pesquisas e estudos no âmbito da arqueologia, etnografia, história e património local e regional, tendo como objetivos a conservação, gestão e dinamização do património classificado, bem como coordenar e executar projetos de investigação científica e académica, contribuindo para o enriquecimento da histórica e cultura local,

preservação e salvaguarda do património e da memória coletiva e identidade local. (Município de Arruda dos Vinhos, s.d.)

Apesar dos objetivos do CEI, o município de Arruda dos Vinhos não dispõe de um arquivo totalmente funcional. Existem documentos referentes ao arquivo histórico que estão conservados sem estarem devidamente tratados e acessíveis de acordo com as normas arquivísticas. Relativamente ao arquivo digital, especificamente fotográfico, existe uma dispersão de plataformas que não contribuem para a inteligibilidade do mesmo, assim como as próprias plataformas não são as mais intuitivas na perspetiva do utilizador.

A concretização da *Rota Raiz* propõe-se a servir de impulso à realização de um trabalho urgente e necessário na preservação da memória relacionada com o território de Arruda dos Vinhos, levada a cabo pelo CEI.

Atualmente o CEI é composto por três recursos humanos com formação superior em arqueologia, história e museologia. Do ponto de vista infraestrutural, o CEI não dispõe de um espaço adequado para a preservação e constituição de arquivo físico dos materiais e documentos ao seu encargo. O Município de Arruda dos Vinhos não dispõe de arquivo histórico organizado.

De acordo com a organização dos serviços do Município de Arruda dos Vinhos, a Secção de Arquivo, Documentação e Reprografia (SADR) insere-se na Unidade Administrativa e de Modernização (UAM). O arquivo situa-se na antiga Sala Polivalente da Biblioteca Municipal Irene Lisboa. Esta localização levanta problemas de expansão de arquivo assim como também afeta valências fundamentais do serviço da Biblioteca Municipal Irene Lisboa.

O serviço da Biblioteca Municipal Irene Lisboa (BMIL), a par do CEI e da SADR, deve ser convocado para este projeto. Este serviço é constituído por um técnico-superior bibliotecário, quatro técnicas de biblioteca, uma assistente técnica administrativa e duas assistentes operacionais. A BMIL apresenta dificuldades relacionadas com o seu espaço físico que advêm da ocupação do espaço da Sala Polivalente, por parte do Arquivo Municipal, e também devido ao facto de parte do depósito de biblioteca estar ocupado pelos processos de obras e urbanística. Pretende-se que a BMIL tenha uma contribuição fundamental para a *Rota Raiz* ao nível do Fundo Local.

Segundo Nunes Henrique Barreto, citado pela Direção-Geral do Livro dos Arquivos e das Bibliotecas, o Fundo Local consiste em “um conjunto organizado de espécies documentais qualquer que seja o seu suporte (impressos e audiovisuais), produzidas por uma comunidade ou com ela relacionadas, que se referem aos mais variados

aspectos da sua vida, história e atividades” (Direção-Geral do Livro, 2020). É competência das Bibliotecas Municipais “recolher, tratar, conservar, explorar e difundir toda essa documentação, nos seus diferentes tipos de suporte, tornando-a acessível a toda a população” (Direção-Geral do Livro, 2020).

A BMIL insere-se numa infraestrutura mais alargada, com outras valências e serviços, denominada de Centro Cultural do Morgado (CCM). O CCM para além de um espaço físico, é um projeto de programação cultural do Município de Arruda dos Vinhos. A programação cultural assume uma periodicidade trimestral. A equipa de programação é flutuante, ou seja, nem sempre é composta pela totalidade das pessoas, embora maioritariamente, seja constituída pelos técnicos-superiores da área de cultura e turismo do município, incluindo os serviços referidos anteriormente. A Galeria Municipal insere-se neste projeto de programação. O CCM é um projeto do município fundamental à *Rota Raiz* com um papel de maior relevância na fase de mediação do projeto, embora deva ser envolvido desde o início do processo.

Recentemente foi inaugurado um novo espaço cultural, na freguesia de Arruda dos Vinhos, denominado Start-Up Cultural de Arruda. Este projeto está sobre a alçada da Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos detendo parceria com o Município de Arruda dos Vinhos. Este projeto prevê o incentivo à criação artística por intermédio da disponibilização aos artistas do espaço e de materiais para a concretização dos seus projetos, assim como detém um quarto para estadia dos artistas. A Rota Raiz pretende desenvolver parcerias e envolver a Start-Up Cultural no desenvolvimento do projeto.

O Município de Arruda dos Vinhos não dispõe de um Museu. Teve, no passado, um Núcleo Museológico dedicado à escritora e pedagoga Irene Lisboa na freguesia de Arranhó. Esse núcleo museológico era essencialmente constituído pelo espólio de Irene Lisboa que, apesar de património municipal, não se encontra exposto. Este dado valoriza a pertinência deste projeto na medida em que, tendo em conta a dimensão do território, contribui para a criação de pensamento sobre o mesmo. Não havendo um Museu ou um Núcleo Museológico, a Rota Raiz pode contribuir para a reinterpretação do espólio de Irene Lisboa, e de outro património pertinente, à luz dos objetivos do projeto.

## 1. Programação

No sentido de dar consistência programática ao projeto, a fase de *Cultivo* deve promover programação cultural, também ela numa lógica de preparação do terreno para as fases seguintes. A programação desta fase caracteriza-se pela criação de *Caminhos* comuns

entre o projeto, os serviços culturais municipais, os agentes políticos e associativos do território, a comunidade artística local e regional, a comunidade intelectual e académica, a comunidade escolar, a comunidade empresarial, e convocar os arrudenses.

Em suma, pretende-se conceder robustez de base à *Rota Raiz*, para que os *Caminhos* permitam o longo alcance que se pretende para o projeto. A fase de *Cultivo* não se caracteriza como a fase de programação no seu esplendor máximo, incidindo principalmente na criação de condições estruturais à sustentabilidade do projeto.

Algumas propostas de programação apresentam-se de forma mais generalista na medida em que o projeto prevê uma construção concertada e inclusiva, que só poderia ser definida numa fase posterior ao início do trabalho de campo.

A programação cultural durante a fase de *Cultivo* incidirá essencialmente em dois períodos: primavera e outono. Esta opção baseia-se no facto de se pretender programar em estações do ano associadas à transição, à preparação da chegada de algo. Do ponto de vista da dinâmica social do território, a primavera e o outono são períodos adequados à programação, tendo em conta que Arruda dos Vinhos é um território fundamentalmente de residentes; não há fluxo turístico significativo e ambas as estações propostas não são turísticas por excelência, ou seja, os residentes encontram-se, maioritariamente, no território. Do ponto de vista das características naturais, ambos os períodos são bastante inspiradores, atendendo ao impacto que os terrenos cultivados têm na paisagem e as potencialidades que daí podem advir para o programa.

Neste sentido propõe-se as seguintes linhas estruturais de programação, divididas em 2 ciclos e 1ª exposição:

- 1) Caminhos Exploratórios
  - a) Ciclo Conversas de Raiz
  - b) Ciclo Paisagens Efémeras
  - c) Exposição
- 2) Caminhos da Expedição
  - a) Ciclo Conversas de Raiz
  - b) Ciclo Paisagens Efémeras
  - c) Exposição

## **Caminhos Exploratórios e da Expedição**

Os *Caminhos Exploratórios* e os *Caminhos da Expedição* consistem nas duas grandes linhas programáticas da fase de *Cultivo* da *Rota Raiz*, a serem realizados respetivamente no período da primavera e do outono, respetivamente. Ambas as linhas convocam uma aproximação ao território e ao projeto. A componente agregadora, que marca esta programação, pretende criar massa crítica, através da promoção do pensamento. Pretende-se congregiar visões amplas do meio cultural com visões da dinâmica local, fortalecer o tecido artístico local e dar a conhecer o território ao projeto e o projeto ao território, não esquecendo as especificidades adquiridas das transformações próprias de cada estação do ano.

### **Ciclo Conversas de Raiz**

Este Ciclo de Conversas pretende alinhar a estratégia da *Rota Raiz*, ou seja, por um lado pretende desenvolver pensamento crítico sobre as áreas disciplinares em que este projeto incide e, por outro, criar pontes entre as forças vivas do território e personalidades de destaque na área da cultura. Para que o projeto tenha sucesso é obrigatório agregar e partilhar o *mindset* necessário para que se criem objetivos comuns.

O Ciclo é comum a ambos os *Caminhos*. Pretende-se desenvolver 3 conversas por cada Ciclo associadas a cada um dos *Caminhos*, totalizando 6 conversas na 1ª Fase de *Cultivo*. As *Conversas de Raiz* serão programadas em diferentes pontos do território, incluindo sempre um agente local que criará a ligação à cultura e ao território de Arruda dos Vinhos.

### **Ciclo Paisagens Efémeras**

O *Ciclo Paisagens Efémeras* consiste na programação de música e artes performativas. Pretende-se, nesta fase, fortalecer o tecido artístico local e regional por intermédio da programação de agentes locais e regionais. Entenda-se, ao longo deste projeto, que o tecido artístico local e regional refere-se concretamente ao território de Arruda dos Vinhos, concelhos limítrofes e pertencentes à Comunidade Intermunicipal do Oeste. Esta dimensão territorial pretende conceder uma identidade regional artística ao território, ou seja, Arruda dos Vinhos, enquanto território híbrido que, pertencendo à Região Oeste, faz fronteira com o Ribatejo e a Região Metropolitana de Lisboa, poderá afirmar-se como um local de excelência para a confluência da arte e dos agentes culturais destes territórios, misturando parte da cultura suburbana, ribatejana e do Oeste às portas da cidade de Lisboa.

O conceito de *Paisagens Efêmeras* baseia-se em dois grandes pontos: a efemeridade associada às artes performativas; a forma como a *performance* nos remete para o momento e, o que se pretende fazer neste ciclo, ou seja, programar na paisagem; programar em espaços que transmitam a cultura do território, no sentido de nos deixarmos contagiar pela paisagem previamente existente e pela relação criada pela *performance*.

É também por intermédio deste ciclo que se pretende criar uma maior aproximação do projeto ao público generalista, sabendo que, por exemplo, os espetáculos musicais têm, na generalidade, uma capacidade agregadora bastante interessante.

As *Paisagens Efêmeras* consistirão num ciclo de 3 espetáculos por cada um dos *Caminhos* totalizando 6 espetáculos em 2021.

### **Exposição**

No sentido de conceder a abrangência artística que se pretende para o projeto já na 1ª Fase de *Cultivo*, pretende-se programar uma exposição em ambos os caminhos, ou seja, duas exposições no ano de 2021.

As exposições terão a duração dos *Caminhos Exploratórios* e dos *Caminhos da Expedição*, ou seja, uma estará patente durante o período de primavera e a outra de outono.

Estas exposições devem conciliar um trabalho de pesquisa sobre o território, assim como a sua relação com a respetiva estação do ano. Ambas as exposições podem debruçar-se sobre o material documental existente no Município de Arruda dos Vinhos, no sentido de iniciar a sua mediação e organização, congregando-o a outras visões e expressões artísticas. As exposições devem ser coletivas envolvendo, preferencialmente, artistas e investigadores locais e regionais.

### **Esboço Programático**

Neste campo, propõe-se um esboço daquilo que poderá ser a programação da fase de *Cultivo*. Atendendo à complexidade deste projeto, à necessidade de envolvimento e de concertação de vários agentes e equipa, não se pretende apresentar um programa final e fechado. Este esboço apresenta propostas de programação mais concretas deixando outras em aberto que necessitam, naturalmente, de definição ao longo da execução da *Rota Raiz*.

- **Caminhos Exploratórios – 20 março a 20 junho**
  - **Ciclo Conversas de Raiz**

### **1ª Conversa – Escutar e Desenhar à Escala de um Território**

Local: A-do-Mourão (Freguesia de Santiago dos Velhos)

Agente Local: Moleiro

Oradores: Nuno Faria (Diretor do Museu da Cidade do Porto) e Carlos Alberto Augusto (Compositor e Designer Sonoro)

Sinopse: Na localidade de A-do-Mourão situa-se o último moinho de vento (propriedade da Junta de Freguesia de Santiago dos Velhos) que se encontra em funcionamento no território de Arruda dos Vinhos. Esta atividade prevê a exploração ao funcionamento do moinho, conduzida pelo Moleiro, e alguns comentários relacionados com a paisagem sonora produzida pelo mesmo. A conversa, relativa ao tema supramencionado, desenvolver-se-ia nas instalações da Sociedade Recreativa de A-do-Mourão, culminando com a prova do pão produzido localmente.

### **2ª Conversa – Olhar o Território através da Fotografia**

Local: Arruda dos Vinhos (Quinta de São Sebastião)

Agente Local: Elemento da Quinta de São Sebastião

Oradores: David Santos (Curador da Coleção do Estado, Ex-Diretor a Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira) e Duarte Belo (Fotógrafo)

Sinopse: A Quinta de São Sebastião é uma das produtoras de vinho do território de Arruda dos Vinhos. A quinta existe desde 1755. Situa-se numa das encostas do vale de Arruda e transporta consigo a cultura do território através da produção de vinho, arquitetura e histórias de romagens à quinta. Previamente ao início do tema da conversa, supramencionado, pretende-se explorar a Quinta de São Sebastião e a produção de vinho. A conversa decorreria nas instalações da quinta com prova de vinhos.

### **3ª Conversa – Envolver a Comunidade e o Território**

Local: Largo do Terreiro (Arruda dos Vinhos – Zona Histórica)

Agente Local: Elemento organizador do evento *Há Jazz No Terreiro*

Oradores: Luís Ferreira (Diretor Artístico do 23 Milhas ex Diretor do Festival Bons Sons) e Paulo Lameiro (Musicólogo e Coordenador do Grupo Executivo do Projeto Rede Cultura 2027)

Sinopse: O *Há Jazz No Terreiro* é um evento que decorre na zona histórica de Arruda dos Vinhos, no Largo do Terreiro. Este evento musical é organizado pelos moradores do Largo do Terreiro durante as *Festas do Concelho*. Este evento tem um espírito verdadeiramente especial, pela música programada, pelo conforto do espaço, mas principalmente porque é organizado a título voluntário pelos moradores desta zona envelhecida do coração de Arruda dos Vinhos. Um dos moradores é músico, faz da sua casa palco, bar e camarins. Pretende-se ouvir sobre a experiência comunitária que é organizar o *Há Jazz no Terreiro*, ouvir os oradores convidados relativamente ao tema e, por último, escutar a banda que habitualmente ensaia numa garagem de uma casa do Largo do Terreiro.

- **Ciclo Paisagens Efémeras**

**1º Espetáculo – Hugo “Vicky” Marques**

Local: Miradouro de Cardosas

Área Artística: Música Jazz

Origem: Músico de Arruda dos Vinhos

**2º Espetáculo – Inestética – A definir**

Local: Largo da Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos

Área Artística: Teatro

Origem: Companhia do Concelho de Vila Franca de Xira

**3º Espetáculo – Teatro da Rainha – A definir**

Local: Forte do Cego

Área Artística: Teatro

Origem: Companhia da cidade das Caldas da Rainha

- **Exposição**

**Exposição Coletiva – Galeria Municipal**

Local: A definir

Patente: 20 março a 20 de junho

Artistas e Investigadores: A definir – Locais e Regionais

- **Caminhos da Expedição – 22 setembro a 21 de dezembro**
  - **Ciclo Conversas de Raiz**

### **1ª Conversa – Educação Artística e Criação de Públicos**

Local: Externato João Alberto Faria (Arruda dos Vinhos)

Agente Local: Nuno Faria (Diretor do Externato João Alberto Faria)

Oradores: Madalena Vitorino (Diretora do Festival *Lavrar o Mar*) e Sofia Botelho (Diretora do Festival *Walk&Talk*)

Sinopse: Arruda dos Vinhos tem vindo a ser apontada como referência na área da educação, muito pelo contributo dado pelo Externato João Alberto Faria (EJAF). Esta escola, do 5º ao 12º ano, é a única do concelho, excetuando o ensino profissional. O EJAF encontra-se ao abrigo de um contrato de associação com o Ministério da Educação, o que significa que integra a rede de escola pública, mantendo gestão privada. Fundada em 1973, por João Alberto Faria, com o nome Externato Irene Lisboa, muda para instalações de ensino mais modernas no ano de 2003, alterando o nome como homenagem ao seu fundador (entretanto falecido).

Nesta iniciativa pretende-se conhecer as instalações do Externato João Alberto Faria assim como o trabalho desenvolvido na área da educação artística. Madalena Vitorino e Sofia Botelho, ambas com experiência na programação de serviços educativos, partilharão as suas visões relativamente ao tema supramencionado.

### **2ª Conversa – Novas Centralidades Artísticas**

Local: Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos

Agente Local: Representante da Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos

Oradores: Jesse James (Diretor Festival *Walk&Talk*) e Luís Gomes da Costa (Diretor do Projeto Binaural Nodar)

Sinopse: A Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos é uma instituição fundamental na memória coletiva de Arruda dos Vinhos pela sua importância histórica, económica e social. Esta infraestrutura de meados do século XX impressiona, pela sua dimensão, e posição central na vila.

No âmbito desta conversa, pretende-se realizar uma visita às instalações da Adega, imergindo na imponência arquitetónica industrial e na história da mesma. Posteriormente Jesse James e Luís Gomes da Costa partilharão a sua experiência com a organização de projetos culturais periféricos que procuram a criação de novas centralidades artísticas, acompanhados de uma prova de vinhos.

### **3ª Conversa – Política, Economia, Arte e Cultura à Escala de um Território**

Local: Ambigroup (Arranhó)

Agente Local: Representante Ambigroup

Oradores: Prof. João Bonifácio Serra (Presidente do Conselho Estratégico Cultura 2027) e Prof. José Luís (Doutorado em Economia e Especialista em Prospetiva – Diretor do Jornal Gazeta das Caldas)

Sinopse: A vila de Arranhó tem uma história económica ligada à gestão de sucatas. A empresa Ambigroup iniciou o negócio nessa área no ano de 1978. Atualmente, trabalha, entre outras áreas, na gestão de resíduos, tornando-se uma empresa de referência na Península Ibérica. Em 2013, a empresa detinha um volume de negócios na casa dos 50 milhões de euros. Uma percentagem muito considerável do seu negócio consiste na reciclagem, um ponto nevrálgico nas sociedades contemporâneas que procuram formas de vida mais sustentáveis, tal como o contexto artístico.

Nesta iniciativa, pretende-se conhecer a sede da empresa em Arranhó e mais sobre a ação da Ambigroup. Nas instalações da empresa, desenvolver-se-á a conversa com os oradores João Bonifácio Serra e José Luís de Almeida Silva relativamente ao tema supramencionado.

- **Ciclo Paisagens Efémeras**

#### **1º Espetáculo – NBC vs Dance Life Academy**

Local: Largo do Rossio – A-do-Mourão (Freguesia de Santiago dos Velhos)

Área Artística: Música vs Dança

Origem: Torres Vedras vs Arruda dos Vinhos

Sinopse: NBC é um artista reconhecido a nível nacional na área da música hip-hop, Soul e R&B radicado em Torres Vedras. A Dance Life Academy é uma escola de dança multidisciplinar radcada em Arruda dos Vinhos. Pretende-se a realização de um espetáculo conjunto de música e dança, colocando os alunos da escola de dança em contacto com profissionais da área artística, promovendo a capacitação dos alunos e o envolvimento entre os agentes culturais do território à escala regional.

#### **2º Espetáculo – AlenPalco Vs Grupo Cénico de Arranhó**

Local: Salão do União Recreativo e Desportivo de Arranhó (Arranhó)

Área Artística: Teatro

Origem: Alenquer vs Arruda dos Vinhos

Sinopse: A AlenPalco é uma companhia de teatro de Alenquer fundada por intermédio de uma associação sem fundos lucrativos, o Grupo Cénico de Arranhó é um grupo amador de teatro de Arranhó que esporadicamente leva peças a cena na vila de origem. Pretende-se que ambos os grupos desenvolvam uma peça conjunta no sentido de promover o envolvimento entre os agentes culturais do território à escala regional e a educação artística.

### **3º Espetáculo – Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense Vs Rancho Folclórico Podas e Vindimas de Arruda dos Vinhos**

Local: Parque das Rotas (Arruda dos Vinhos)

Área Artística: Música e Dança

Origem: Vila Franca de Xira vs Arruda dos Vinhos

Sinopse: A Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense é uma das mais antigas referências culturais artísticas vilafranquenses. O Rancho Folclórico Podas e Vindimas de Arruda dos Vinhos transporta consigo a cultura popular rural de Arruda dos Vinhos. Neste espetáculo pretende-se promover a fusão entre a música e dança numa lógica etnográfica, promovendo o envolvimento entre os agentes locais do território ao nível regional e o desenvolvimento de uma nova abordagem aos formatos mais tradicionais.

- **Exposição**

#### **Exposição Coletiva – A definir**

Local: Galeria Municipal

Patente: 20 março a 20 de junho

Artistas e Investigadores: A definir

## **2. Cronograma**

Atendendo à identidade participativa e agregadora da *Rota Raiz*, ao cronograma proposto para o projeto para o mandato de 2021-2025 e ao facto das eleições autárquicas ocorrerem em outubro de 2021, propõe-se as seguintes linhas de ação e calendarização no que diz respeito à fase de *Cultivo*:

Tabela 2 - Fase de Cultivo: Cronograma Programação e Gestão de Projeto

<b>1ª Fase - Cultivo</b>	
<b>Linhas de Ação e Programação</b>	<b>Calendário 2021/2022</b>
Apresentação da <i>Rota Raiz</i> aos serviços municipais e não municipais mencionados na fase de <i>Cultivo</i> e auscultação dos mesmos relativamente às suas fragilidades e potencialidades.	Novembro 2021
Formulação de Hipóteses com o objetivo de capacitar os serviços para o desenvolvimento da <i>Rota Raiz</i> , ponderando questões como: infraestruturas, recursos humanos, organização de serviços e definição de prioridades, aquisição de bens e serviços.	Novembro 2021
Definição do orçamento para as Grandes Operações do Plano (GOP) do Município de Arruda dos Vinhos para 2022	Novembro / dezembro 2021
Procura de parceiros institucionais, patrocínios e mecenato	Janeiro / fevereiro 2022
Desenho e definição da estratégia de comunicação	Janeiro / fevereiro 2022
Apresentação pública do projeto inserido numa estratégia a 4 anos com especial ênfase na 1ª Fase de <i>Cultivo</i>	Março 2022
Caminhos Exploratórios	Março / junho 2022
Fase de capacitação dos serviços envolvidos no projeto, ao nível da capacitação de recursos humanos, infraestruturas, aquisição de serviços e outras necessidades detetadas.	Abril / outubro 2022
Desenho da 2ª Fase – <i>Colheita</i>	Junho / outubro 2022
Definição do orçamento para as Grandes Operações do Plano (Gop) do Município de Arruda dos Vinhos para 2023	Outubro 2022
Caminhos da Expedição	Setembro / dezembro 2022

## ii. 2ª Fase – Colheita

A fase de *Colheita*, como a própria designação indica, consiste na recolha de material fotográfico e sonoro sobre o território de Arruda dos Vinhos. Pretende-se criar novos objetos que venham a constituir um arquivo inexistente no município. A *Colheita* é um processo fundamental à produção de vinho; não é possível fazer-se vinho sem uvas. O mesmo se aplica à *Colheita da Rota Raiz*, ou seja, é necessário colher a memória para que seja mediada. Esta fase do projeto incidirá sobre a leitura do território a dois níveis: som e fotografia. Ou seja, o som e a fotografia serão mediadores que funcionarão como facilitadores à leitura e ao questionário do território de Arruda dos Vinhos.

A fase de *Colheita* terá a duração de um ano civil. Este espaço temporal é absolutamente fundamental para que se trace um retrato fidedigno do território e se constitua um arquivo com maior substância, ou seja, um processo de *Colheita* que atravesse a totalidade do ano civil possibilita a captação das transformações do território, ao longo de todas as estações, festividades e efemérides.

O processo de *Colheita* de paisagens sonoras e fotografias estará dividido em quatro *Caminhos*, inspirados nos elementos clássicos: *Terra, Água, Ar e Fogo*.

- **Caminho da Terra**

O *Caminho da Terra* caracteriza-se pela ligação ao mundo rural, aos campos, à agricultura, vitivinicultura, ao setor primário na globalidade, à fauna e flora, mas também àquilo que pertence à “terra” enquanto comunidade: as coletividades, as associações, as lendas do imaginário popular e os acessos terrestres.

- **Caminho da Água**

O *Caminho da Água* representa o Rio Grande da Pipa, os riachos, as ribeiras, os cursos de água, o Chafariz Pombalino, o Aqueduto, o abastecimento contemporâneo de águas, mas também aquilo que é líquido, ou seja, aquilo que se estabeleceu no território, por inerência à contemporaneidade e que responde a necessidades rápidas de adaptabilidade.

- **Caminho do Ar**

O *Caminho do Ar* traz-nos o vento, os moinhos, os pontos altos do território, os aviões que atravessam o território, partindo ou chegando de Lisboa, mas também traz o que nos eleva, convoca-nos o espírito e o pensamento: o conhecimento, a religião e crenças, o poder e a filosofia.

- **Caminho do Fogo**

O *Caminho do Fogo* convoca-nos para a euforia, para aquilo que é frenético: as tabernas, os restaurantes e cafés, as indústrias, as máquinas, as fogueiras, as festividades e romarias, as horas de ponta e aquilo que é urbano.

A *Colheita* sonora e fotográfica debruçar-se-á sobre estes quatro caminhos orientadores, sendo que, na componente sonora, há uma linha transversal a todos: o *Depoimento Oral*. Esta linha transversal a todos os *Caminhos* pretende preservar a memória coletiva por intermédio da oralidade, registando a experiência e o conhecimento partilhados na primeira pessoa. Estes depoimentos poderão ser levados a cabo pelo CEI.

A programação durante a fase de *Colheita* terá uma grande ênfase na educação e investigação. Pretende-se potencializar o conhecimento e a criatividade, dos artistas em residência, em favor da construção de ferramentas úteis para o fortalecimento da educação artística, visando um florescimento sociocultural e socioeducativo no território. Durante esta fase terá de se desenvolver um trabalho forte no envolvimento de toda a comunidade escolar de Arruda dos Vinhos, por intermédio de um diálogo permanente, no sentido de o trabalho de *Colheita* poder ser adaptado aos currículos. Ou seja, para além de iniciativas que possam integrar o Plano Anual de Atividades das instituições de ensino, como visitas guiadas ou oficinas, é fundamental que os professores possam recorrer aos materiais produzidos, utilizando-os como uma valiosa ferramenta em contexto de sala de aula. Paralelamente deverá ser desenvolvido um projeto na área de arte participativa que envolva a comunidade em geral por intermédio da aproximação a instituições seniores, associações e coletividades do concelho.

Ainda no âmbito da programação, é importante que se continuem a desenvolver *Conversas de Raiz*, por intermédio de ateliers abertos dos artistas em residência e outras personalidades que acrescentem visão crítica ao território, assim como uma componente de espetáculos, mais festiva, que aproxime a comunidade geral da *Rota Raiz*.

No âmbito do trabalho em residência artística, pretende-se que sejam dinamizadas exposições coletivas no fim de cada período de residência. Estas exposições servem como uma pequena mostra do trabalho desenvolvido não concentrando em si uma grande complexidade na mediação. As exposições abririam um novo ciclo denominado *Ciclo de Exposições Intercalares* sob o signo de *Aproximações*.

## Open Calls

Para a concretização da *Colheita* pretende-se lançar vinte *Open Calls* para o Programa de Residências Artísticas ao longo de todo o ano de 2023. Estas *Open Calls*, dirigidas a artistas, incidirão especificamente em fotografia e paisagens sonoras, tendo um mês como duração, durante uma estação do ano. Para que se consiga promover um verdadeiro raio-x ao território, serão realizadas cinco residências artísticas, por cada estação do ano, quatro de fotografia dedicadas a um dos *Caminhos* e uma de paisagens sonoras dedicada a abarcar os quatro *Caminhos*.

O Programa de Residências Artísticas deve ser estreitamente articulado com a Star-Up Cultural de Arruda dos Vinhos, uma vez que é o único projeto e infraestrutura desenhada com o claro objetivo de receber residências artísticas em Arruda dos Vinhos.

As *Open Calls* seriam faseadas em quatro momentos diferentes, cada um correspondente a uma estação do ano. As candidaturas seriam majoradas de acordo com a residência do artista, ou seja, no sentido de potencializar o tecido artístico local e regional, os artistas com o estatuto de artista local/regional seriam beneficiados no processo de seleção. Como já foi referido, entende-se por artista local/regional o residente na Região Oeste e concelhos limítrofes a Arruda dos Vinhos, o que, na prática, diz respeito aos seguintes concelhos: Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Loures, Lourinhã, Mafra, Nazaré, Óbidos, Peniche, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira. O artista, no final da sua residência, deverá apresentar o seu trabalho numa exposição coletiva, conjuntamente com os artistas em residência referentes ao mesmo período de *Open Call*.

As candidaturas deverão ser submetidas de acordo com as seguintes especificações:

1. Nome completo, nome artístico, morada, telefone, email e website.
2. A que área disciplinar se candidata e a que *Caminho(s)*.
3. Uma sinopse sobre o projeto artístico especificamente concebido para este programa de residências artísticas.
4. Um CV ou biografia artística e ligações para criações anteriores que possam ter relação com a proposta.
5. Carta de motivação

Tabela 3 - Fase de Colheita: Cronograma de Residências

2ª Fase Colheita	
Residências	Calendário
Residência de Inverno	Fevereiro 2023
Residência de Primavera	Abril / maio 2023
Residência de Verão	Agosto / setembro 2023
Residência de Outono	Novembro 2023

## 1. Programação e Cronograma da Programação

A programação relacionada com o Programa de Residências Artísticas foi explicada anteriormente. Neste campo sugere-se a apresentação da programação no âmbito da mediação com o público.

No âmbito desta programação de apresentação ao público, pretende-se apresentar um único *Caminho*, o *Caminho de Aproximações*. Este *Caminho* convoca a comunidade, nas suas diversas dimensões, ao trabalho de investigação que vai sendo realizado, em simultâneo, no território. Esta proposta de programação propõe um exercício de aproximação à fase de *Fermentação*, ou seja, a mediação e exposições que vão sendo promovidas, com base no trabalho de *Colheita*, antevendo a fase seguinte, em que o enfoque total estará na mediação do trabalho colhido para arquivo.

Neste sentido propõe-se a seguinte estrutura para a programação cultural referente à 2ª Fase de *Colheita*, constituída por um *Caminho* e quatro ciclos:

- 1) Caminho de Aproximações
  - a. Ciclo Exposições Intermediárias;
  - b. Ciclo Conversas de Raiz;
  - c. Ciclo Paisagens Efémeras
  - d. Ciclo Oficinas

## Ciclo de Exposições Intermediárias

Este ciclo de exposições surge na sequência do Programa de Residências Artísticas no qual os artistas se encontrarão a *Colher* fotografias e paisagens sonoras do território de Arruda dos Vinhos. Estas exposições pretendem mostrar o trabalho desenvolvido no âmbito das residências, antevendo um trabalho expositivo mais denso e detalhado que surgirá na 3ª Fase de *Fermentação*. Assim, no âmbito deste ciclo, pretende-se realizar quatro exposições, correspondentes a cada estação do ano, ao longo do ano de 2023. Seguindo a lógica de descentralização cultural e de mapeamento do território, as quatro exposições concretizar-se-ão, cada uma delas, numa das quatro freguesias de Arruda dos Vinhos. Todas as exposições terão visitas orientadas ao público geral, à comunidade local onde estará patenteada a respetiva exposição, à comunidade escolar, instituições seniores e empresas do território.

Tabela 4 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo Exposições Intermediárias

2ª Fase Colheita			
Ciclo Intermediárias	Exposições	Calendário	Local
1ª Exposição		Fevereiro / maio de 2023	Arranhó
2ª Exposição		Maio / julho 2023	S. Tiago dos Velhos
3ª Exposição		Setembro / novembro 2023	Cardosas
4ª Exposição		Novembro / fevereiro 2024	Arruda dos Vinhos

## Ciclo Conversas de Raiz

Neste segundo *Ciclo Conversas de Raiz* pretende-se continuar a desenvolver o pensamento crítico sobre a cultura e o território. Ao longo desta segunda temporada pretende-se escutar os artistas em residência sobre o trabalho desenvolvido. Será realizado um ciclo de quatro conversas, convergentes com a respetiva exposição, às quais se juntará um agente local que fará a mediação com uma narrativa do território, à semelhança da primeira temporada do ciclo, e uma personalidade de destaque de uma área disciplinar em consonância com o trabalho desenvolvido em residência.

Tabela 5 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo Conversas de Raiz

<b>2ª Fase Colheita</b>			
<b>Ciclo Conversas de Raiz</b>	<b>Agente Local e Convidado especialista</b>	<b>Calendário</b>	<b>Local</b>
<b>1ª Conversa</b>	A definir	Fevereiro	Arranhó
<b>2ª Conversa</b>	A definir	Maio	S. Tiago dos Velhos
<b>3ª Conversa</b>	A definir	Setembro	Cardosas
<b>4ª Conversa</b>	A definir	Novembro	Arruda dos Vinhos

### **Ciclo Paisagens Efémeras**

A segunda temporada programática deste ciclo prevê quatro espetáculos performativos, um em cada estação do ano, na mesma lógica da temporada anterior, ou seja, promover o património paisagístico material e imaterial do território por intermédio da programação das artes performativas, assim como programar o tecido cultural local e regional, apostando em espetáculos de convergência com agentes culturais dos territórios identificados. O ciclo assume uma característica de festejo e pretende aproximar a comunidade do projeto *Rota Raiz*.

Tabela 6 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo Paisagens Efémeras

2ª Fase Colheita				
Espetáculos	Agentes Culturais	Área Artística	Calendário	Local
<b>Dapunksportif vs Gana</b>	Peniche vs Arruda dos Vinhos	A definir	Maio	Freguesia de Arranhó
<b>Dixie Nazza Jazz Band Vs Raúl e Eu</b>	Nazaré vs Arruda dos Vinhos	Música Popular	Julho	Freguesia de S. Tiago dos Velhos
<b>Teatro Independente de Loures vs Grupo Cénico de Arruda dos Vinhos</b>	Loures vs Arruda dos Vinhos	Teatro	Novembro	Freguesia de Cardosas
<b>“A Viagem” com Rancho Folclórico Podas e Vindimas</b>	Filipa Francisco vs Rancho de Arruda	Dança	Dezembro	Freguesia de Arruda dos Vinhos

## Ciclo Oficinas

Este novo ciclo programático, dedicado à educação artística, está relacionado com o *saber fazer*. No âmbito deste ciclo, pretende-se realizar oficinas e laboratórios relacionados com a fotografia e o som. Pretende-se desenvolver competências artísticas nos públicos-alvo através da sensibilização do olhar e da escuta. As escolas, instituições seniores, associações e coletividades devem ser instituições parceiras na captação de público para esta oferta educativa. Estas oficinas serão dinamizadas por associações ou técnicos especializados neste âmbito.

No âmbito deste ciclo também se prevê a realização de Oficinas Abertas. Esta ação consiste na definição de dois dias do mês em que as oficinas dos artistas em residência se encontram abertas ao público geral e instituições.

No âmbito da programação sénior, o Município de Arruda dos Vinho integra um projeto intermunicipal denominado Agenda Maior. Este projeto que congrega os municípios de

Arruda, Sobral Monte Agraço, Cadaval, Bombarral, Lourinhã e Torres Vedras, consiste no desenho anual de um programa cultural orientado ao público sénior. A Agenda Maior tem vindo a desenvolver um trabalho de grande proximidade com as instituições seniores dos municípios mencionados. Neste sentido, deve ser proposto e desenhado um programa de oficinas de som e imagem no sentido de integrar a programação da Agenda Maior.

No cronograma infra apresenta-se as Oficinas Abertas e Oficinas de Som e Imagem adaptadas ao público geral e escolar.

Tabela 7 - Fase Colheita: Cronograma Ciclo de Oficinas

<b>2ª Fase Colheita – Ciclo de Oficinas</b>				
<b>Ação</b>	<b>Inverno</b>	<b>Primavera</b>	<b>Verão</b>	<b>Outono</b>
<b>Oficinas Abertas</b>	quarta-feira e domingo da 3ª semana de residência	quarta-feira e domingo da 3ª semana de residência	quarta-feira e domingo da 3ª semana de residência	quarta-feira e domingo da 3ª semana de residência
<b>Oficinas de Som e Imagem</b>		Interrupção letiva de Páscoa	Interrupção letiva de Verão	Interrupção letiva de Natal

## 2. Cronograma de Gestão de Projeto

Nesta fase de *Colheita*, por questões de organização, foram criados dois cronogramas, o da programação e o da gestão de projeto. São duas calendarizações com objetivos diferentes, uma vez que a primeira responde a um calendário para o público e a segunda à gestão interna da equipa e do projeto.

Apresenta-se infra o cronograma dedicado à gestão de projeto.

Tabela 8 - Fase Colheita: Cronograma de Gestão de projeto

<b>2ª Fase - Colheita</b>	
<b>Linhas de Ação</b>	<b>Calendário 2022/2023</b>
Abertura de Open Call para Programa de Residências de Inverno	Outubro de 2022
Apresentação pública da 2ª Fase - <i>Colheita</i>	Janeiro 2023
Abertura de Open Call para Programa de Residências de Primavera	Fevereiro 2023
Abertura de Open Call para Programa de Residências de Verão	Abril 2023
Abertura de Open Call para Programa de Residências de Outono	Julho 2023
Desenho da 3ª Fase - <i>Fermentação</i>	Julho / Outubro de 2023
Definição do orçamento para as Grandes Operações do Plano (Gop) do Município de Arruda dos Vinhos para 2023	Outubro 2023

### iii. 3ª Fase – Fermentação

A fermentação é um processo de transformação fundamental à produção de vinho. Este processo que transforma sumo de uva em vinho constitui-se como um saber ancestral que serve os contemporâneos. Esta fase tão fundamental pode ser entendida como uma mediação de todo o trabalho anterior que orienta ao objetivo final de constituição do produto. O projeto *Rota Raiz* propõe a fase de *Fermentação* como a fase de efervescência, a fase de mediação por excelência, a fase em que a criatividade ferve e se apresenta à comunidade em toda a sua potência.

Durante esta fase, pretende-se regressar aos *Caminhos da Terra, Água, Ar e Fogo*. Estes *Caminhos*, anteriormente trilhados no âmbito da recolha de materiais fotográficos e sonoros, surgem agora enquanto linhas de programação que atravessam a totalidade do território de Arruda dos Vinhos. A constituição destes *Caminhos*, funcionarão como um grande mapeamento do território a dois níveis: um relacionado com o mapeamento direto da exposição dos materiais recolhidos e, um segundo, relacionado com os fluxos de público e vários agentes que trilharão os *Caminhos* motivados pela programação cultural.

A vertente comunitária terá, neste âmbito, um papel fundamental. O imaginário popular diz-nos que cada terra quer a sua capela, numa alusão às infraestruturas que proliferam pelos territórios sem que, por vezes, se tivesse criado o capital humano necessário para a utilização das mesmas. As infraestruturas das coletividades, em Arruda dos Vinhos, são inúmeras, umas com mais capital humano do que outras. Foi impossível não me deixar fascinar, perante a capacidade que as mesmas têm de criar centralidades. Imagino estas infraestruturas - com várias salas, palcos, minibibliotecas, bares e outras valências - como capelas de cultura que ajudam a alumiar o território. Estas infraestruturas serão paragens obrigatórias no desenho dos *Caminhos* que formarão a *Rota Raiz*, nesta fase de *Fermentação*.

Os *Caminhos de Terra, Água, Ar e Fogo* serão consolidados por uma grande exposição que abarcará o território, o *Ciclo de Conversas de Raiz*, *O Ciclo de Oficinas* e *O Ciclo de Paisagens Efémeras*.

## 1. Programação

A programação cultural referente à 3ª Fase – *Fermentação*, será indubitavelmente marcada pela grande exposição que resultará de todo o material recolhido durante o

período de *Colheita*. Paralelamente à exposição, serão programados ciclos que suportam a sua mediação: *Conversas de Raiz e Oficinas*.

O *Ciclo Paisagens Efémeras* apresenta-se de forma diferente, nesta fase, incidindo em novas criações. Neste capítulo é dado o enquadramento à exposição: *Escutar, Olhar e Envolver Arruda dos Vinhos* e ao *Ciclo Paisagens Efémeras*, uma vez que os *Ciclos Conversas de Raiz e Oficinas* funcionarão na mesma lógica das fases anteriores, com a nuance das conversas incidirem também sobre a programação performativa. Ambos os ciclos, *Conversas de Raiz e Oficinas*, serão remetidos para o cronograma.

### **Exposição: Escutar, Olhar e Envolver Arruda dos Vinhos**

Esta exposição, como a restante programação desta fase, estará dividida em quatro *Caminhos*. No sentido de promover novos fluxos e concretizar objetivos relacionados, como dar a conhecer a totalidade do território de Arruda dos Vinhos, esta exposição tirará partido da centralidade da sede do concelho, enquanto ponto de partida para todos os *Caminhos*: *Terra, Água, Ar e Fogo*. Desta forma, pretende-se convocar o público, a partir do maior centro urbano do território, a percorrer os *Caminhos* desafiando-o à exploração por intermédio da arte.

A exposição deverá estar patente entre os meses de março de 2024 a março de 2025, completando um ano. Os restantes ciclos programáticos consolidarão a pertinência da exposição à escala de um ano.

### **Ciclo Paisagens Efémeras**

O *Ciclo de Paisagens Efémeras* regressa com uma lógica de trabalho mais profunda. Nesta fase o ciclo consistirá em novas criações, partindo do trabalho recolhido na fase de *Colheita*. As novas criações, para além de se constituírem, tendo por base o material fotográfico e sonoro recolhido, incidirão, sempre que possível, no campo da arte participativa numa lógica de envolvimento da comunidade e educação artística. Os artistas locais, para além da comunidade geral, também devem ser envolvidos no processo de criação, fortalecendo o tecido artístico local. Partes da fase de criação e de produção dos espetáculos terão de ser realizadas em residência.

Este ciclo complementa os quatro *Caminhos* que atravessam o território, assumindo-se enquanto extensões efémeras para a *Terra, Água, Ar e Fogo*. Neste ciclo pretende-se programar 8 espetáculos que acompanham o período em que a exposição estará patente.

Propõe-se os seguintes artistas e companhias para realizarem novas criações:

*Tabela 9 - Fase Fermentação: Artistas Ciclo Paisagens Efémeras*

<b>Nome</b>	<b>Área Artística</b>
<b>Ana Lázaro – Companhia Dobrar</b>	Teatro
<b>Poetry Esemble</b>	Poesia / Música
<b>Tó Trips</b>	Música
<b>A Bolha – Teatro com Marionetas</b>	Teatro Marionetas
<b>Joana Gama</b>	Música
<b>Filipa Francisco</b>	Dança
<b>Vítor Rua</b>	Música
<b>João de Brito</b>	Teatro

## 2. Cronograma de Programação e Mapa

O cronograma apresentado refere-se à programação da fase de *Fermentação*.

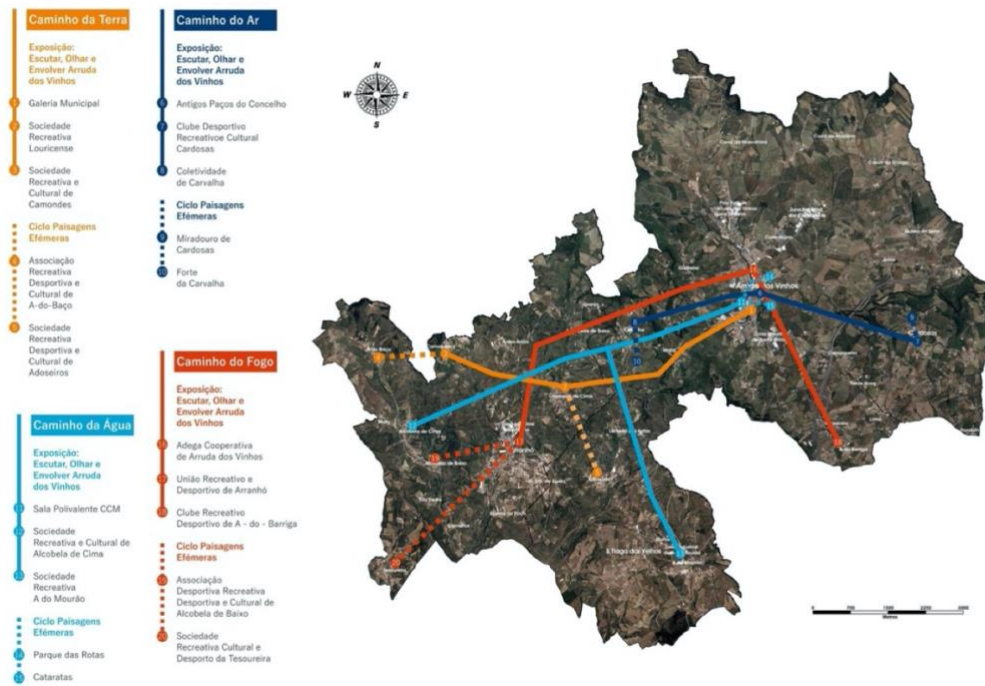
Tabela 10 - Fase Fermentação: Cronograma de Programação

3ª Fase - Fermentação	
Programação	Calendário 2024/2025
Exposição: Escutar, Olhar e Envolver Arruda dos Vinhos	Março 2024 a março 2025
<i>Ciclo Conversas de Raiz</i>	Março 2024 a março 2025
Ciclo Oficinas	Março 2024 a março 2025
<i>Paisagens Efémeras Água – Tó Trips</i>	Março 2024
<i>Paisagens Efémeras Ar – Filipa Francisco</i>	Maió 2024
<i>Paisagens Efémeras Terra – Ana Lázaro - Dobrar</i>	Julho 2024
<i>Paisagens Efémeras Fogo – Poetry Esemble</i>	Setembro 2024
<i>Paisagens Efémeras Terra – Vítor Rua</i>	Novembro 2024
<i>Paisagens Efémeras Fogo – A Bolha Teatro de Marionetas</i>	Dezembro 2024
<i>Paisagens Efémeras Ar – Joana Gama</i>	Janeiro 2025
<i>Paisagens Efémeras Água – João de Brito</i>	Março 2025

### Mapa

O desenho do mapa desta programação é fundamental. É por intermédio do mapa que percecionamos os *Caminhos* que cruzam o concelho de Arruda dos Vinhos e consubstanciam a *Rota Raiz* à escala do território. A constituição deste mapa obedece a uma estratégia de valorização das comunidades e promoção do território, por intermédio da descentralização cultural. Os *Caminhos* partem de 4 pontos diferentes da vila de Arruda dos Vinhos tendo a exposição como mote para o seu percurso, os espetáculos do *Ciclo Paisagens Efémeras* são entendidos como extensões dos *Caminhos*. Os locais apresentados são ilustrativos na medida em que seria necessária

uma articulação muito próxima entre os locais propostos, a produção, a sensibilidade e o trabalho produzido pelos artistas.



Mapa 4 - Fase Fermentação: Caminhos Terra, Água, Ar, Fogo

### 3. Cronograma de Gestão de Projeto

Tabela 11 - Fase Fermentação: Cronograma de Gestão de Projeto

<b>3ª Fase - Fermentação</b>	
<b>Linhas de Ação</b>	<b>Calendário 2024/2025</b>
Apresentação pública da 3ª Fase - <i>Fermentação</i>	Janeiro de 2024
Residência Tó Trips	Fevereiro 2024
Residência Filipa Francisco	Abril 2024
Residência Ana Lázaro	Junho 2024
Desenho da 3ª Fase - <i>Amadurecimento</i>	Julho / Outubro 2024
Residência Poetry Esemble	Agosto 2024
Residência Vítor Rua	Outubro 2024
Definição do orçamento para as Grandes Operações do Plano (Gop) do Município de Arruda dos Vinhos para 2023	Outubro / novembro 2024
Residência A Bolha Teatro Marionetas	Novembro 2024
Residência Joana Gama	Dezembro 2024
Residência João de Brito	Janeiro/Fevereiro 2025

#### iv. 4ª Fase – Amadurecimento

O *Amadurecimento* é um processo de finalização que, no âmbito da *Rota Raiz*, procura a sustentabilidade, ou seja, nele se procurando tornar evidente a preocupação para que a *Rota Raiz* não termine no quarto ano de existência, mas que se prolongue no tempo, ao encontrar o ponto de equilíbrio entre a preservação da memória, a recolha de novo material, o apoio à produção artística, a programação cultural e a mediação do arquivo. Esta fase representa a consolidação da *Rota Raiz*. É neste âmbito que se conclui um grande objetivo: a **constituição de arquivo. A apresentação do arquivo físico e plataforma online será o ponto alto desta fase.**

A constituição de um arquivo organizado, acessível, ao dispor da comunidade e de quem a queira conhecer, sugere a necessidade da criação de uma equipa de serviço educativo no município, a título permanente, atualmente inexistente, que possa desenhar a mediação documental do arquivo com as escolas, tornando-o uma valiosa ferramenta ao serviço da comunidade.

A fase de *Amadurecimento* executa-se no ano de 2025, no qual, no mês de março, ocorre o último espetáculo do *Ciclo Paisagens Efémeras* decorrente da fase anterior. A programação do *Amadurecimento* terá uma forte incidência na reflexão sobre a *Rota Raiz*, numa lógica de análise de impacto, e de prospeção quanto futuro do projeto. A discussão e o pensamento estarão centrados na análise à forma como o projeto pode e deve envelhecer. Neste sentido o *Ciclo Conversas de Raiz* regressa resgatando vários dos intervenientes anteriores, convocando-os para uma análise crítica ao que efetivamente tem sido o projeto *Rota Raiz*.

Pretende-se regressar com 2 residências artísticas que, neste período, incidirão sobre a literatura. A literatura é vista como a base de todas as artes, uma espécie de suporte sólido à construção. Neste caso concreto, a produção de textos, com valor literário, sobre o material sonoro e fotográfico recolhido, funciona como uma cola que dá ainda mais significado ao trabalho realizado. Os textos produzidos serão apresentados ao público.

No final de quatro anos fecha-se um ciclo e inicia-se o desenho de outro. Nesse sentido é central ser realizada uma grande publicação (ou mais, se necessário), que reporte todo o trabalho efetuado e conhecimento produzido. A publicação deverá ser acompanhada de um Ebook.

## 1. Programação e Cronograma

Neste subcapítulo é apresentada a programação da fase de *Amadurecimento* e o cronograma de gestão de projeto e programação.

Existirão duas linhas de programação dirigidas ao público: *Ciclo de Conversas de Raiz* e as *Incursões Literárias*. Serão programadas oito *Conversas de Raiz* em 2025, divididas em duas fases e duas atividades das *Incursões Literárias*.

### Incursões Literárias

As *Incursões Literárias* consistirão na apresentação ao público dos textos produzidos em residência artística. Os escritores escolhidos para residência são: Afonso Cruz e Bruno Humberto.

Tabela 12- Fase de Amadurecimento: Cronograma de Programação e Gestão de Projeto

<b>4ª Fase - Amadurecimento</b>	
<b>Linhas de Ação e Programação</b>	<b>Calendário 2025</b>
Residências Literárias	Janeiro / março
Apresentação pública do Arquivo e fase de Amadurecimento	Março 2025
Desenho do próximo ciclo a 4 anos do projeto	Março / outubro 2025
Incursões Literárias	Abril 2025
Ciclo <i>Conversas de Raiz</i> 1ª fase	Abril / Junho 2025
Ciclo <i>Conversas de Raiz</i> 2ª fase	Setembro / Novembro 2025
Lançamento de Publicação sobre a <i>Rota Raiz</i>	Setembro / Outubro 2025
Definição do orçamento para as Grandes Operações do Plano (Gop) do Município de Arruda dos Vinhos para 2026	Novembro 2025

## Conclusão

Desenhar a proposta de um projeto à escala de um território constituiu-se um desafio enorme. Os territórios são espaços heterogéneos. Dar um significado inteligível à heterogeneidade é um processo criativo complexo que exige bastante investigação.

O processo de construção deste projeto sofreu várias alterações. Ele não partiu de uma visão egocêntrica construída através das áreas que mais domino ou que me agradam. O processo partiu da questão: o que é que o território precisa? Obviamente que, ao responder à questão, é inevitável que os meus interesses surjam e se imponham.

A *Rota Raiz* é um projeto necessário e adaptável a muitos territórios com ameaças diferentes. Preservar a memória, educar para pensar e consciencializar a tomada de decisão é transversal a qualquer território.

Vivemos tempos conturbados: a humanidade atravessa uma situação de pandemia. No entanto, talvez seja tão ou mais preocupante o facto de atravessarmos uma sociedade fortemente influenciada pela desinformação, dando sinais de desprezo por valores fundamentais de humanidade. Saber quem somos e de onde viemos é uma forma de sentirmos empatia. A *Rota Raiz* é um projeto empático.

Eu venho de Arruda dos Vinhos, sou natural de lá. Como habitante de uma pequena/média comunidade, sinto um laço umbilical impossível de se desfazer. Acredito que a concretização de um projeto bem-sucedido, para além de todas as capacidades técnicas, necessita de paixão.

Apesar do projeto não apresentar orçamento, apresenta investigação e uma proposta realista, fundamentada e viável para uma aposta, no mínimo, a quatro anos. As escolhas programáticas ou a calendarização do projeto podem ser adaptadas. O início do trabalho de campo é essencial à adaptação da componente teórica do projeto ao terreno. No entanto acredito que existe uma proposta conceptual coesa, que agrega, dá significado e aponta rumo.

Arruda dos Vinhos integra a candidatura conjunta que pretende elevar Leiria a Capital da Cultura em 2027. Esta oportunidade pode marcar pela positiva o território. Arruda pode desempenhar um papel importante neste âmbito.

A *Rota Raiz* é uma oportunidade de estruturar e organizar o trabalho cultural de base do Município de Arruda e ter simultaneamente impacto no território.

A Rota está desenhada, cabe-nos percorrê-la.

## Bibliografia

(s.d.).

- Amorim, F., & Lopes, F. (2017). Arruda dos Vinhos, uma história de poderes - da arqueologia das jurisdições senhoriais medievais ao foral manuelino. Em A. Rijo, A. Cunha, F. Amorim, F. S. Lopes, J. Ferrão, J. M. Vargas, . . . R. R. P. Sousa, *Arruda dos Vinhos (1517) - Uma comunidade concelhia, memória e futuro. Transcrição do Foral Manuelino de 15 de Janeiro de 1517* (pp. 64-91). Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal Arruda dos Vinhos.
- Augusto, C. A. (2014). *Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Barthes, R. (2015). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.
- Belting, H. (2014). *Antropologia da Imagem*. Lisboa: KKYM + EAUM.
- Binaural - Associação Cultural de Nodar. (s.d.). *Binaural Nodar*. Obtido em Junho de 2020, de Website de Binaural Nodar: <https://www.binauralmedia.org/news/pt/>
- Boni, P. C., & Peres, T. R. (2015). O lugar da fotografia na construção da obra de Aby Warburg: uma perspectiva cultural para a compreensão da criação imagética. *Palavra Chave*, 653-669.
- Canova, A. Z. (18 de Julho de 2013). *Sound and vision blog*. Obtido de Web site da British Library: <https://britishlibrary.typepad.co.uk/sound-and-vision/2013/07/five-european-villages.html>
- Carmo, H. (2007). *Desenvolvimento Comunitário*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coelho, A. P. (22 de Março de 2019). *Madalena e Giocomo agarram o ar*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2019/03/22/culturaipsilon/noticia/madalena-giacomo-agarram-ar-1865920>
- Curt'Arruda. (2020). *Curt'Arruda*. Obtido em Junho de 2020, de Web do Curt'Arruda: <https://www.curtarruda.pt/o-festival>
- Direção-Geral do Livro, d. A. (10 de 11 de 2020). Obtido de Web site de DGLAB: <http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/etc/Paginas/ConceitodeFundoLocal.aspx>
- Faria, N. (2016). *Os Inquéritos*. Documenta.
- Faria, N. (21 de Março de 2020). Nuno Faria: "Ninguém sabia o que era o Museu da Cidade". (S. C. Andrade, Entrevistador)

- Ferreira, L. (8 de Agosto de 2019). Bons Sons: "À escala da aldeia somos, no fundo, um governo". (M. Lopes, Entrevistador, & J. Público, Editor)
- Ferreira, P., & Câmara, P. (1999). *Arruda - Uma Viagem no Tempo*. Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos.
- Ferreira, P., & Câmara, P. (2000). *Quintas do Concelho*. Arruda dos Vinhos: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos.
- Ferreira, P., & Câmara, P. (2006). *Nossa Senhora da Salvação - A Magia da Festa*. Arruda dos Vinhos: Município de Arruda dos Vinhos.
- Florida, R. (2002). *The Rise of the Creative Class*. Basic Books.
- Gago, A. (15 de Agosto de 2020). *O museu (não) imaginado da pandemia*. Obtido de Público: <https://www.publico.pt/2020/08/15/p3/cronica/museu-nao-imaginado-pandemia-1926985>
- Gaspar, C., Cunha, J. d., & Câmara, P. (2016). *Guia Prático da Bruxa D'Arruda*. Arruda dos Vinhos: Município de Arruda dos Vinhos.
- Guerra, I. C. (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção*. Cascais: Princípia.
- Guerra, I. C. (2006). *Participação e Ação Coletiva*. Estoril: Princípia.
- Johnson, C. D. (2013-16). *Mnemosyne*. Obtido de Web site de Cornell University Library: <https://warburg.library.cornell.edu/about>
- Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos. (2020). *Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos*. Obtido de Web site de Junta de Freguesia de Arruda dos Vinhos: <https://www.jf-arruda.pt/>
- Kincaid, J. (1830). *Adventures in the Rifle Brigade*. London: Oxford University.
- Lavrar o Mar. (s.d.). *Lavrar o Mar*. Obtido em junho de 2020, de Web site do Lavrar o Mar: <https://www.lavraromar.pt>
- Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta: Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Município de Arruda dos Vinhos. (agosto de 2008). *Comércio Tradicional - Espaços e Memórias. Comércio Tradicional - Espaços e Memórias*. Arruda dos Vinhos: Município de Arruda dos Vinhos.
- Município de Arruda dos Vinhos. (s.d.). *Arruda nas Linhas de Torres - A vila de Arruda e as Invasões. arruda dos vinhos na rota histórica das linhas de torres, 28-29.*

- Município de Arruda dos Vinhos. (s.d.). As Linhas de Torres Vedras. *arruda dos vinhos na rota histórica das linhas de torres*, 24-27.
- Município de Arruda dos Vinhos. (s.d.). *Município de Arruda dos Vinhos*. Obtido em maio de 2020, de Web site de Município de Arruda dos Vinhos: <http://www.cm-arruda.pt/caracterizacao> ; <http://www.cm-arruda.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=07690355-3a1f-42d9-addc-818663afb87c>; <http://www.cm-arruda.pt/catalogs/?category=46&page=1>; <http://www.cm-arruda.pt/historia-da-bruxa-da-arruda>; <http://www.c>
- Município de Arruda dos Vinhos. (sem data). Napoleão e as Invasões Francesas a Portugal. *arruda dos vinhos na rota histórica das linhas de torres*, 18-22.
- Município de Sobral de Monte Agraço*. (s.d.). Obtido em 2020, de Web site do Município de Sobral Monte Agraço: <http://www.cm-sobral.pt/caraterizacao/>
- Município do Bombarral*. (s.d.). Obtido em 2020, de Web site do Município do Bombarral: <http://www.cm-bombarral.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=e79d4100-8b9b-4adb-8d2f-8cb8afa088a5>
- Município do Cadaval*. (s.d.). Obtido em 2020, de Web site do Município do Cadaval: <http://www.cm-cadaval.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=b3f4d130-e7e1-4148-9463-5be7a4091581&m=b48>
- Paquette, J., & Redaelli, E. (2015). *Arts Management and Cultural Policy Research*. Chennai: PALGRAVE MACMILLAN.
- Pistrick, E., & Isnart, C. (2013). Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction. *Revista do Centro de Estudos de Investigação Antropológica*, 504-513.
- Santos, D. (2017). *A Palavra Imperfeita*. Lisboa: Documenta.
- Schafer, R. M. (2001). *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora UNESP.
- Simon Fraser University. (s.d.). *The World Soudscape Project*. Obtido em Julho de 2020, de Web site da Simon Fraser University: <https://www.sfu.ca/sonic-studio-webdav/WSP/index.html>
- Sousa, R. S. (2019). *Práticas Artísticas em Contexto Rural*. Caldas da Rainha: Instituto Politécnico de Leiria.
- Vargas, J. M. (2017). A Comenda da Arruda da Ordem de Santiago. Em A. Rijo, A. Cunha, F. Amorim, F. S. Lopes, J. Ferrão, J. M. Vargas, . . . R. R. Sousa, *Arruda dos Vinhos (1517) - Uma comunidade concelhia, memória e futuro*.

*Transcrição do Foral Manuelino de 15 de Janeiro de 1517.* Arruda dos Vinhs:  
Câmara Municipal Arruda dos Vinhos.

Walk&Talk. (2019). Walk&Talk - Festival de Artes. *Walk&Talk - Festival de Artes.*  
Açores.

Wells, L. (2011). *Land Matters.* London: I.B.Tauris & Co Ltd.

## Anexos



### FREGUESIA DE ARRANHÓ



- |                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| 1 Igreja de São Lourenço              | 8 S.R.C. de Alcobela de Cima                              |
| 2 Moinho do Custódio                  | 9 A.D.R.C. Alcobela de Baixo                              |
| 3 Santuário da Nossa Senhora da Ajuda | 10 A.R.D.C. de A-do-Baço                                  |
| 4 Forte do Paço                       | 11 S.R.C. de Camondes                                     |
| 5 Quinta da Murzinheira               | 12 S. R. Louricense                                       |
| 6 S.R.C.D. de Tesoureira              | 13 Polo EjaF de Arranhó<br>Agrupamento Escolar de Arranhó |
| 7 U.R.D. de Arranhó                   |   |

Anexos 1 - Mapa Freguesia de Arranhó

Fonte: Município de Arruda dos Vinhos – Mapa sem os pontos

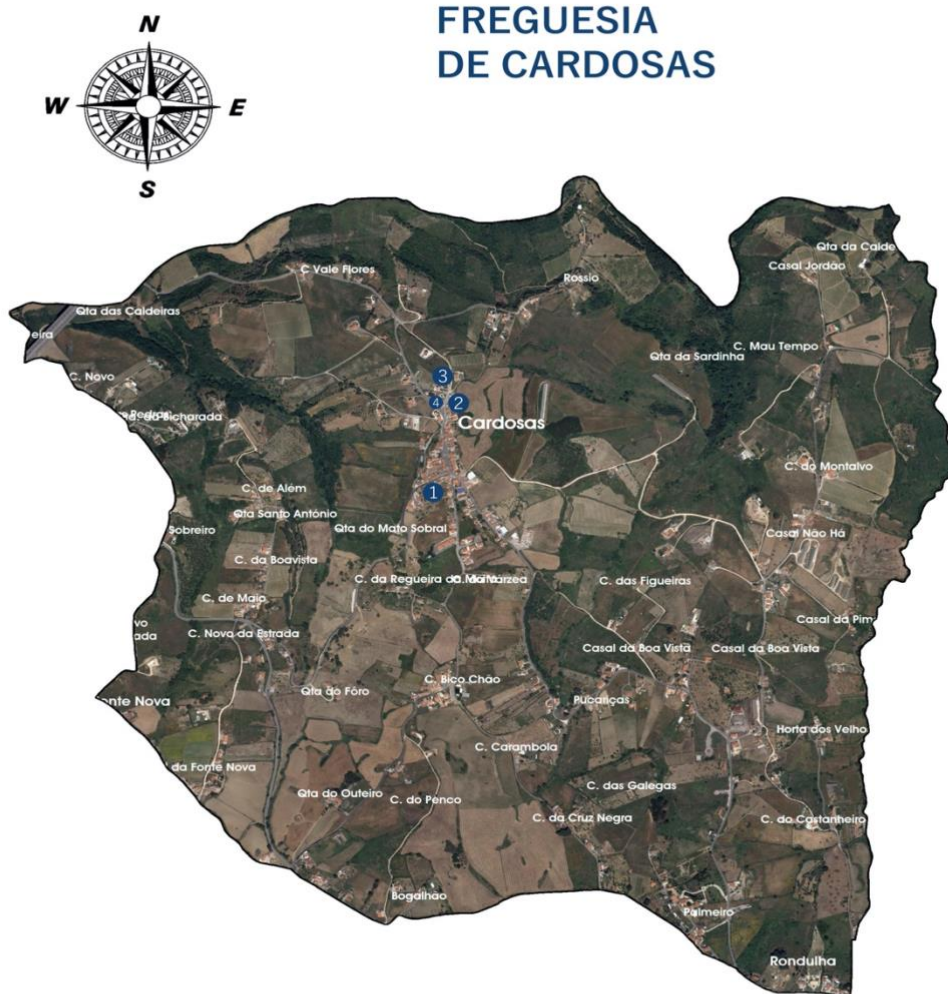
- 1 Edifício do Grémio
- 2 Escola Conde Ferreira
- 3 Antigos Paços do concelho
- 4 Igreja Matriz da Nossa Senhora da Salvação
- 5 Chafariz
- 6 Palácio do Morgado (Centro Cultural do Morgado / CEI)
- 7 Hospital da Misericórdia
- 8 Memorial dos Combatentes da Grande Guerra
- 9 Aqueduto
- 10 Capela de S. Lázaro
- 11 Senhora do Monte
- 12 Parque das Rotas / Rio Grande da Pipa
- 13 Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos / Pavilhão Multiusos
- 14 Start-Up Cultural de Arruda
- 15 Clube Recreativo e Desportivo Arrudense
- 16 Rancho Folclórico Podas e Vindimas
- 17 Praça de Touros José Marques Simões
- 18 Clube Recreativo e Desportivo de A-do-Barriga
- 19 "Cano de Sintra" - Gruta da Mata
- 20 Externato João Alberto Faria
- 21 Externato Irene Lisboa
- 22 Escola Profissional Gustave Eiffel
- 23 Agrupamento Escolar de Arruda
- 24 Agrupamento Escolar do Casal do Telheiro
- 25 Quinta de São Sebastião
- 26 Adega - Condado Portucalense

27 Centro de Interpretação e Investigação (CEI)

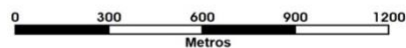


Anexos 2 - Mapa Freguesia de Arruda dos Vinhos  
 Fonte: Município de Arruda dos Vinhos – Mapa sem os pontos

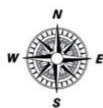
## FREGUESIA DE CARDOSAS



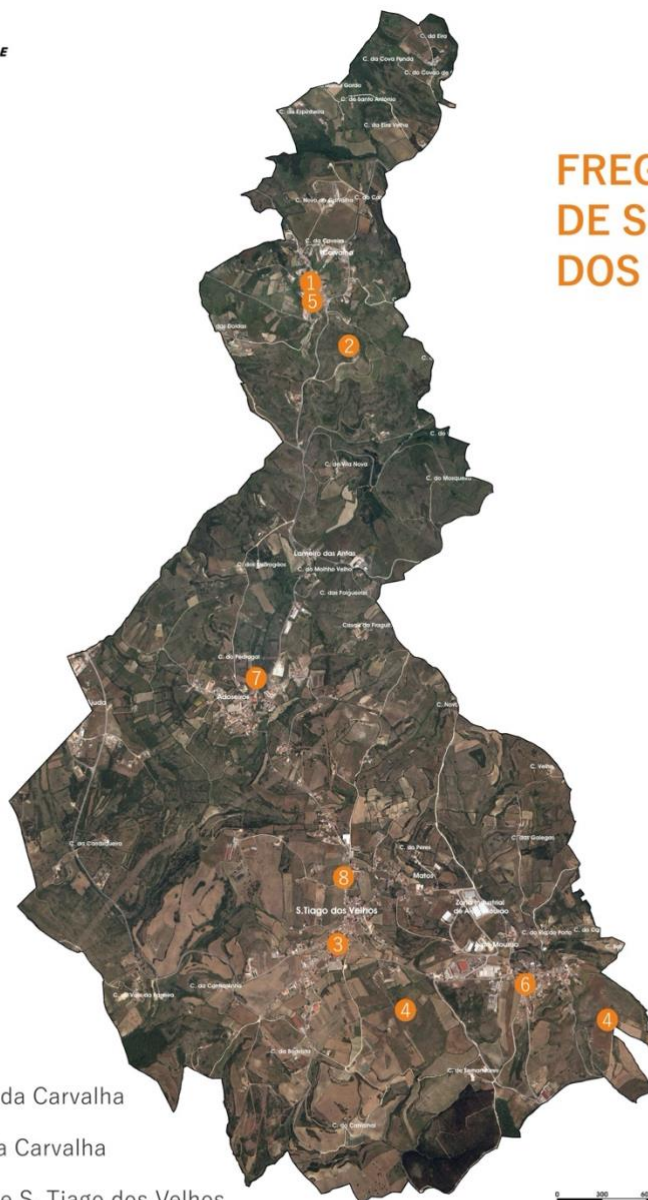
- 1 Igreja de S. Miguel Arcanjo
- 2 Clube Recreativo e Desportivo de Cardosas
- 3 Miradouro de Cardosas
- 4 Moinho de Cardosas



Anexos 3 - Mapa Freguesia de Cardosas  
Fonte: Município de Arruda dos Vinhos – Mapa sem os pontos

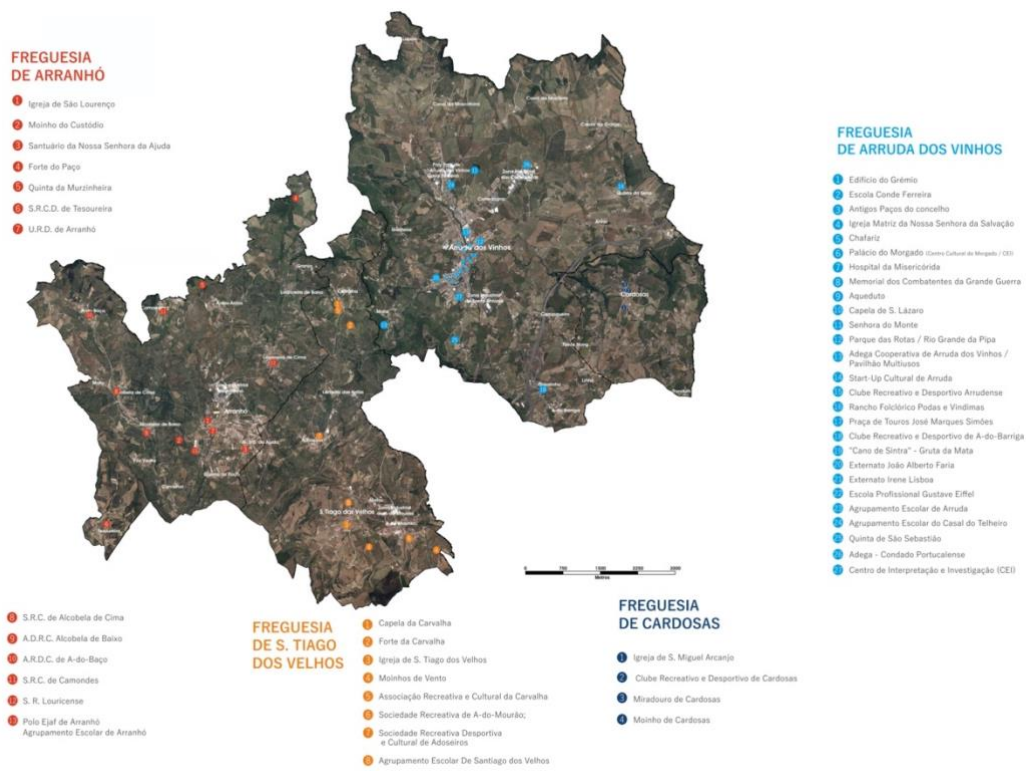


## FREGUESIA DE S. TIAGO DOS VELHOS



- 1 Capela da Carvalha
- 2 Forte da Carvalha
- 3 Igreja de S. Tiago dos Velhos
- 4 Moinhos de Vento
- 5 Associação Recreativa e Cultural da Carvalha
- 6 Sociedade Recreativa de A-do-Mourão;
- 7 Sociedade Recreativa Desportiva e Cultural de Adoseiros
- 8 Agrupamento Escolar De Santiago dos Velhos

Anexos 4 - Mapa Freguesia de Santiago dos Velhos  
Fonte: Município de Arruda dos Vinhos – Mapa sem os pontos



Anexos 5 - Mapa Concelho de Arruda dos Vinhos  
 Fonte: Município de Arruda dos Vinhos – Mapa sem os pontos

## Anexos 6 - Tabela População Residente

Quadro extraído em 05 de Outubro de 2019 (10:57)  
<http://www.inec.pt>

Sexo	Grupo etário	População residente (N <sup>o</sup> ) por Local de residência (NUTS - 2013), Sexo e Grupo etário, Anual (1)																															
		Período de referência dos dados																															
		2018				2017				2016				2015				2014				2013											
		Local de residência (NUTS - 2013) (1)																															
		Arruda dos Vinhos		Bombarral		Cadaval		Sobral de Monte Agraço		Arruda dos Vinhos		Bombarral		Cadaval		Sobral de Monte Agraço		Arruda dos Vinhos		Bombarral		Cadaval		Sobral de Monte Agraço		Arruda dos Vinhos		Bombarral		Cadaval		Sobral de Monte Agraço	
		N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>		
M	Total	1532	1233	1527	1349	1435	1292	1277	1349	1473	1281	1293	1205	1445	1292	1264	1221	1429	1217	1265	1212	1471	1282	1489	1211	1282	1212	1436	1212	1436	1212		

População residente (N<sup>o</sup>) por Local de residência (NUTS - 2013), Sexo e Grupo etário, Anual - INE, Estimativas anuais da população residente

Nota(s):  
 (1) A partir de 1 de janeiro de 2015 entrou em vigor uma nova versão das NUTS (NUTS 2013). Ao nível de NUTS II ocorreu apenas uma alteração de designação em "Lisboa" que passou a ser designada por "Área Metropolitana de Lisboa".  
 (2) São Estimativas Provisórias Anuais de População Residente, segundo a metodologia desenvolvida e aprovada pela Comissão Administrativa de Proteção de Dados (CAEPD) e em conformidade com as NUTS (NUTS 2013) em vigor a partir de 1 de janeiro de 2015.

Última atualização destes dados: 14 de junho de 2019

Fonte INE

## Anexos 7 - Tabela Densidade Populacional

Quadro extraído em 05 de Outubro de 2019 (10:39:38)  
<http://www.inec.pt>

Local de residência (NUTS - 2013) (1)	Densidade populacional (N <sup>o</sup> /km <sup>2</sup> ) por Local de residência (NUTS - 2013); Anual	Período de referência dos dados					
		2018	2017	2016	2015	2014	2013
		N <sup>o</sup> /km <sup>2</sup>	N <sup>o</sup> /km <sup>2</sup>	N <sup>o</sup> /km <sup>2</sup>	N <sup>o</sup> /km <sup>2</sup>	N <sup>o</sup> /km <sup>2</sup>	N <sup>o</sup> /km <sup>2</sup>
Portugal	PT	111,4	111,6	111,8	112,1	112,5	113,1
Oeste	16B	160,7	161,1	161,3	161,5	161,4	162,2
Arruda dos Vinhos	16B1102	193,5	191,4	188,6	185,7	182,9	181,8
Bombarral	16B1005	137,3	137,8	138,1	138,8	139,5	141
Cadaval	16B1104	77,9	78,4	78,8	79,1	79,3	80,1
Sobral de Monte Agraço	16B1112	201,3	199,8	197,6	196,3	195,4	196

Densidade populacional (N<sup>o</sup>/km<sup>2</sup>) por Local de residência (NUTS - 2013); Anual - INE, Estimativas anuais da população residente

Nota(s):  
 (1) A partir de 1 de janeiro de 2015 entrou em vigor uma nova versão das NUTS (NUTS 2013). Ao nível de NUTS II ocorreu apenas uma alteração de designação em "Lisboa" que passou a ser designada por "Área Metropolitana de Lisboa".

Última atualização destes dados: 19 de junho de 2019

Fonte INE

## Anexos 8 - Tabela nº de Empresas

Quadro extraído em 05 de Outubro de 2019 (12:11:33)  
<http://www.inec.pt>

Período de referência dos dados	Localização geográfica (NUTS - 2013) (1)	Empresas (N <sup>o</sup> ) por Localização geográfica (NUTS - 2013), Atividade económica (Divisão - CAE Rev. 3) e Forma jurídica; Anual (2)																	
		Atividade económica (Divisão - CAE Rev. 3)																	
		Total	Agricultura, produção animal	Indústrias extrativas	Indústrias transformadoras	Eleticidade, gás, vapor, água quente	Captação, tratamento e	Construção	Comércio por grosso e a retalho	Transportes e armazenagem	Alojamento, restauração e	Atividades de informação e de	Atividades imobiliárias	Atividades de consultoria	Atividades administrativas e	Educação	Atividades de saúde humana e	Atividades artísticas, de	Outras atividades de serviços
		Forma jurídica																	
		N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>	N <sup>o</sup>
2017	Arruda dos Vinhos	1682	147	0	156	9	12	88	355	80	85	32	72	138	214	91	119	53	81
	Bombarral	1743	514	0	82	0	1	131	328	23	116	8	39	118	184	45	59	31	64
	Cadaval	1755	688	7	50	7	0	120	273	33	88	11	18	109	170	42	48	25	85
	Sobral de Monte Agraço	1251	129	0	91	9	1	102	270	38	68	15	25	83	178	47	71	30	44

Empresas (N<sup>o</sup>) por Localização geográfica (NUTS - 2013), Atividade económica (Divisão - CAE Rev. 3) e Forma jurídica; Anual - INE, Sistema de contabilidade integrado das empresas

Nota(s):  
 (1) A partir de 1 de janeiro de 2015 entrou em vigor uma nova versão das NUTS (NUTS 2013). Ao nível de NUTS II ocorreu apenas uma alteração de designação em "Lisboa" que passou a ser designada por "Área Metropolitana de Lisboa".  
 (2) Ainda no âmbito da implementação do SEC 2010 nas Contas Nacionais, nomeadamente de necessidade de distinguir as Sociedades Gestoras de Participações Sociais (Holdings) das Sedes Sociais (Head offices) procedeu-se a uma atualização dos estatísticos das empresas. Estas alterações tiveram referência im

Última atualização destes dados: 13 de fevereiro de 2019

Fonte INE

### Anexos 9 - Tabela Porção de População Residente Estrangeira

Quadro extraído em 12 de Outubro de 2019 (12:56:36)			
<a href="http://www.ine.pt">http://www.ine.pt</a>			
<b>Local de residência (à data dos Censos 2011)</b>		<b>Proporção da população residente de nacionalidade estrangeira (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo</b>	
		<b>2011</b>	
		<b>Sexo</b>	
		<b>HM</b>	<b>H</b>
		<b>M</b>	
		<b>%</b>	<b>%</b>
<b>Portugal</b>	PT	3,74	3,73
<b>Oeste</b>	16B	3,92	4,02
<b>Bombarral</b>	1005	3,43	3,62
<b>Arruda dos Vinhos</b>	1102	5,15	5,30
<b>Cadaval</b>	1104	2,33	2,42
<b>Sobral de Monte Agraço</b>	1112	4,48	5,10
Proporção da população residente de nacionalidade estrangeira (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo; Decenal - INE, Recenseamento			
Última atualização destes dados: 10 de outubro de 2013			

Fonte: INE

### Anexos 10 - Tabela Porção de População Diplomada

Quadro extraído em 13 de Março de 2018 (19:39:46)									
<a href="http://www.ine.pt">http://www.ine.pt</a>									
<b>Período de referência dos dados</b>	<b>Sexo</b>	<b>Proporção da população residente com ensino superior completo (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo; Decenal</b>							
		<b>Local de residência (à data dos Censos 2011)</b>							
		<b>Portugal</b>	<b>Oeste</b>	<b>Bombarral</b>	<b>Nazaré</b>	<b>Óbidos</b>	<b>Arruda dos Vinhos</b>	<b>Cadaval</b>	<b>Sobral de Monte Agraço</b>
		PT	16B	1005	1011	1012	1102	1104	1112
		%	%	%	%	%	%	%	%
<b>2011</b>	<b>HM</b>	15,11	11,05	9,03	10,57	9,73	14,80	7,01	10,51
	<b>H</b>	12,78	8,60	7,04	8,60	8,10	11,41	5,21	8,39
	<b>M</b>	17,16	13,26	10,83	12,31	11,20	17,90	8,65	12,50
Proporção da população residente com ensino superior completo (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo; Decenal - INE, Recenseamento da população e habitação - Censos 2011									
Última atualização destes dados: 16 de fevereiro de 2013									

Fonte: INE

### Anexos 11 - Tabela de Porção de População Diplomada Freguesias e Concelho

Quadro extraído em 27 de Março de 2018 (11:42:01)			
<a href="http://www.ine.pt">http://www.ine.pt</a>			
<b>Local de residência (à data dos Censos 2011)</b>		<b>Proporção da população residente com ensino superior completo (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo</b>	
		<b>2011</b>	
		<b>Sexo</b>	
		<b>HM</b>	<b>H</b>
		<b>M</b>	
		<b>%</b>	<b>%</b>
<b>Portugal</b>	PT	15,11	12,78
<b>Arruda dos Vinhos</b>	1102	14,80	11,41
<b>Arranhó</b>	110201	8,23	6,33
<b>Arruda dos Vinhos</b>	110202	17,50	13,69
<b>Cardosas</b>	110203	15,02	11,92
<b>Santiago dos Velhos</b>	110204	10,17	6,79
Proporção da população residente com ensino superior completo (%) por Local de residência (à data dos Censos 2011) e Sexo; Decenal - INE, Recenseamen			
Última atualização destes dados: 16 de fevereiro de 2013			

Fonte: INE

## Anexos 12 - Tabela População do Oeste e Portugal

Quadro extraído em 12 de Outubro de 2019 (11:10:22)									
http://www.ine.pt									
Sexo	Grupo etário	População residente (N.º) por Local de residência (NUTS - 2013), Sexo e Grupo etário: Anual (2)							
		Período de referência dos dados							
		2018		2011					
		Local de residência (NUTS - 2013) (1)							
		Portugal	Oeste	Portugal	Oeste				
		PT	16B	PT	16B				
		N.º	N.º	N.º	N.º				
<b>HM</b>	<b>Total</b>	10276617	356785	10542398	362311				
População residente (N.º) por Local de residência (NUTS - 2013), Sexo e Grupo etário; Anual - INE, Estimativas anuais da população residente									
Nota(s):									
(1) A partir de 1 de janeiro de 2015 entrou em vigor uma nova versão das NUTS (NUTS 2013). Ao nível da NUTS II ocorreu apenas uma alteração de designação em "Lisboa" que passou de Lisboa para Lisboa-Capital e Região Metropolitana de Lisboa.									
(2) Série Estimativas Provisórias Anuais da População Residente, segundo a divisão administrativa correspondente à Carta Administrativa Oficial de Portugal 2013 (CAOP2013) e a									
Última atualização destes dados: 14 de junho de 2019									

Fonte: INE



Anexos 13 - Fotografia Igreja Matriz  
Fonte: Município de Arruda dos Vinhos



Anexos 14 - Fotografia Chafariz Pombalino  
Fonte: Bruno Rato



Anexos 15 - Fotografia Aqueduto  
Foto: Bruno Rato



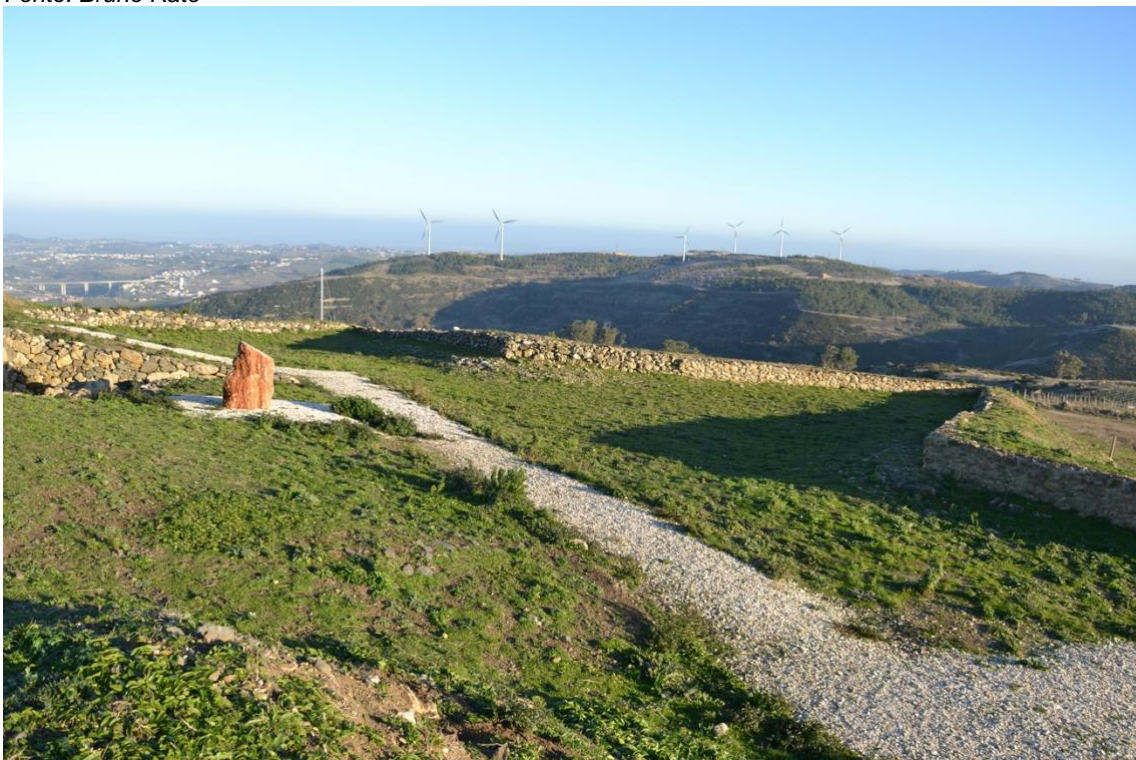
Anexos 16 - Fotografia Moinho do Custódio e Sítio Arqueológico  
Fonte: Bruno Rato



*Anexos 17 – Fotografia Antigos Paços do Concelho  
Foto: Bruno Rato*



Anexos 18 - Fotografia Moinho de Vento de A-do-Mourão  
Fonte: Bruno Rato



Anexos 19 - Fotografia Forte da Carvalha  
Fonte: Bruno Rato



Anexos 20 - Fotografia Forte do Cego  
Fonte: Bruno Rato



Anexos 21 - Igreja de S. Tiago dos Velhos  
Fonte: Município de Arruda dos Vinhos



Anexos 22 - Fotografia Nossa Senhora do Monte  
Fonte: Bruno Rato



Anexos 23 - Fotografia Jardim do Palácio do Morgado / Centro Cultural do Morgado  
Fonte: Bruno Rato



*Anexos 24 - Fotografia Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos*  
Fonte: Augusto Pinheiro in Depósito Artístico



*Anexos 25 - Fotografia Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos*  
Fonte: Augusto Pinheiro in Depósito Artístico



*Anexos 26 - Fotografia Adega Cooperativa de Arruda dos Vinhos  
Fonte: Augusto Pinheiro in Depósito Artístico*



*Anexos 27 - Fotografia Edifício Abandonado*  
*Fonte: João Mata*



*Anexos 28 - Fotografia Paisagem Natural de Arruda*  
*Fonte: João Mata*



Anexos 29 - Fotografia Paisagem Forte da Carvalha  
Fonte: João Mata



Anexos 30 - Fotografia Sede da S.R. Louricense  
Fonte: João Mata



Anexos 31 - CDRG de Cardosas  
Fonte: Bruno Rato



Anexos 32 - Fotografia Cova do Gigante  
Fonte: Bruno Rato